O preferido de Exu

ANTONIO FARIAS DE OLIVEIRA JUNIOR

O preferido de Exu

Antonio Farias de Oliveira Junior

O preferido de Exu

Fundação Gregório de Mattos
Salvador, 2019

Prefeito

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Claudio Tinoco Melo de Oliveira

Presidente da FGM

Fernando Guerreiro

Chefe de Gabinete

Edwin Silva das Neves

Assessora Chefe

Viviane Vergasta Ramos

Assessor Técnico

Plutarco Drummond de Magalhães Neto

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Eric Ferreira de Castro

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente Administrativo-Financeiro

Gildete Nascimento Ferreira

Diretora de Planejamento e Projetos Culturais

Silvia Maria Russo de Oliveira

Gerente de Promoção Cultural

Felipe Dias Rego

Gerente de Equipamentos Culturais

José Francisco de Assis Santos Silva

Diretora de Patrimônio e Humanidades

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente de Patrimônio Cultural

Magnair Santos Barbosa

Gerente de Bibliotecas e Promoção do Livro e Leitura

Claudijane Pereira Palma

Assessora de Comunicação

Patricia Lins Cerqueira Rocha Barbosa

Copyright © by Fundação Gregório de Mattos
Todos os direitos reservados.

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II as seguintes publicações:
Adelice Souza / *Álbum fabuloso* / Conto
Antonio Farias de Oliveira Junior / *O preferido de Exu* / Romance
Carla Bittencourt / *Kanoni* / Literatura Infantil
Gilka Bandeira / *Janelas abertas* / Crônica
Luciana Comin / *Céu de Maracangalha* / Dramaturgia
Marcelo Lima / *O Bicho que Chegou a Feira* / Livre - Adaptação
Marcus Vinícius Rodrigues / *Manual para composição de vitrais* / Poesia
Nívia Maria Vasconcellos / *A paixão dos suicidas* / Livre - Novela

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro Ano II
Alana de Oliveira Freitas El Fahl, Carlos Jesus Ribeiro, Cleise Furtado Mendes, Edilene Dias Matos, Gerana Costa Damulakis, Maria Isabel Vianna Telles Velloso, Ordep Serra

Coordenação | Claudijane Palma e Magnair Barbosa
Revisão | Conceição Rodrigues
Capa | Samuca Andrade
Fotografia da capa | Alcione Ferreira
Diagramação | Carolina Valois
Impressão | Gráfica e Editora Liceu

O48p Oliveira Junior, Antonio Farias de
O preferido de Exu / Antonio Farias de Oliveira Junior ; Fundação Gregório de Mattos. – Recife: Editora Liceu, 2019.
223p.

1. Ficção brasileira. I. Fundação Gregório de Mattos. II. Título.

CDU 869.0(81)-3
CDD B869.3

PeR – BPE 19-246

ISBN: 978-85-5531-065-2

Este livro é dedicado para duas mulheres especiais da minha vida. Minha mãe, Regina Lucia, uma mulher que também soube construir o seu caminho fazendo escolhas corajosas e arriscadas. A sua determinação e incentivo, fizeram parte do estimulo que me envolveu na autoconfiança de maneira muito positiva.

A outra mulher especial, sem qualquer duvida é para minha mulher, Rita, que entende muito bem a importância e necessidade de minha mania de escrever e se torna muitas vezes uma revisora natural.

"Os caminhos surgem naturalmente, no entanto,
a decisão pelas escolhas é sempre nossa".

O lançamento da **Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II** é resultado do trabalho da Fundação Gregório de Mattos/ Prefeitura Municipal de Salvador, com as práticas de incentivo e promoção do livro e da leitura. A **Coleção** cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que *"incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais"*, consoante com o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

Esta coleção conta com oito títulos de autores baianos, que experimentam diferentes gêneros literários, passando pelo conto, romance, crônica, poesia, dramaturgia, literatura infantil e adaptação de um livro para a linguagem dos quadrinhos. Os temas variam desde questões pessoais, lendas infantis, racismo, até fatos reais, como na peça teatral *Céu de Maracangalha,* traçando um painel rico e diversificado da nossa produção literária.

João Ubaldo Ribeiro era irreverente, irônico, bem humorado... um contador de "causos" genuíno. Reunia qualidade literária em diversos gêneros e estilos, carisma, simplicidade e popularidade. Em muitos dos seus livros, trazia o contexto social do Brasil passeando pela culturas portuguesa e africana, sem negar suas raízes nordestinas. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo era romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional. Recebeu, dentre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Seus livros foram traduzidos para várias línguas e adaptados para o cinema, teatro e televisão.

O edital do **Selo Literário**, ao lado dos projetos **Litaratura na Praça**, **Sacola Literária**, e da plataforma virtual **Caminhos Digitais da Leitura**, além da reforma e restruturação das Bibliotecas Edgard Santos e Denise Tavares, visa aproximar cada vez mais o cidadão soteropolitano ao hábito da leitura, essencial para a formação de uma sociedade consciente e participativa.

Quero encerrar agradecendo às colegas Jane Palma e Magnair Barbosa, responsáveis pelo projeto, e à comissão de avaliação, que cuidou da seleção das obras. Boa leitura!

Fernando Guerreiro
Presidente Fundação Gregório de Mattos

Sumário

Capítulo 1 17
Capítulo 2 19
Capítulo 3 22
Capítulo 4 25
Capítulo 5 27
Capítulo 6 29
Capítulo 7 31
Capítulo 8 33
Capítulo 9 35
Capítulo 10 38
Capítulo 11 40
Capítulo 12 43
Capítulo 13 45
Capítulo 14 48
Capítulo 15 49
Capítulo 16 51
Capítulo 17 53
Capítulo 18 55
Capítulo 19 57
Capítulo 20 60
Capítulo 21 63
Capítulo 22 65
Capítulo 23 67
Capítulo 24 68
Capítulo 25 69

Capítulo 26 72
Capítulo 27 73
Capítulo 28 75
Capítulo 29 76
Capítulo 30 78
Capítulo 31 80
Capítulo 32 81
Capítulo 33 84
Capítulo 34 86
Capítulo 35 88
Capítulo 36 89
Capítulo 37 91
Capítulo 38 93
Capítulo 39 95
Capítulo 40 97
Capítulo 41 101
Capítulo 42 103
Capítulo 43 106
Capítulo 44 109
Capítulo 45 110
Capítulo 46 112
Capítulo 47 115
Capítulo 48 117
Capítulo 49 119
Capítulo 50 122
Capítulo 51 124
Capítulo 52 125
Capítulo 53 126

Capítulo 54 127
Capítulo 55 129
Capítulo 56 130
Capítulo 57 132
Capítulo 58 134
Capítulo 59 136
Capítulo 60 137
Capítulo 61 139
Capítulo 62 141
Capítulo 63 144
Capítulo 64 146
Capítulo 65 148
Capítulo 66 149
Capítulo 67 150
Capítulo 68 152
Capítulo 69 154
Capítulo 70 156
Capítulo 71 158
Capítulo 72 160
Capítulo 73 162
Capítulo 74 164
Capítulo 75 166
Capítulo 76 168
Capítulo 77 169
Capítulo 78 170
Capítulo 79 172
Capítulo 80 174
Capítulo 81 176

Capítulo 82 178
Capítulo 83 179
Capítulo 84 180
Capítulo 85 183
Capítulo 86 185
Capítulo 87 187
Capítulo 88 189
Capítulo 89 191
Capítulo 90 192
Capítulo 91 194
Capítulo 92 195
Capítulo 93 196
Capítulo 94 198
Capítulo 95 200
Capítulo 96 202
Capítulo 97 205
Capítulo 98 207
Capítulo 99 210
Capítulo 100 213
Capítulo 101 215
Capítulo 102 217
Capítulo 103 218
Capítulo 104 221

Capítulo 1

Pouco depois de amanhecer, Fidelis, conhecido pelo apelido de Deco, já estava atrelando o burro na carroça para mais um dia de trabalho. Ele se olhou com desgosto no pequeno pedaço de espelho preso na lateral da carroça. Um rapaz de pouco mais de dezessete anos, ele mesmo não sabia ao certo já que não havia registro de nascimento.

Embora fosse forte e um pouco mais alto do que os rapazes conhecidos que acreditava terem uma idade semelhante, não se sentia confiante nem tirava proveito do seu porte. Fidelis era um negro que todos gostavam desde o primeiro momento, o achavam bonito e muito prestativo, embora ele mesmo não se visse dessa maneira.

Fazia amizades com facilidade, por ironia ou medo da vida, tentava esconder ser triste e solitário. Mesmo assim, a sua volta sempre havia muita simpatia. Quem dele se aproximava, logo o queria como a um velho amigo.

Também gostava de todos, no entanto vivia se questionando sobre um sentimento de inadequação naquele ambiente. Era como se ele fosse de um outro lugar. Algo que desconhecia o incomodava, não fazia parte daquele mundo, embora houvesse nascido e se criado naquele meio, entre aqueles pobres e sofredores de todos os dias.

Aquele ano de 1900 estava por chegar, era tido como especial na cidade, para os brancos, por ser o que antecedia a virada do século. Fidelis ignorava o motivo de tanta euforia. Ninguém que conhecia via a importância desse acontecimento. A vida deles não seria alterada em nada. Todos continuariam tão miseráveis quanto antes. Sorria de si mesmo por desejar um destino diferente dos moradores daquele mundo que habitava.

Não era de muita conversa e se envergonhava por ser analfabeto como quase todos à sua volta. Achava que aquela vida não seria da maneira que estava acontecendo por muito tempo. Sonhava em ser muito

mais do que um ajudante de carroceiro. Olhou em volta aquela vila com seis casas muito humildes, construídas precariamente e uma maior ao fundo, de tijolos, que se destacava fugindo ao padrão.

Sua história até então, não contribuía para se aventurar em promover seus sonhos. Reconhecia que não era diferente de ninguém por ali, neto de escravos, negro, órfão e pobre. Agradecia muito ter um teto caridoso que o abrigava. Na Bahia, a lei que libertara os escravos havia sido um desastre completo. A vida dos negros só se tornara mais difícil para a maioria.

Quase todos os negros eram ignorantes, despreparados para a nova vida que teriam de enfrentar. Principalmente os que chegavam do interior. Em Salvador, os que ainda eram escravos na época que a princesa Izabel assinou a lei Áurea, não se incomodaram muito, para eles pouca diferença fazia. Mesmo diante dos preconceitos da sociedade.

Alguns até estavam bem de vida. Eram comerciantes prósperos ou já acumulavam economias significativas embora ainda fossem tratados como negros ignorantes e não circulavam facilmente no mundo dos brancos. Em raras ocasiões invadiam os ambientes dos poderosos, discretamente, sempre por conveniência dos brancos.

Ali na vila, todos eram pobres, menos Dona Umbina, mãe de santo que morava na casa do fundo onde mantinha seu terreiro de candomblé escondido da polícia. Ele não negava que morria de medo daquela gente. Nas noites em que escutava os tambores, se encolhia na cama, apavorado.

Deu uma longa olhada na direção daquela casa apavorante e se estremeceu. Recriminou-se, por manter esse sentimento e deixou escapar um suspiro resignado. Aquele medo se tornava incô modo, mas era uma coisa inevitável que não seria possível explicar para outras pessoas. Nunca teria coragem em admitir enxergar pessoas, que sabia não existirem, circulando naquele lugar. Estranhamente, disso, não sentia medo embora se inquietasse por não acreditar. Menosprezava essas visões e até se considerava maluco, tudo seria ilusão.

A carroça estava pronta. Ele acariciou delicadamente a cabeça do burro e entrou na casa em frente. Era onde morava de favor. Estava com fome e precisava comer alguma coisa antes de sair com Seu Vavá para mais um dia de trabalho.

Capítulo 2

Salvador ainda era uma cidade considerada aos olhos do resto do mundo como muito importante. No entanto, para seus habitantes, ela havia parado no tempo. As casas velhas e as ruas apertadas se tornavam a cada dia um grande problema. Tudo era concentrado onde havia o comércio.

Aos poucos, cresciam muito aqueles aglomerados de casas em locais mais afastados onde os pobres invadiam terrenos aparentemente sem propriedade definida. As construções eram paupérrimas, quase sempre de chão batido, paredes de "sopapo", terra jogada sobre uma armação de varas cruzadas, telhados de palha ou latas de banha de porco abertas e cortadas que se misturavam com as poucas de telhas velhas que quase sempre eram reaproveitadas.

Assim eram construídas vilas que erroneamente chamavam de avenidas.

A distância que teria pela frente entre a vila onde Deco morava, na Baixa de Quintas até o mercado das Sete Portas não era muita. Seu Vavá acordava sempre muito conversador e fazia o trajeto inteiro puxando assunto com o rapaz.

Enquanto conduzia a carroça na estradinha que ladeava o rio das Tripas e os trilhos do bonde da linha que vinha da Barroquinha passando pelas Quintas dos Lázaros seguindo para a Soledade, sempre começava a conversa reclamando do tempo. Também contava histórias pitorescas que escutara dos outros carroceiros, relembrava coisas do passado ou indagava sobre a vida do jovem.

Eles eram bons companheiros e Deco estimava muito aquele homem que o acolhera depois da morte de seu pai. Vavá insistiu para abrigá-lo, mesmo com a desconfiança da sua mulher, que não o queria logo a princípio. Ele seria mais uma boca à sua mesa. Deco não se ofendeu, até concordava.

Ele já se resignara a viver na miséria. Qualquer abrigo seria mais do que merecia. Havia perdido a mãe ainda pequeno, com seis anos, para

uma epidemia de tifo que se mostrou impiedosa na cidade.

O pai dele era coveiro no cemitério das Quintas dos Lázaros. Durante cinco anos sofreu muito a falta da mulher e para suportar tudo, bebia muito como todo coveiro. Envolvido nessa dor, ficou completamente entregue ao vício e morreu de tuberculose. Foi nesse momento triste e doloroso para Deco que Vavá o levou para casa. O rapaz pegou suas poucas roupas e foi morar com o carroceiro.

O mais assustador para ele, era que em todas as vezes que teve contato direto com a morte, o batuque no terreiro de mãe Umbina parecia ser muito intenso. Todos lhe diziam que havia sido coincidência, ele continuava cismado.

Seu pai sempre lhe dizia que a morte é cruel, no entanto vivia dela. Os coveiros conseguiam ganhar um dinheiro extra pegando roupas dos defuntos, dentes de ouro e quando eles davam sorte, joias que a família esquecia ou não queria retirar dos corpos. Até dinheiro encontravam nos bolsos.

Essas roupas e pertences eram vendidos e todos lucravam. Algumas delas, consideradas de pouco valor, eram lavadas e as famílias dos coveiros conseguiam vestir. Era claro que esses fatos só foram revelados para Deco recentemente por Vavá depois de uma carraspana muito braba.

Aquele era um carroceiro que gostava do seu trabalho. Homem de pouca estatura, muito magro e forte como um touro. Seu coração era afeito aos sentimentos mais nobres, se entregava de corpo e alma para ajudar os amigos, no entanto era capaz de ser muito cruel com quem considerava um inimigo.

Naquela manhã, Vavá estava contando para Deco que a filha de mãe Umbina estaria chegando do Rio de Janeiro na próxima semana. Ele tentava fazer o rapaz lembrar-se da moça já que ambos tinham a mesma idade, embora fizesse muito tempo que a menina partira para estudar, com doze anos.

– Não lembro! – Afirmava Deco.

– Impossível! – Vavá sacudia a cabeça. – Lembro-me de ver vocês dois brincando juntos.

– Como é o nome dela? – Indagou Deco sem muito interesse olhando o mato em volta.

– Você me pegou, também não lembro! – Vavá deu de ombros.

Os dois ficaram com seus pensamentos, olhos voltados para frente em silêncio. Uma nuvem negra estava cobrindo o céu, vinda do leste, logo cairia uma chuva na cidade, coisa que ocorria com frequência no final dos meses de março. Nem de longe poderiam imaginar que naquele último ano do século tão próximo, seria um ponto marcado para a transformação na vida deles. Nem sabiam ao certo o que significava ou como se contavam "Os Séculos".

Capítulo 03

Quase todas as manhãs era a mesma rotina. Menos nas quintas-feiras que pegavam carne no matadouro do Retiro e sábado, que passavam antes nas duas hortas perto de casa. Nesses dois dias eles pulavam da cama antes mesmo do sol apontar no horizonte.

Nos outros dias, eles faziam ponto em frente ao mercado das Sete Portas aguardando fregueses de carreto. Estacionavam a carroça no outro lado do rio que era cruzado por uma ponte larga que até bem pouco tempo era de madeira, no ano anterior haviam construído uma de verdade, de alvenaria. Os carroceiros haviam estabelecido praça ao lado do paredão de pedras de sustentação da ladeira que subia para o Alto dos Bandeirantes.

Aquele local era perfeito, pois havia uma bica de água que jorrava entre as pedras. Aquele minadouro saciava a sede dos homens e dos animais. Também servia para abastecer os feirantes que armavam barracas ao lado do mercado.

Aquele era um dos rios que cortava a cidade, passava por ali trazendo muitos detritos e a suas águas não serviam para ser consumidas. Aquela praça do mercado era um local que estava incluído entre os pontos certos para quem necessitava de um carreto na cidade alta. Eram mais de vinte carroças à disposição e os preços bem menores do que em qualquer outro. Também havia muitos "burros sem rabo", aqueles homens puxadores de pequenas carroças.

O cheiro de chuva e o vento carregado de umidade criou redemoinhos de poeira quando Vavá estacionou a carroça. Por ser muito responsável, um cliente costumeiro dos serviços dele, que era Seu Eufrásio, dono de uma vidraçaria próxima, que sabia com certeza de que a encomenda chegaria intacta ao destino se conduzida por aquele carroceiro cuidadoso. Por isso mesmo, o recomendava também aos seus fregueses. Não faltava serviço.

Por isso mesmo, Vavá conseguia ser o carroceiro que ganhava mais dinheiro por ali e mesmo assim continuava pobre. Andava ansioso para que o filho caçula ficasse mais velho e fosse capaz de ter uma segunda carroça. Casimiro, seu filho mais velho, não se interessava pelo negócio, era estivador no porto de Salvador e morava com uma prostituta, perto do elevador do Pilar, há mais de quatro anos.

Eles dois eram os únicos filhos vivos de Vavá e sua mulher, Anita. Ao todo foram cinco partos, mas a vida não abençoou aquelas crianças. Duas meninas gêmeas seriam as primogênitas, mas morreram logo depois de nascidas, em seguida veio Casimiro que quase morre também durante o parto. Dois anos depois nasceu Bárbara, e aos seis meses, pegou tifo e não sobreviveu, na mesma época da morte de Jussara, mãe de Deco. No ano seguinte nasceu Flora.

Agora Anita despejava na menina toda a sua afeição e Vavá a mimava ao extremo depois de terem perdido tantos filhos. A garotinha parecia ser muito inteligente e esperta. Quatro anos depois, Anita nem esperava ter outra criança quando ficou grávida novamente. Dessa vez quase quem morre foi ela. Nasceu Bentinho, forte e saudável, e Anita, muito debilitada pelo parto difícil, foi obrigada a ficar de cama por mais de seis meses.

Quase no fim desse resguardo foi que aconteceu a maior das tragédias na família. Vavá estava voltando para casa na hora do almoço e ao se aproximar da entrada do beco onde morava viu um bonde parado e muitas pessoas revoltadas em volta. Pareciam querer linchar o motorneiro.

O homem estava apavorado e gritava que não havia sido sua culpa. Vavá naquela manhã havia levado Deco para ajudá-lo por insistência de Anita, que já se sentia mais animada e disposta. Nos últimos meses deixara o garoto em casa para tomar conta de Flora e ajudar a mulher, coisa que o jovem fazia com prazer.

Avisando que ia ver o que acontecera, Deco pulou da carroça enquanto Vavá saia do meio da estradinha. O menino se meteu entre as pessoas e o que viu o deixou petrificado. O bonde havia passado por cima de uma criança que jazia morta sobre os trilhos. O que paralisou

Deco na verdade foi ele ter reconhecido a roupa de Flora.

Respirou profundamente várias vezes para tomar coragem. Só depois disso foi capaz de chegar perto do corpo da menina. Era realmente a filha de Vavá e Anita. Foram muitos dias de angústia e sofrimento para todos naquela casa. Anita não se perdoava por ter se descuidado da menina, embora todos lhe afirmassem que não lhe cabia qualquer culpa. Nada a convencia.

Anita repassava várias vezes na cabeça o que havia ocorrido. Estava preparando o almoço quando foi pegar água na fonte. Para não deixar a menina trancada, apenas encostou a porta. Na volta estava tonta e precisou deitar um pouco para não cair desmaiada. Nesse momento, esquecera-se de ver onde estava Flora. Não percebeu que deixara a porta aberta nem que a menina havia saído. A tragédia foi impossível de evitar.

A garotinha saiu saltitando até chegar sobre a passagem dos trilhos pouco adiante da saída da vila. Uma vendedora de pamonha que passava pelo local gritou desesperada. O motorneiro ainda tentou frear, mas não deu tempo. Mais uma vez Deco escutava tambores no terreiro embora não fosse noite e nunca havia festa durante o dia para evitar despertar a atenção da polícia.

Essa tragédia do passado parecia voltar com frequência à cabeça de Vavá, que ficava completamente desnorteado. Nesses momentos bebia muito.

Capítulo 04

Ao final da tarde, daquele dia chuvoso que começara animado, Vavá estava muito satisfeito com o trabalho, mas havia um ar triste em seu rosto. Mesmo com o tempo ruim, eles fizeram três carretos grandes. Entregou a carroça para Deco e o mandou pra casa antes mesmo das seis badaladas dos sinos das igrejas que marcavam o fim do dia de trabalho.

– Vou beber com Bucha e Zequinha. – Disse Vavá se afastando para subir na carroça de Bucha. – Se aparecer algum carreto, ele é seu. - Gritou acenando para Deco.

O rapaz ficou parado algum tempo sem saber se esperava mais algum tempo ou ia logo para casa. Como não estava apressado para ficar escutando Anita reclamando do marido, sentou no fundo da carroça e ficou olhando o céu que ainda estava parcialmente encoberto por nuvens grossas que passavam ligeiras. Estava muito nítida uma promessa de uma noite de chuva grossa.

Ele viu quando um padre saiu da vidraçaria, acompanhado por seu Eufrásio. Eles estavam se encaminhando em sua direção. Logo que chegaram foram perguntando por Vavá. O rapaz explicou que ele estava sozinho e já seguiria para casa.

– E agora? – Indagou o padre olhando desolado para Eufrásio.

– Não gosto dos outros carroceiros! – Disse Eufrásio coçando a cabeça com gestos nervosos.

– Posso levar o vidro! – Disse Deco. – Até sei como colocar na janela se for preciso.

– Sabe mesmo? – Eufrásio olhou o rapaz com desconfiança.

– Coisa simples! – Deco deu de ombros. – O mais difícil é cortar!

– Isso você não aprendeu com Vavá! – Exclamou Eufrásio sorrindo.

– Claro que não! – Décio sorriu também. – Ele não sabe fazer isso.

– Aprendeu onde...? – Indagou o padre curioso.

– Olhando o trabalho na vidraçaria de Seu Eufrásio. – respondeu o rapaz timidamente.

– Vou arriscar! – Disse o padre. – Esta noite sem vidro e fico com a igreja cheia de água.

– Vamos pegar os vidros e o material para a instalação. – Disse Eufrásio acenando para Deco.

– Onde é a igreja? – Indagou Deco para o padre.

– Aqui perto, no largo de Nazaré, a igreja de Nossa Senhora de Nazaré. – Respondeu o padre seguindo em direção à vidraçaria.

Pouco depois das sete e meia da noite, Deco concluiu o trabalho. Os vidros quebrados haviam sido substituídos e o padre Adélio esfregou as mãos com ar animado. A chuva realmente estava começando a desabar, agora a igreja não ficaria cheia de água. Ele pegou no bolso da batina o dinheiro e pagou pelo serviço do rapaz.

– Não precisa de troco! – Disse o padre puxando o rapaz pelo braço em direção à porta. – Aí tem o carreto e um bom agrado. Você merece.

Aquele era o primeiro dinheiro que Deco ganhava na sua vida. A sensação de receber uma remuneração por seu trabalho o deixou muito feliz. No caminho de volta para casa acariciava vez por outra o bolso onde estava guardado o dinheiro. Ele ainda não sabia nem como o gastaria, mas ali começava a mudar sua trajetória na maneira de viver.

Capítulo 05

Ao entrar no beco onde ficava sua casa, a chuva fina que começara a cair no meio do caminho engrossara. Deco, encharcado, estacionou sem pressa a carroça, desatrelou o burro e o amarrou na árvore. Assim o animal ficava protegido pela copa grande da Jaqueira velha. Quase na entrada da casa do candomblé, ele teve a impressão de que perto do poço, havia um homem vestido de branco com uma touca vermelha na cabeça que o observava.

O rapaz estremeceu e correu para dentro de sua casa. Exatamente como esperava, Anita foi logo perguntando onde estava o marido. O rapaz apenas disse que Vavá havia saído com Bucha e Zequinha. Estava muito cansado e ao mesmo tempo eufórico para se incomodar com os lamentos e reclamações dela.

Depois de guardar numa caixinha velha de charutos o dinheiro que recebera pelo trabalho na igreja, onde estava o único retrato do pai e da mãe, foi até a cozinha. Dona Anita não parava de falar. Despiu a camisa velha e encardida. Pegando o pedaço de sabão sobre a prateleira ao lado do fogão a lenha, saiu novamente de casa para tomar um banho aproveitando a água de chuva que caía da bica do telhado.

A chuva engrossara muito. A bica da calha do telhado despejava muita água. Ele aproveitaria bem aquele banho já que não teria de ir até a fonte no fim da rua, perto da jaqueira, onde pensava ter visto o vulto de branco.

Naquela hora o beco estava deserto e muito escuro, seria quase impossível passar alguém. Resolveu ficar completamente despido. Caso surgisse alguém inesperadamente, ele se esconderia na parte lateral entre as duas casas que não dividiam parede.

Deixando a água bater sobre seus ombros, se deliciava ainda com a lembrança do dinheiro ganho de maneira inesperada. Passou o sabão grosseiro no corpo e sorria o tempo inteiro até que voltou seu olhar

novamente para onde acreditava ter visto o vulto de branco.

Ele ainda estava lá. Envolvido por uma neblina estranha sem ser incomodado pela chuva, dessa vez parecia acocorado bem junto ao tronco da árvore. Estranhamente olhava na sua direção, no entanto, essa era uma certeza que jamais poderia ter. A noite muito escura não ajudava. Seria uma visão ou realmente era um homem de verdade?

Constrangido, Deco apressou o banho, vestiu a calça molhada e voltou para dentro de casa. Assim que entrou, Anita lhe entregou um copo com um pouco de cachaça. O rapaz bebeu de um só gole se estremecendo e fazendo uma careta. Ele levou o copo vazio até a pia da cozinha e foi trocar de roupa no quarto que dividia com o filho do casal. No caminho deu um beijo no rosto de Anita que estava resmungando, enquanto passava a ferro de carvão as roupas que teria de entregar no dia seguinte.

Depois de se trocar, Deco ficou sentado na sua cama improvisada, olhando a caixinha de charutos onde estava o dinheiro e o retrato de seus pais. Nesse momento se deu conta do pouco que possuía para afirmar ser seu. Além daquela cama velha que pertencera a seus pais, duas mudas de roupas, que recebera como presente de um coveiro amigo do seu pai, que provavelmente foram retiradas de algum defunto e aquele retrato desbotado dos pais.

Estava acomodado vivendo do favor e caridade de Vavá e Anita. Embora trabalhasse muito ajudando seu protetor, nunca recebia remuneração. Abriu a caixinha de charutos e olhou para o dinheiro. Nunca se preocupou com essa maneira de viver, agora algo o incomodava. Teria de pensar na sua sobrevivência por conta própria. Ter sua casa, comprar roupas que não fossem herdadas de defuntos e principalmente um chinelo de couro comprado no mercado. Sempre andara descalço.

Sorriu malicioso, satisfaria essa sua vontade de ter um calçado na manhã seguinte e guardaria o resto do dinheiro.

Capítulo 06

Depois de estacionar a carroça naquela manhã, no local de sempre, Vavá empurrou o rapaz o mandando ir logo comprar a chinelo de couro. Ele se divertiu muito com o rapaz contando como ganhara dinheiro e sobre seu maior desejo naquele momento. Ele nem imaginava que em breve, logo estaria perdendo muito mais do que o seu ajudante.

Deco atravessou a ponte correndo e entrou no mercado. Agoniado e tímido, foi direto até ao vendedor de sapatos e chinelos. Por ser a primeira vez que comprava algo para si mesmo, estava com medo de errar e sentia um frio no estômago incomodando. Depois de escolher um bem barato, pagou e calçou a chinelo. Saiu caminhando lentamente, um pouco desajeitado, era estranho ter algo nos pés além de lama.

Na porta do mercado, ficava a barraca de Seu Tadeu que vendia livros de segunda mão e material para escrever. Ele parou por curiosidade, sendo atraído pela capa de um livro na prateleira onde aparecia um barco no meio do mar.

– Vai querer o livro? – Indagou Seu Tadeu com um sorriso irônico nos lábios. – As aventuras de Gulliver.

– Que é isso, Seu Tadeu? – O rapaz deu de ombros. - Sou ignorante, sem dinheiro e não sei ler.

– Esperto como é, não duvido que aprenda com facilidade. – Disse Tadeu com lábia sedutora de vendedor.

– Se aprender um dia, eu volto e compro o livro! – O rapaz conhecia bem a fama de Tadeu. Acenou e saiu apressado do mercado.

O rapaz gostaria muito de aprender a ler, mas não sabia nem por onde começar. Outra coisa que nunca havia pensado, era o fato de que, morando em Salvador, nunca havia chegado perto do mar. Ao se aproximar da carroça, os carroceiros ficaram admirando com gozação

a chinelo do rapaz. Ele apenas fingia sorrir, sua cabeça estava distante sonhando com o mar. Depois de algum tempo, a gozação acabou e naquele momento, foi que Vavá notou o ar disperso do rapaz.

– No que está pensando? – Indagou, desconfiado.

– O senhor já esteve na praia? – Indagou Deco de volta.

– Cheguei bem perto uma vez. – Respondeu Vavá, pensativo.

– Passei pela praia da Preguiça, quando fui levar uma encomenda para os padres no solar do Unhão.

– Deve ser muito bom entrar na água! – Disse o rapaz com olhar de desejo perdido no céu.

– Dizem que a água é salgada! – Vavá fez cara de nojo. – Que ideia é essa agora?

– Fica longe essa praia da Preguiça?

– Até que não...! Seguimos na direção da Rua da Barroquinha, subimos a ladeira da Sé, descemos a ladeira da Preguiça e mais adiante um pouco, chegamos à estradinha que beira o mar. – Explicou Vavá relembrando o trajeto. – Uma hora... Mais ou menos, de carroça apressada.

– Vamos lá domingo? – Sugeriu Deco com animação. – Aposto que dona Anita vai ficar contente. Também acredito que Bentinho vai adorar.

– Pode ser....! – Vavá coçou a barba rala por fazer. –Você pergunta pra ela. Se eu falar nisso vai ficar desconfiada. Já se for um convite seu, é capaz de querer ir.

– Falo com ela assim que chegarmos em casa! – Deco apontou com a cabeça um homem que se aproximava para contratar carreto.

Ele havia despertado repentinamente para a satisfação de pequenos desejos que antes nem passavam por sua cabeça. De alguma maneira, receber dinheiro por algo que fizera por merecer, lhe deixou mais confiante.

Capítulo 07

Durante o restante da semana a cabeça do rapaz parecia explodir de tantas ideias. Mantinha como sempre seu hábito de falar pouco e guardava para si mesmo os pensamentos. Sonhava com o mar, com novos trabalhos para ganhar dinheiro, não era mais a mesma pessoa. Inclusive, achava que depois daquele dia no qual recebera o pagamento das mãos do padre, se tornara bem mais conversador. Indagava por coisas que antes não lhe ocorriam pensar.

Havia se empenhado muito para convencer Dona Anita de que aquele passeio seria muito bom para a família. Ela não queria ir, alegou primeiro que tinha medo de lugares desconhecidos, depois que não sabia o que vestir e mesmo que soubesse não tinha roupa. Com paciência o rapaz vencia a sua argumentação e por fim sem saber mais como evitar aquele passeio, disse que estava com muita roupa para passar no domingo que devia entregar na segunda feira.

Dessa vez quem entrou na conversa foi Bentinho que escutava a conversa encolhido na cozinha. O menino se ofereceu para ajudar a mãe lembrando a ela, que sabia passar roupas pequenas. Ele estava animado com a possibilidade de conhecer a praia e seus olhos brilhavam. Dessa vez Anita não buscou novos argumentos para deixar de ir naquele passeio. O resto da semana Bentinho se mostrou tão entusiasmado que terminou contaminando a mãe.

No sábado, ao fim da tarde magnífica na qual o sol no horizonte avermelhava as poucas nuvens ralas no céu azul, Deco estava eufórico com a expectativa de conhecer o mar no dia seguinte. Vavá decidira voltar pra casa um pouco antes da hora de sempre, e mandou que Deco lavasse a carroça para o passeio.

Sem pressa, o rapaz amarrou o burro na árvore costumeira e puxou ele mesmo a carroça mais à frente, para ficar bem perto do poço. Ao passar pela jaqueira viu o negro velho, o homem de branco, de pé

segurando uma bengala que o observava com um sorriso maroto nos lábios, ar altivo de quem acredita ser melhor ou o mais importante de todos os homens.

Deco pensou em interpelar aquele velho para saber o que ele fazia ali, mas ao olhar novamente na direção da velha jaqueira, vi que não havia mais ninguém. Lavou a carroça com satisfação e depois tomou um banho na fonte. Sem qualquer motivo, lembrou-se do livro com a gravura do barco no mar agitado. Gostaria muito de ler o que estava escrito nele. Terminou de lavar a carroça lamentando ser ignorante. Não deixaria que essa sensação desagradável quebrasse o encanto do passeio que faria no dia seguinte.

Sem pressa, ele puxou a carroça de volta para perto da árvore onde estava amarrado o burro e caiu na gargalhada sarcástica pensando na sua condição de vida. Passara-lhe pela cabeça que ele e o animal eram parecidos, trabalhavam sem ganhar, que talvez fosse melhor ele mesmo puxar a carroça. Entrou em casa ainda sorrindo e foi para cozinha beber água.

Capítulo 08

Logo que o dia se anunciou com um sol ainda tímido no horizonte, todos na casa pularam da cama. O falatório ficou infernal, a agonia para fazer as coisas criava muita confusão. Os comentários eram nervosos e a demonstração de ansiedade tomara conta deles, terminavam perdendo muito tempo, até mesmo para as coisas feitas todos os dias.

O cheiro da farofa de carne seca invadiu a casa inteira quando Vavá destampou a panela de barro que estava sobre o fogão. Imediatamente Anita o repreendeu e procurou logo embrulhar a panela com um pano.

Finalmente todos terminaram de comer e Vavá saiu da casa acenando para Deco. Os dois foram atrelar o burro na carroça. Quando já estavam terminando o serviço, viram Bentinho sair de casa correndo na direção da casa do fundo da vila.

– O que esse menino vai fazer no terreiro de candomblé? – Indagou Vavá desconfiado olhando para Deco que deu de ombros.

Nesse momento Anita gritou pelo marido mandando ele trazer a carroça para arrumar as coisas. Ela aspirou o ar matutino com satisfação, era a primeira vez que a família saía para um passeio como aquele. Era um acontecimento que nunca mais seria esquecido.

Sorridente e cantarolando, colocou a panela de comida embaixo do assento da carroça, um garrafão de vidro com água e um cesto com bananas e laranjas. Não negava que estava muito nervosa e cheia de medo daquela aventura, mas também estava feliz.

– Aonde você mandou Bentinho? – Indagou Vavá olhando a mulher com ar de censura e depois subindo no assento da carroça.

– Vá buscar a garrafa de cachaça. – Disse Anita para Deco que imediatamente entrou em casa.

Sem dar importância para a indagação do marido, ela estendeu a mão na direção dele que a puxou para cima ajudando a subir na carroça e sentar ao seu lado. Deco não demorou quase nada e quando voltou com a garrafa na mão quase a deixa cair ao ver quem chegava de mão dada com Bentinho.

Ele sabia que conhecia aquela mocinha negra de olhos cor de mel. Ela trajava um vestido de estampado alegre e carregava uma sacola. Recuperando-se do susto, ele pegou a sacola na mão dela e colocou na carroça. Era angustiante não lembrar o nome da moça. Embora as feições lhe fosse familiar, ele nem fazia ideia de onde já havia visto aquela linda moça.

– Lembra-se da Lurdinha...? – Indagou Anita para Deco que parecia petrificado. – Ficou mudo, Deco?

– Ele não vai lembrar! – Disse a moça sorrindo. – Éramos muito pequenos quando fui para o Rio de Janeiro. Eu também não me lembrava dele.

Anita deu de ombros e estendeu a mão para a moça também subir na carroça e sentar junto dela, empurrando Vavá mais para a ponta do assento, que a olhava desconfiado. Deco e Bentinho se arrumaram no fundo da carroça e eles partiram para o passeio que todos ansiavam.

Capítulo 09

Os comentários de Bentinho, que nunca havia passado do mercado das Sete portas, eram engraçados. O menino se encantava com tudo. Anita só conhecia naquele lado da cidade até a Barroquinha, assim mesmo, estivera lá apenas duas vezes. Lembrava bem, de uma que Vavá a levou para conhecer o caminho do bonde e outra vez para comprar um tecido que precisava para fazer uma toalha de mesa.

Deco estivera várias vezes no largo da Barroquinha fazendo carretos com Vavá e mesmo assim, achava tudo muito diferente sem a movimentação das carroças dividindo a rua com os bondes e os puxadores de carroça, "Burros sem Rabo". O largo do Paço Municipal e o prédio da prefeitura causaram espanto e admiração. Pela primeira vez avistavam ainda distante o mar azul e a ilha que ficava ao fundo.

Até o vento que soprava era diferente, revigorante. Mesmo ainda longe da praia já sentiam o cheiro do sal. As exclamações de admiração eram mais constantes já que penetravam numa zona onde viviam os ricos da cidade. A ansiedade aumentava a cada rua que deixavam para trás.

Quando finalmente desceram a ladeira da Preguiça e chegaram diante da praia, quase todos ficaram sem fala e de boca aberta. Lurdinha parecia se divertir com tudo e para ela, até então, não havia encontrado ainda nada que a motivasse daquela maneira, depois de ter morado por mais de seis anos numa cidade bem mais importante, na capital do país.

Ainda era cedo e não havia muita gente na praia. Eles estacionaram a carroça sob a copa frondosa de uma mangueira enorme onde amarraram o burro. Vavá comentou satisfeito que havia uma fonte no outro lado da estrada e que caso lembrasse disso antes, não precisariam ter trazido água.

Arrumaram a lona que servia para cobrir as mercadorias dos carretos em dias chuvosos sobre o matinho ralo à sombra da mangueira.

Para surpresa de todos, sem qualquer aviso, Lurdinha levantou o vestido o retirando passando pela cabeça. Ela vestia por baixo uma roupa de banho preta de gola branca e saiote da mesma cor. A moça possuía um corpo invejável.

– Esse traje de banho é a última moda no Rio de Janeiro. – Ela disse sem afetação ao perceber o espanto geral.

– Muito... Indecente! – Murmurou Vavá para Anita.

– É lindo! – Disse Anita ainda pasma. – Eu não teria coragem de vestir!

– No Rio de janeiro, todo mundo veste uma roupa assim? – Indagou Vavá.

– Quase todo mundo, Seu Vavá! – a moça respondeu gargalhando.

– Ficou linda! – Gritou Bentinho! – Tira o olho, Deco!

Lurdinha fez uma mesura de agradecimento e puxou Deco e Bentinho pela mão os chamando para entrarem na água. O menino se animou. Já Deco ficou com o semblante de quem nitidamente estava apavorado. Deco tentou se livrar da moça e disse não saber nadar.

– Confesso que estou amedrontado! – Deco se retraiu.

– Deve ser raso na beirada! – Disse Lurdinha, sorridente. – Qualquer coisa eu salvo vocês, sou ótima nadadora.

Depois de respirar profundamente o rapaz aceitou o desafio, ele queria muito sentir o corpo mergulhado naquela imensidão de água. Ao pisar na areia ficou deliciado, era um contato que nunca imaginaria. Ao tocar na água, quase entra em êxtase, era algo que nem sonharia e se encheu de coragem.

Mesmo sem ter um traje adequado, vestindo sua calça e uma camiseta velha, pulou na água e deixou seu corpo ser inteiramente coberto por aquele líquido salgado. Era maravilhoso, uma sensação de leveza e paz tomou conta do rapaz que quase morre afogado por ter esquecido de que não conseguiria respirar.

Para ficar de pé novamente foi necessário aceitar o apoio da mão de Lurdinha, que se divertia com toda aquela inocência a sua volta. Eles estavam felizes. Assim que Deco tomou conta novamente de seus pensamentos, mais uma vez percebeu o quanto era ignorante. Intimamente decidiu que não aceitaria mais a mediocridade da vida que estava levando. Até aquela manhã, nem sabia onde ficava o Rio de Janeiro, era uma cidade que nem parecia existir.

Sua cabeça girava movida pela da fome de conhecimento. Havia muita pressa. Uma ansiedade que lhe assaltara. Estava percebendo que habitava um mundo insignificante e pequeno. Queria conhecer mais coisas, desnudar o mundo o que até bem pouco tempo nem lhe ocorria ser possível. Queria morar num mundo maior e mais ousado. Para isso, teria de começar por ganhar seu próprio dinheiro.

Nada o impediria de tentar mudar o caminho que pensava seguir sem preocupação. Queria ser dono dos seus passos. Não deixaria o tempo passar e nem se comprometeria com outra coisa além da busca dos meios para obter êxito nesse objetivo. Depois de experimentar o sabor desse veneno chamado conhecimento, preferia morrer tentando alcançar outras doses cada vez mais fortes.

Capítulo 10

Durante duas semanas depois do passeio até a praia da Preguiça, Deco tentou conseguir encontrar uma maneira de ganhar dinheiro. Nenhuma das possibilidades em que pensava dava certo. Na vidraçaria, o Seu Eufrásio lhe dissera que já estava com seu pessoal completo e prometeu que aparecendo outra emergência o chamaria. Era uma promessa vaga e que talvez fosse apenas uma desculpa para se livrar dele.

No sábado, ao lavar a carroça no final da tarde, sentia que o desânimo estava se instalando em sua cabeça. Queria lutar contra uma enxurrada de pensamentos negativos, mas sabia que a vida lhe devolvia a ignorância que acumulava e nela se afogaria como todos os que viviam à sua volta.

O burro amarrado na velha árvore urrou lhe chamando a atenção. Viu o velho preto de gorro vermelho na cabeça. Segurava uma bengala numa mão e na outra, um chapéu preto de abas grandes, amassado e deformado. Estava acocorado perto da árvore e seus olhos grudados no rapaz.

Deco colocou sobre a borda do poço, que chamava de fonte, a lata que usava para pegar água e voltou a olhar na direção da árvore, o velho havia desaparecido. Foram apenas poucos segundos, não entendia como aquilo era possível. Para completar o assombro, ao se voltar para pegar novamente a lata e terminar de lavar a carroça, o velho estava de pé ao seu lado. O chapéu na cabeça cobria quase totalmente os olhos.

– Que susto! – Disse o velho fingindo medo, com uma voz melosa e soprada. – Hihihi… O menino se assustou?

– Um pouco! – Disse Deco de maneira acanhada com a voz trêmula.

– Me aproximei apenas para lhe dizer que seus caminhos ainda não estão abertos. – O velho empurrou com o dedo polegar da mão esquerda, a aba do chapéu mais para baixo.

– Não entendo...

– Se me pedir, eu abro seus caminhos agora mesmo. Caso prefira

continuar com dificuldades, deixamos essa conversa onde estamos.

– O que o senhor sabe das minhas dificuldades? – Indagou o rapaz com desconfiança.

– Vai ser difícil explicar, no entanto, posso lhe dizer que tenha paciência, logo começará a encontrar trabalho e vai precisar muito, escolha com sabedoria. – O velho tossiu, virou de lado e acendeu um cachimbo que pegou no bolso do paletó bem engomado, de um branco lustroso e impecável.

– Quem é o senhor? – Deco insistiu.

– Ninguém…, mas pode me chamar de Ninga!

– O que o senhor quer em troca desse trabalho para abrir meus caminhos? – Deco falou com ironia.

– Nada mesmo! – o velho sorriu malicioso. – Não se cobra nada de quem faz parte do nosso afeto e tem a nossa predileção. – O velho deu uma tragada longa no cachimbo, sorriu enquanto soltava uma nuvem de fumaça observando que o rapaz estava confuso. – Basta pedir.

– Eu não estou entendendo! – Deco falou sacudindo a cabeça. – O senhor nem me conhece!

– Eu o escolhi para ser o meu preferido! Diga apenas que quer que eu abra seus caminhos! – O velho soltou outra baforada longa. – Mesmo quando tudo ficar difícil, sempre terá uma ajudinha! Quer que eu abra seus caminhos?

– Eu quero que abra meus caminhos. – Deco falou lentamente e com ar pensativo e muita cautela. Era um descrente!

– Feito! – O velho apontou com a bengala a direção do terreiro. – A mocinha vai chegar!

Deco se voltou na direção indicada e viu que Lurdinha estava fechando o portão. Ao tornar a procurar pelo velho, ele sumira. Seu coração disparou. Aquele tal de Ninga devia ser coisa do terreiro, uma entidade. Estremeceu-se. Embora estivesse vendo, não acreditava nessas coisas, não sentia exatamente medo. Era apenas desconfortável. Parecia maluquice da cabeça.

Lurdinha acenou para Deco e ia passando direto, no meio do caminho mudou de ideia, parou e deu meia volta. Decidiu vir na direção do rapaz que recomeçara a lavar a carroça.

Capítulo 11

Lurdinha ao ver da janela de sua casa Deco trazer a carroça para lavar resolveu insistir na conversa que tivera com Dona Anita sobre Bentinho, dessa vez tentaria envolver Seu Vavá. Aquela cena do rapaz puxando a carroça no lugar do burro lhe dava a certeza que estava certa. Era uma cena deprimente, o homem e o animal se confundiam.

Trocou de roupa e se encheu de coragem para enfrentar a ignorância daquele carroceiro rude, que alegara para a mulher, dizendo que o filho não precisava das letras e dos livros para sobreviver. Ele queria o menino pronto para trabalhar com ele dentro de pouco tempo e não um rapaz interessado em ler, isso era coisa para mulher ou para quem tinha dinheiro desde o berço.

Ao passar por Deco lhe ocorreu que o rapaz poderia ser um bom aliado nessa briga. Era inteligente e demonstrara que não pretendia morrer naquela vida, sem tentar fazer algo mais digno para alcançar seus desejos ambiciosos. Refletiu que não custaria tentar.

Deu meia-volta e foi ao encontro do rapaz que parecia estar com o pensamento distante, enquanto lavava a carroça sem pressa. Ao se aproximar da fonte, sentiu o cheiro de tabaco no ar, era muito forte, embora o rapaz não estivesse fumando.

– Andou fumando? – Ela indagou curiosa, olhando em volta, em busca da origem do odor.

– Não fumo! – Disse Deco, sorrindo acanhado.

– Está certo! – A moça falou sentando na borda da fonte. – Posso lhe fazer uma pergunta? Vai me prometer não ficar ofendido?

– Não vou me ofender! – O rapaz prometeu.

– Se o burro morrer, quem vai puxar a carroça? – Ela indagou com ar de ironia.

– Que pergunta...! – Deco sentou ao lado de Lurdinha.

– Você quer esse trabalho para o resto de sua vida? – Ela atacou novamente.

– Não quero ser carroceiro…, mas eu não sirvo para nada! – Deco respondeu envergonhado.

– O que você quer para a sua vida?

– Deixar de ser ignorante. – Ele falou olhando as mãos. – Outro dia passei vergonha, encontrei um livro bonito e nem sei o nome, o homem perguntou se eu queria comprar.

– Quer aprender a ler? – Lurdinha indagou animada.

– Isso não é coisa pra mim!

– Esqueceu que sou professora? – Ela fingiu superioridade. – Quero que me ajude, será um bom desafio ensinar a você junto com Bentinho.

– Não tenho tempo...

– Não estou falando em dar aulas aos dois na mesma hora, posso lhe ensinar depois que voltar do serviço.

– Não tenho dinheiro para pagar as aulas! – Deco deu de ombros.

– Não vai custar nada! – Ela levantou-se. – Basta pedir!

Ele recordou imediatamente das palavras do velho. A moça saiu sem pressa, deixando rapaz sem fala. Era a segunda vez que alguém lhe oferecia uma coisa sem querer algo em troca. Até a maneira de ambos falarem foi semelhante, ele teria de pensar com cuidado para não cometer um erro que mais tarde fosse a causa de um grande arrependimento.

Sabia que a moça o olhava com malícia, embora tentasse negar. Desde pequeno aquela gente do terreiro lhe deixava sem graça e com medo. Ela era filha de uma poderosa Babalorixá. Nem a polícia conseguia chegar perto de seu terreiro.

Seu coração estava batendo acelerado, ao pensar na possibilidade de se tornar menos ignorante e aprender a ler, no entanto, também essa ideia o deixava aflito por não ter a certeza de que conseguiria êxito. Talvez apenas fosse mais uma vergonha que acumularia. Teria de pensar muito no assunto.

O burro urrou, ele parecia se estremecer. Sem pressa, Deco se encaminhou na direção do animal que urrou novamente, dessa vez parecia

ter perdido as forças e se fosse uma pessoa, o rapaz diria que estava gemendo. Acariciou o pescoço do burro e ficou algum tempo o observando com ar de preocupação. O bicho poderia ter ficado doente.

Aquele animal estava velho e trabalhava muito. Havia sido muito importante para o sustento da família e se contentava com o capim que comia. Talvez estivesse na hora de se aposentar. Conversaria sobre essa possibilidade com Vavá, num momento mais oportuno.

Capítulo 12

Ao voltar para casa, Deco encontrou Vavá irritado tentando não ser rude com Lurdinha que insistia em dar aulas para Bentinho. A moça insistia em convencer Vavá da importância de saber ler para o futuro de Bentinho, argumentava que o mundo que estava se transformando. Ele se mostrava irredutível, o que a fez deixar escapar um suspiro desanimado e se despedir.

Assim que Lurdinha saiu da casa, Vavá olhou para mulher com ar de quem se irritara com a conversa e quase aos berros deixou claro que não queria mais escutar aquele assunto sob o risco de expulsar Lurdinha de maneira grosseira, caso voltasse a persistir naquela proposta.

– Filho de carroceiro tem que ser carroceiro. – Ele respirou fundo. – O menino começa a trabalhar comigo e com Deco na próxima semana. – Ele saiu da sala e foi para o quarto bufando.

Anita caiu sentada na cadeira velha passando as mãos nos cabelos. Conhecia o seu homem e sabia que não seria prudente manter uma conversa naquele momento, mais tarde encontraria uma maneira de oferecer ao filho o que ela nunca teve e morria de inveja de quem sabia entender o significado daquelas letrinhas juntas. Na sua cabeça estava decidido que não deixaria o filho na completa ignorância.

Realmente o mundo estava mudando e a leitura não era apenas para os ricos. Acreditava no que Lurdinha dissera sobre o futuro. Em pouco tempo não haveria lugar para carroceiros, as máquinas estavam chegando mais rapidamente na cidade. Quem não soubesse ler, ficaria perdido e pobre, sem esperança de uma vida melhor.

Assustou-se quando Deco tocou delicadamente no seu ombro, e se voltou para o rapaz que sorria com malícia por ter na cabeça uma ideia. Ela também sorriu. Aprendera a gostar muito do jovem que se portava melhor do que um filho. Ele aproximou os lábios dos seus ouvidos.

– Arrume uma desculpa… Convença Seu Vavá que só pode liberar Bentinho pela manhã e assim ele estuda com Lurdinha depois do almoço. – Disse Deco quase sussurrando.

– Não gosto disso, mas ao que parece não terei outra saída! – disse Anita suspirando enquanto sacudia a cabeça lentamente concordando com a sugestão.

Capítulo 13

Pela manhã, quando Vavá pulou da cama naquela segunda-feira, a chuva que começara a cair ainda nas primeiras horas da manhã, estava muito intensa. Os trovões eram fortes e os raios cortavam o céu como fogos de artifício invadindo a casa com uma luz azulada e ameaçadora, que provocaria em quem o visse a sensação de ter encontrado um fantasma.

Vavá corria de um lado para outro tentando fechar as janelas que abriam sozinhas com a força do vento. Supersticioso, e por isso mesmo apavorado, cobriu com um pano o pequeno espelho pendurado na parede.

Voltou para perto de uma janela para olhar por uma fresta observando o céu. Estava irritado e a todo instante dava um muxoxo. Sabia que num dia assim, teria pouco trabalho e voltaria para casa de bolso vazio. Talvez nem fosse trabalhar, mas precisava tentar. Ao ver que Deco levantara também, o mandou preparar a carroça e foi colocar água para ferver, adiantaria o trabalho de Anita.

Mesmo com a sensação de que aquele dia seria um desastre, não poderia admitir para si mesmo que a chuva o amedrontava. As ruas estariam alagadas e a lama seria um tormento. Com tempo tão ruim, não levaria seu filho naquele dia como havia prometido, talvez sua mulher estivesse certa ao tentar adiar o fim da infância do menino.

Anita se aproximou de Vavá ainda bocejando e o empurrou para fora da pequena cozinha. Ele voltou para a janela e ficou olhando Deco trabalhando. Sabia que o rapaz era de muito valor, sem ele, não teria ganhado muito dinheiro nos últimos anos, o que lhe proporcionara o prazer com as raparigas na pensão da espanhola.

Dando um longo suspiro, lamentou ter gasto o dinheiro assim, devia ter comprado um burro novo e consertado a carroça que estava sendo comida pelos cupins. Dando de ombros fechou a janela vendo que Deco estava voltando para casa.

– Deviam ficar em casa! – gritou Anita da cozinha.

– Deixa de falar bobagens! – Retrucou Vavá se espreguiçando.

– Num dia assim vai perder tempo e voltar pra casa embriagado. -Ela jogou a água no coador cheio de pó de café. – Como sempre o dia é perdido e estará de bolso vazio e a roupa cheia de lama. – complementou Anita com um sorriso de ironia.

Vavá nem se preocupou em responder aquela provocação, apenas sacudiu a cabeça lentamente de um lado para o outro. Ele se aproximou da mulher e a abraçou carinhosamente como não fazia há muito tempo. Embora ela ainda fosse uma bela mulher, reconhecia que quase nunca a desejava. Apenas mantinha nele um sentimento de carinho e amizade por ela que se renovara sem explicação naquele instante.

– Você é uma mulher maravilhosa! – Ele a beijou na testa. – Muito obrigado por ser assim tão companheira.

– Estou lhe estranhando! – Ela se estremeceu franzindo rosto inteiro. –Sonhou com o paraíso?

– Acho que preciso lhe dizer isso… Apenas me sinto feliz, mesmo com todo esse aguaceiro e sabendo que provavelmente voltarei para casa sem ganhar nenhum dinheiro!

Realmente sentia o que dizia. Vavá queria ficar em casa e ao mesmo tempo, estava sendo conduzido ao risco das ruas. Era como se sua vida inteira estivesse por ser decidia naquele instante. Deu um beijo nos lábios de Anita com os olhos cheios de lágrimas, mesmo sendo um homem que nunca havia chorado.

– Você está estranho mesmo! – Anita abraçou o marido. – Algo me diz para implorar que fique em casa, sinto como se estivesse me despedindo.

– Deixa de falar asneira, mulher! – Vavá sorriu. – Acho que vou deixar Bentinho estudar, talvez seja melhor do que trabalhar comigo.

– Posso falar com Lurdinha? – Indagou Anita surpresa e desconfiada.

– Vou pensar no assunto, no entanto, se ele quiser deixe que se meta com os livros e....

– Vai mesmo deixar? – Anita ainda se mostrava desconfiada.

– Pergunte a ele se quer mesmo estudar e lhe garanto que não vou criar problema.

Deco entrou em casa completamente encharcado e foi correndo se enxugar dizendo que não calçaria o seu chinelo com toda aquela lama.

– A chuva vai continuar o dia inteiro, o céu está coberto por nuvens negras. – Ele falou se estremecendo. – A lama vai estragar meu chinelo novo!

– Está certíssimo! – Vavá acenou para o rapaz. – Venha logo! Vamos comer alguma coisa?

– Estou com um frio na barriga…! – Disse Deco pegando a caneca de café que Anita lhe ofereceu.

– Essa chuva está me deixando com medo! – disse Anita se encolhendo.

– Vamos embora! – Vavá sorriu acariciando a face da sua mulher. – Vamos logo Deco!

Os dois saíram de casa e subiram na carroça. O aguaceiro parecia deixar tudo em volta com a cor de chumbo velho. O burro começou a arrastar a carroça que grudava na lama. Vavá notou que Deco acenou na direção da velha jaqueira.

– Tem alguém ali? – Indagou desconfiado.

– O velho Ninga! – Respondeu Deco, com naturalidade.

– A chuva molhou sua cabeça e ficou de miolo mole? – Vavá gargalhou. – Não vejo ninguém!

– Ele não existe! - O rapaz também sorriu e sacudiu os ombros.

Sem ter como explicar, algo lhe dizia que aquele dia não seria esquecido jamais, as lembranças o marcariam para sempre. Uma angústia repentina tomou conta da sua alma dilacerando o coração no seu peito.

Capítulo 14

Passava um pouco do meio-dia, ainda não havia nenhum carroceiro no largo do mercado das Sete Portas. Apenas Vavá parecia ter vindo e já estava disposto a voltar para casa. A chuva que desabava sobre a cidade era realmente muito intensa e o rio que cortava o largo estava quase transbordando.

Deco respirou profundamente aliviado quando Vavá disse que voltariam para casa. As ruas desertas eram um sinal muito claro de que o dia seria completamente perdido. Nem os bondes estavam mais circulando. Sem perder tempo, subiu na carroça logo depois de Vavá que açoitou o chicote no ar para que o burro andasse, o animal se arrastou lentamente.

Ao cruzarem a ponte sobre o rio o animal urrou, tropeçou ao passar sobre os trilhos do bonde, cambaleou e caiu deixando uma parte da carroça sobre os trilhos. Vavá e Deco pularam aflitos para o chão e tentaram fazer o burro levantar. Logo perceberam que de nada adiantaria aquele esforço, o animal estava morto.

Vavá esfregou a cabeça desesperado. Devia ter escutado Anita e ficado em casa. Agora seu burro estava morto e não poderia comprar outro. A chuva estava ainda mais forte e uma sequência de trovões e raios ofereciam um espetáculo grotesco. Não era possível enxergar com nitidez mais do que dois ou três metros à frente. Era uma tempestade tenebrosa.

Deco começou a soltar os arreios do burro pensando em retirar a carroça dos trilhos. Vavá apenas esfregava a cabeça com ar desanimado, sentado na lama, bem ao lado dos trilhos, olhando o burro morto.

Uma mão invisível empurrou Deco para o lado o fazendo cair longe dos trilhos, ele tentou voltar escorregando na lama. O ruído agudo de ferro contra ferro de um freio despertou Vavá de seu pesadelo íntimo. Ele apenas teve tempo de ver o bonde de manutenção vindo da direção da Barroquinha crescendo diante de seus olhos e se chocar a parte da carroça que permanecia sobre os trilhos.

Um impacto muito grande no seu estômago o jogou alguns metros para o lado.

Capítulo 15

Enquanto passava a roupa que havia lavado no sábado, Anita olhava o teto cheio de goteiras. Já havia pedido para Vavá consertar, e ele sempre adiando. Uma lufada de vento forte e frio a fez estremecer. Gritou para Bentinho fechar a janela. O menino contrariado começou a empurrar lentamente a janela e repentinamente parou como se estivesse escutando alguma coisa.

– Gosto de olhar a chuva… - O menino reclamou.
– Fecha logo essa janela! – Anita gritou novamente.

O menino lhe desobedecia, parecia petrificado. Ela colocou o ferro sobre a pedra no chão ao lado da tábua de passar roupa. Repentinamente sentiu um aperto no coração. Caminhou lentamente na direção do filho que se voltou com ar de pavor nitidamente refletido em sua face.

– O que foi Bentinho? – Indagou aflita.
– Um velho disse que papai e o burro morreram! – O menino respondeu com voz rouca e chorosa.

Anita correu até a janela e se debruçou para fora passando lentamente os olhos em volta, não viu ninguém. Embora fosse estranho, ela inexplicavelmente acreditava naquela informação. Fechou a janela e ficou algum tempo sem saber o que fazer, estremeceu olhando o filho chorar. O abraçou carinhosamente.

– Não tem ninguém lá fora! – Tentou acalmar o menino.
– Tem um homem velho com uma touca vermelha na cabeça! – Bentinho insistiu.

Ela soltou o filho e correu até a porta. Saiu na chuva e ficou olhando em volta. Não viu o tal homem velho de touca vermelha, nem qualquer outra pessoa. Precisava acalmar sua angústia. Sem ter como explicar, sabia que devia acreditar nas palavras de Bentinho. Seu peito ardia como se as brasas do ferro de passar roupa estivessem sobre ele.

Voltou para casa encharcada e mandou o menino esperar por ela. Teria de ir até o largo do mercado. Ao sair novamente, foi obrigada a desistir. Escutou um vizinho gritando da janela que nem os bondes estavam passando. A Baixa de Quintas estava completamente alagada.

Voltou para casa encharcada, pensando que talvez estivesse enganada, mas seu coração lhe dizia o inverso. Teria mais uma tragédia em sua vida.

Capítulo 16

O motorneiro do bonde de manutenção era um homem muito branco, gordo e careca que apenas colocou a cabeça para fora e gritou para Deco levar Vavá ao hospital. Em seguida, acionou novamente a máquina e seguiu em frente como se nada estivesse acontecendo.

O rapaz estava atônito e zonzo. Se aproximou de Vavá que parecia adormecido no meio da lama e do sangue. Uma lasca de madeira, parte da carroça, estava atravessando a barriga dele. Pensou em puxar para fora e desistiu com medo de piorar tudo. Por alguns segundos entrou em pânico olhando em volta, não havia como gritar por socorro.

Desesperado, carregou Vavá nos braços, ele ainda respirava, para não piorar a situação, sabia que era forte e Vavá não pesava muito. Com esforço para não escorregar na lama, seguiu em direção ao largo de Nossa Senhora de Nazaré. Teria de chegar logo ao Hospital Santa Izabel.

Não havia sido nada fácil subir a ladeira do Limoeiro carregando Vavá. Escorregou e se equilibrou várias vezes na lama. Só depois de muito tempo, finalmente entrou no hospital Santa Izabel, quase sem fôlego. Uma freira atendente, sem nem olhar para eles, mandou que deitasse o enfermo no chão e aguardasse atendimento.

Nesse momento, Deco sentiu que seu esforço havia sido inútil. Olhou em volta e viu que havia mais de trinta pessoas sofrendo e aguardando "resignados" os chamados para um atendimento.

Um homem, vestido de maneira muito elegante no seu terno preto, saiu da área restrita carregando uma maleta de couro e foi cumprimentado pela freira atendente, que o chamou de doutor. Era alto, loiro e com um bigode farto que lhe cobria os lábios. Exausto, o rapaz se arrastou com seu fardo quase caindo no chão e se colocou diante do homem.

– Socorro, doutor! – Disse Deco ofegante.

– Saia da frente, negrinho! – Disse o homem com ar arrogante de nojo. – Está na hora do meu almoço, aguarde o seu chamado quando o outro médico chegar.

– Ele vai morrer! – Deco sussurrou quase beirando o esgotamento físico. - Tenha misericórdia.

– Se está com pressa, leva o ferido para atendimento particular, a vida é cara. – Disse o médico se esquivando de Deco, saindo apressado do hospital.

Completamente desorientado, Deco cambaleou e foi obrigado a deitar Vavá no chão do salão de espera. Sentou ao lado dele e chorou aquela vida miserável. Estava decidido a tentar mudar sua vida completamente. Não seria tratado eternamente como um animal pé-duro, como um burro que puxava carroça.

Capítulo 17

No dia seguinte ao enterro de Vavá, Deco ainda remoía os últimos acontecimentos, sem acreditar que a vida de um negro pobre valia tão pouco quanto a de um burro. Muito cedo, havia sentado na beira da fonte, onde costumava lavar a carroça, lembrando que tudo se perdera e sem saber como remediar a vida naquela casa.

Precisava encontrar uma maneira de ganhar dinheiro o quanto antes para não deixar a fome penetrar com sua força devastadora no âmago de todos, destroçado aquela família de maneira repentina. Ninguém naquela casa estava preparado para encontrar a sobrevivência por conta própria, nem mesmo ele seria capaz de pensar numa solução, mas sabia que teria de assumir essa responsabilidade.

– Posso participar da sua reflexão? – disse Lurdinha acariciando delicadamente o ombro de Deco.

– Não entendi! – Ele falou surpreso com a aproximação da moça. - O que é reflexão?

– Pensamentos sobre o que fazer da vida! – Ela simplificou.

– Estava distraído e nem percebi sua aproximação. – Deco disse envergonhado por ser tão ignorante.

– Achei que precisava de um ouvido amigo para conversar. – Lurdinha sentou ao lado do rapaz.

– Ser negro é castigo! – Disse Deco com raiva.

– Ser pobre é que se torna um problema. – Ela maneou a cabeça como quem lembra de algo ruim.

O rapaz contou em tom revoltado o que acontecera no hospital e lamentou o médico não ter atendido logo, talvez Vavá estivesse ainda vivo. Ela o escutou em silêncio, vez por outra mordendo os lábios para evitar falar e interferir no desabafo dele. Ele concluiu repetindo que ser

negro o igualava aos cachorros vadios das ruas.

Os dois permaneceram algum tempo em silêncio, ambos refletiam sobre a situação. Finalmente ele se voltou para a moça e indagou sobre o que ela achava de tudo que ele lhe contara.

– Concorda comigo que os negros eram mais cuidados como escravos? – Ele sorriu de maneira irônica. – O senhor proprietário não queria perder dinheiro.

– Concordo que a lei que acabou com a escravidão, como foi feita, se tornou foi ruim para nossa gente. Mesmo assim, ainda prefiro que não sejamos mais considerados escravos de maneira legal. Para vencer essa mentalidade tacanha que impera por todos os lugares, vamos ter de lutar muito, buscar nossa abolição de fato.

Ela contou que quando estava no Rio de Janeiro, chegou ao porto um vapor trazendo um homem importante vindo de um país árabe. As autoridades interessadas nos negócios queriam fazer bonito e levaram crianças de várias escolas para a recepção. Para surpresa de todos, o homem era um negro.

– Todos fingiram que nem se importavam com isso, ele era muito rico, mas comentavam que um negro não deveria possuir fortunas. – Ela franziu os lábios e sacudiu a cabeça. – Hipocritamente o chamavam de "Macaco Rico", o aceitaram, estavam interessados no petróleo, afinal de contas, agora será a vez dos motores movidos por esse combustível.

– O que é "petróleo"? – Indagou Deco de maneira inocente.

– Quando começar suas aulas comigo, eu explico! – Ela levantou-se. – Se quer mesmo ser tratado como gente, comece a se esforçar e aprenda a ler, se imponha.

Sem esperar pela reação do rapaz, Lurdinha saiu e foi caminhando apressada na direção de sua casa. Sabia que havia provocado Deco aproveitando a indignação. Aquele rapaz não só era muito bonito como parecia ser inteligente demais para viver no meio da ignorância. Antes de passar pelo portão, olhou na direção onde deixara Deco, que parecia conversar nervoso com alguém invisível. Ela se apressou para chamar sua mãe e mostrar aquela cena estranha.

Capítulo 18

Ainda muito confuso o rapaz não se conformava com o acontecido. Lurdinha nem havia se afastado muito quando Deco viu o velho Ninga surgir do nada e sentar ao seu lado. Estremeceu-se assustado, mas inesperadamente logo recuperou a tranquilidade diante do sorriso amigo do velho. Era impressionante, que mesmo sem querer acreditar, continuasse diante das coisas do candomblé.

Seu coração estava em frangalhos e sua mente escurecida como o céu encoberto por nuvens que prometiam chuvas sem aviso prévio. Repentinamente lembrou-se da promessa de Ninga que lhe dissera ter aberto seus caminhos e que sua vida mudaria. Teria oportunidades para viver de maneira mais digna.

– Sua promessa funcionou de maneira inversa! – Disse o rapaz deixando escapar um sorriso amargo.

– Sei o que está pensando! – Ninga gargalhou. – Abra os olhos para todas as possibilidades. Liberar os seus caminhos foi até uma tarefa fácil, o difícil será fazer você andar por eles. – O velho encarou o rapaz. – Não posso caminhar com suas pernas.

– Meus caminhos ficaram mais fechados. –Deco se mostrou-se irritado. – Não consigo melhorar minha vida, ninguém me aparece com um emprego e agora, até a única coisa que me sustentava acabou.

– Acho que se engana! – Ninga sacudiu os ombros.

– Será mesmo? – Deco indagou com ironia.

– Mantenha os olhos e ouvidos atentos. Sua vida deve ser vivida por você, não espere que as oportunidades apareçam de maneira mágica. – O velho suspirou. – Tenha confiança e observe melhor as oportunidades, propostas que lhe fizeram.

– Ninguém me fez qualquer proposta...

– Se engana novamente! – Ninga interrompeu Deco. – Se continuar

ignorante, vai ser no máximo, um carroceiro medíocre. Tenho planos maiores para sua vida.

– Onde vou conseguir encontrar a solução para minha ignorância? – Deco estava ficando impaciente. – Sou preto, pobre e agora tenho de encontrar uma maneira para sobreviver e ajudar aqueles que me acolheram.

– Seja menos parecido com o burro que puxava a carroça, seja um homem sem medo de vencer na vida. – Ninga apontou com a cabeça a casa de Lurdinha. – Só vou lhe dizer que a mocinha indicou o primeiro caminho.

– Aceitar as aulas para aprender a ler? – Deco estava desconfiado.

– A decisão será sua! – Ninga franziu os lábios e arregalou os olhos.

– Quem é o senhor? – Indagou o rapaz falando pausadamente, demonstrando toda a sua desconfiança.

– Sou aquele que muitos adoram e outros tantos morrem de medo. – Ninga se sacudiu e sorriu. – Hihihi…. Escolhi você e prometo que ando ao seu lado para abreviar os sofrimentos que terá de enfrentar. Caso queira realmente saber quem eu sou, terá de vencer seus preconceitos e medos, avançar na direção certa e perguntar para quem sabe das coisas. – Ele indicou com a cabeça a casa de mãe Umbina. – Meu queridinho, essa senhora que você tanto teme, pode ser uma boa guia na caminhada. Seu cajado seguro.

Deco voltou-se lentamente observando a casa de Lurdinha e mãe Umbina. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro, deu um longo muxoxo descrente e respirou profundamente. Para seu assombro, ao buscar novamente o velho, ele havia desaparecido. Escutou apenas aquele riso estranho. ”Hihihihi”.

Capítulo 19

Durante uma semana inteira, Deco procurou ganhar algum dinheiro na praça do mercado das Sete Portas se oferecendo como ajudante nas arrumações das barracas ou quando aparecia algum carreto que os carroceiros precisavam de ajuda. Não era nada fácil e o que ganhava com pequenos serviços, mal dava para pagar um almoço barato.

Nem mesmo os puxadores de carroças, os "Burros Sem Rabo" poderiam ajudar. Eram muito ignorantes e nada gentis. Ganhavam ainda menos do que os carroceiros, muito pouco e não teriam o que dividir.

Anita não se entregara ao desespero ao ver a comida acabando e sem ter como comprar mais. O que ganhava lavando a roupa de três casas era insuficiente. Assim, aceitou muito resignada outras duas casas que precisavam de uma lavadeira. Sabia que teria de penar muito na beira da fonte e passar o dia inteiro com a mão no sabão que corroía sua pele. Durante a noite, se entregava ao ferro pesado, soprando o carvão para avivar a brasa e passar a roupa que lavara.

Estava dormindo pouco e sua saúde já começava a mostrar os primeiros indícios de exaustão. Observar aquilo tudo era uma punhalada certeira no coração de Deco que procurava conter a angústia que invadia sua vida.

No meio da tarde do sábado, o rapaz estava faminto e desanimado, ajudando a desmontar uma barraca para levar um trocado para casa quando Bucha entrou no mercado apressado e veio ao seu encontro.

– Tenho um trabalho grande para você! – Disse Bucha com o tom animado na voz.

– Estou terminando aqui! – O rapaz também se animou.

– Acaba logo! – Bucha deu um soco de leve no ombro de Deco. – Estou lhe esperando.

O rapaz esqueceu por algum tempo a fome que abrasava o seu estômago e se apressou na tarefa que logo estava concluída. Recebeu o minguado pagamento se mostrando verdadeiramente agradecido. Guardou as moedas no bolso e correu para se encontrar com Bucha que o aguardava ansioso.

Enquanto Bucha contava que teriam de trabalhar a noite toda fazendo vários carretos, Deco olhava o burro puxando a carroça e lembrou-se do que o velho Ninga lhe dissera.

"Seja menos parecido com o burro que puxava a carroça, seja um homem sem medo de vencer na vida. "

Ele dissera aquilo como uma provocação que funcionara. O rapaz realmente havia sido, até aquele momento, muito semelhante aos burros que puxavam as carroças para onde os donos queriam. Caberia a ele acabar com esse tipo de vida. Algo lhe dizia que aquele carreto poderia ser mais importante do que o dinheiro que levaria para casa. Seu estômago roncou, ele fingiu que não percebia e encheu a barriga com a água da bica.

Ao amanhecer do domingo, eles já haviam feito mais de oito carretos carregando tábuas de madeira fina e delicada, do porto até o Largo de São Miguel, onde funcionava a marcenaria do Turco. O último carreto foi uma grande caixa muito pesada.

Aos descarregarem, o Turco examinou a caixa cuidadosamente e coçou a cabeça com preocupação. Dando um suspiro resignado, enfiou a mão no bolso, pegou o dinheiro, separou uma parte e entregou para Bucha que imediatamente entregou a parte de Deco.

– Preciso achar logo um montador para essa máquina! – Disse o Turco, pensando alto.

– Que máquina é essa? – Indagou Deco curioso.

– Um torno elétrico. – Disse o Turco. – Coisa nova, veio da Europa!

– O senhor já viu um montado? – Deco insistiu na sua curiosidade.

– Ainda não! – O turco deu de ombros. – O vendedor mostrou um desenho com as instruções de montagem.

– Tem o desenho?

– Tenho...! – O Turco sorriu encarando Deco. – Qual o motivo de tantas perguntas?

– Posso tentar montar, sou bom nessas coisas! – Disse Deco se mostrando confiante.

– Sabe ler as instruções?

– Não Senhor...! – Deco franziu a testa. – Nem sei que negócio é esse de instruções.

– Lamento meu rapaz. – O turco deu de ombros. – Ganharia muito mais se soubesse ler. Não posso me arriscar com um equipamento que me custou muito caro.

Desanimado, Deco subiu na carroça de Bucha e voltou para casa, ainda faminto e já decidido que não continuaria a ser um ignorante. Aceitaria a oferta generosa de Lurdinha e faria qualquer sacrifício para entender aqueles desenhos malucos que as pessoas chamavam de letras.

Capítulo 20

Ao chegar em casa deu o dinheiro que ganhou para Anita. Deco estava muito desiludido com a oportunidade perdida. Mesmo exausto, quase desmaiado, comeu um mingau de farinha com um pedaço de galinha cozida, depois deixou o corpo cair na cama.

Ele estava sonolento, mas sua mente se recusava em permitir o descanso. Ficou deitado por mais de uma hora, rolando inquieto, de um lado para o outro como peixe na frigideira.

Finalmente deu um pulo levantando da cama, se espreguiçou e saiu do quarto como um foguete. No entanto, ao passar da porta de sua casa, estancou os passos e ficou olhando fixamente na direção da casa de Lurdinha. Reconhecia que o medo de coisas que nem acreditava não poderia ser um obstáculo para vencer a indecisão de gritar por socorro.

Lembrou-se das conversas de alguns carroceiros que faziam pouco de Vavá, dizendo que ele morava ao lado do capeta. Aqueles comentários só poderiam fazer parte do ambiente de pessoas simplórias, que nem sabiam o que significava aquela invenção dos padres, denominando um ser imaginário, confundindo a crença dos negros.

Mesmo assim, seria incapaz de negar o medo que o dominava. As lembranças dos batuques se interligando aos momentos mais tristes da sua vida, submergiam do fundo de um pântano de emoções que o levavam a boiar no vazio.

Sentiu como se alguém o empurrasse para frente. Respirou profundamente e seguiu indeciso na direção da casa do capeta mantendo um sorriso tímido nos lábios. A crença dos outros não poderia deter a sua determinação.

Ao chegar diante do portão voltou a ficar temeroso, as novas filhas de santo saíram do terreiro carregando os tabuleiros com pipoca, era um carrego de Omulú. Uma delas encheu a mão de pipoca e deu para o rapaz, seguindo alegre as outras. Como sempre fazia desde pequeno, ele guardou no bolso a oferenda. Dando de ombros, bateu palmas dis-

cretas, quase desejando que ninguém viesse atendê-lo. Seria uma bela desculpa para adiar a batalha que sabia travar consigo mesmo. Não estava sendo fácil superar os seus preconceitos.

– Entre logo! – Gritou Lurdinha aparecendo na janela. – Vou abrir a porta.

O rapaz parecia ter calçado um sapato de chumbo, embora nunca, nem mesmo houvesse tocado em qualquer sapato. Os dez passos até chegar diante da porta da casa o sacrificavam como se o chão estivesse cheio de espinhos. Ergueu a cabeça, havia uma força maior e indescritível que o conduzia de maneira firme naquela direção. Teria sido impossível se opor.

Nem foi necessário bater na porta, ela foi aberta lentamente e o sorriso de Lurdinha surgiu como um símbolo calmante. De maneira tranquila ela pegou na mão do rapaz e o puxou delicadamente para dentro de casa.

– Aqui...! Todo mundo serrou os dentes, não vamos morder você! – Disse Lurdinha diante da indecisão do rapaz para entrar.

– O que é isso? – Deco sorriu. – Não acho que vou ser mordido!

O rapaz olhou em volta. A sala da casa era ampla e iluminada por um par de candeeiros, com muitas almofadas espalhadas e dois sofás feitos de bambu. Num canto, havia uma jardineira com vasos de barro contendo plantas diversas. No outro, uma grande poltrona, ao fundo um quadro pintado com dois metros de altura por mais de um metro e meio de largura. Seus olhos grudaram na imagem.

No centro da pintura, uma mulher negra, muito elegante, ostentava na cabeça um belo turbante rico em enfeites. Ela estava ladeada por outra mulher belíssima segurando um espelho na mão esquerda, no lado oposto, um velho de touca vermelha. Deco não acreditava no que via, era o velho Ninga.

– Essa é minha mãe com Iemanjá no dia em que assumiu sua obrigação. – Disse Lurdinha puxando Deco pela mão para ficarem mais próximos da pintura. – Que cara é essa?

O rapaz estava pálido e de olhos esbugalhados. As palavras sumiam antes mesmo de serem construídas nos seus lábios. Queria falar, mas apenas gaguejou.

– Quem são essas pessoas...? – Deco apontou de maneira tímida com o dedo tremulo.

– São figuras simbólicas! – Disse Lurdinha desconfiada. – Representativas.

– O que significa "simbólicas"? – Indagou o rapaz ainda gaguejando. – Representativas.

– Apenas um desenho, não são pessoas de verdade! – Lurdinha resumiu a explicação, tentando evitar perder tempo. – Qual o motivo dessa visita repentina?

– Resolvi aceitar sua oferta e deixar que me ensine a ler, se ainda for possível! – Deco falou ainda olhando fixamente a pintura na parede. – Eu conheço um velho que se parece muito com esse. – Apontou novamente.

– Não tenha medo! Depois minha mãe lhe explica melhor. – Lurdinha puxou o rapaz para o canto onde havia algumas almofadas grandes. – Se quiser, começamos as aulas amanhã.

– Está certo!

– Senta nessa almofada que vou pegar um suco de pitanga que acabei de fazer. – Ela sorriu, saindo na direção da cozinha.

Deco sentou lentamente observando, fascinado pelo belo corpo de Lurdinha, que caminhava de maneira graciosa e provocante. Sacudiu a cabeça algumas vezes tentando afastar os pensamentos, cheios de desejo.

Teria de tomar muito cuidado, aquela mocinha era uma fêmea que o atraía e isso poderia ser um desastre. Não queria que Lurdinha ficasse ofendida por saber que ele também se interessava por aquele tipo de coisa, que talvez fosse apenas para as raparigas.

Capítulo 21

Naquela noite Lurdinha se mostrava muito ansiosa depois da visita de Deco. Sua mãe, Dona Umbina, era uma mulher atenta e ao entrar na sala, toda vestida com seus paramentos para o ritual de iniciação das novas "Filhas de Santo", deu uma olhada em Lurdinha e sorriu, como quem sabe o motivo de tantos suspiros.

– Esse rapaz talvez não consiga ser o que todos esperam! – Acariciou suavemente a cabeça da filha. – Tente não se envolver.

– A senhora poderia ser mais participativa e me ajudar! – Lurdinha choramingou.

– A obrigação é sua! – Umbina maneou levemente a cabeça. – Vou continuar observando e se os orixás me permitirem, ajudarei. Não esqueça de que o rapaz terá de vir à festa de ano-novo.

– Não sei a importância disso... – A mocinha interrompeu o que dizia vendo a mãe pedir silêncio com um gesto de mão.

– Se não sabe, fique calada!

– Nem é este o ano em que o século vai mudar, além disso, são apenas alterações no calendário. – Lurdinha insistiu.

– Essa será muito importante. – Umbina arrumou os seus colares. - Esse é o ano de Xangô. Fecha um ciclo. O chamado século 20 se mostrará poderoso. A vida inteira será modificada nos costumes, na maneira de existir da humanidade. – Ela olhou para o teto.

– O mundo não vai acabar! – disse Lurdinha impaciente.

– De certa maneira simbólica, o mundo vai acabar. – Umbina gargalhou. – Aquieta a sua "Pomba Gira".

Sem dizer mais nada, ela saiu da sala em direção à porta lateral que dava acesso ao terreiro. Lurdinha realmente não conseguia entender o significado das palavras de Umbina. Não acreditava que a presença de Deco fosse importante como fora dito, mas continuaria tentando che-

gar ao fim de sua obrigação. A "Pomba Gira" que habitava o espírito de toda mulher estava gritando por uma sedução, querendo se manifestar.

Aquele rapaz era uma atração para seus sentimentos. Um fogo que incendiava sua paixão e o desejo de possuir o macho a transformava numa obstinada, teria sucesso, mesmo que para isso, fosse obrigada a sacrificar seus anseios de fêmea sedenta e evitar assustá-lo. Teria pouco tempo até o fim do ano para fazer isso.

Sabia que estava diante de um desafio monumental. Não era somente a ignorância do rapaz que se transformava num obstáculo poderoso.

Capítulo 22

Realmente, foram quase duas semanas de muito trabalho e pouco resultado. O rapaz se mostrava muito inteligente, embora a tarefa de juntar as letras em palavras fosse ingrata, um trabalho que desanimava Lurdinha. Parecia que algo muito poderoso interferia negativamente no aprendizado.

Toda noite era a mesma coisa. Ele chegava exausto e sonolento, saindo mais cansado e quase adormecido. Lurdinha já estava pensando em desistir. Na cabeça de Deco a ideia era a mesma, sentia que seria incapaz de aprender. Naquela noite, enquanto voltava para casa na carona de Bucha, tomou a decisão. Não continuaria a desperdiçar o tempo de Lurdinha.

Ao chegar à sua casa, deixou com Dona Anita os trocados que ganhara naquele dia e foi bater na porta da casa que continuava assombrando sua vida. Aquela seria a última vez que ultrapassaria aqueles portais. Estava decidido.

Para sua surpresa, quem abriu a porta foi Dona Umbina. Seu coração disparou, suas pernas bambearam e suas mãos ficaram trêmulas e encharcadas de suor. Foram os segundos mais dolorosos de sua vida por não conseguir conter o medo que invadia sua alma. Tentou falar, mas sua boca não obedecia.

– Entre menino, não precisa ter medo de mim! – Umbina puxou delicadamente o rapaz para dentro de casa.

– Preciso falar com Lurdinha... – Deco balbuciou inseguro.

– Desista dessa sua ideia de abandonar os estudos. – Disse Umbina sorrindo, para surpresa do rapaz. – Com fome, ninguém consegue pensar. Venha comigo até a cozinha.

– Não se incomode... – Tentou escapulir, com os olhos grudados na pintura pendurada na parede.

– Venha, fio. Vamos conversar também sobre isso enquanto você

come. – Umbina falou com firmeza segurando o braço de Deco. – Lurdinha só vai chegar quando a nossa prosa for concluída.

Sem alternativa, Deco entrou na cozinha, sobre a mesa havia um prato de coalhada, um cuscuz de milho e uma jarra com leite. Ele não podia negar para si mesmo que estava assustado e ao mesmo tempo maravilhado com Dona Umbina. Ela parecia adivinhar seus pensamentos. Estremeceu-se tentando prever o assunto da conversa que teriam.

Andando de um lado para o outro, inquieta no seu quarto, Lurdinha temia que sua mãe assustasse ainda mais aquele jovem ignorante, de alma tão pura. Ela sabia dos temores dele, respeitava embora ficasse tentada a modificar, sabia que era arriscado demais se meter nesses assuntos que também conhecia muito pouco.

Escutou a voz dele na sala, sabia que de nada adiantaria ficar tentando escutar. Teria de se contentar com a espera ansiosa do que sua mãe lhe contaria mais tarde.

Capítulo 23

Enquanto comia, Deco olhava atentamente à sua volta. A casa era ampla e a cozinha maior do que a casa inteira onde morava. Não havia luxo, no entanto sentia a cada minuto seus temores sendo consumidos por uma confiança que jamais poderia esperar. Aguardava ansioso e desconfiado o que Dona Umbina teria para lhe dizer, embora ela o deixasse calmo.

Depois de saciar sua fome, agradeceu pedindo desculpas pelo incômodo. Com um gesto de cabeça a mãe de Lurdinha negou a necessidade das palavras dele. De maneira gentil, segurou as mãos de Deco e rapidamente revirou os olhos como se estivesse sendo possuída por algo sem explicação.

Ele sentiu suas mãos queimarem, mas ao mesmo tempo seu corpo inteiro percorrido por um fluxo de energia agradável que lhe deixava sem qualquer temor. Tentou falar, sua língua estava grudada no céu da boca. Seus lábios não lhe obedeciam, mesmo assim, não sentia medo. Para sua surpresa, repentinamente o corpo de mãe Umbina se iluminou.

Uma ideia desconfiada lhe passou rapidamente pela cabeça. Aquilo poderia ser um efeito provocado por algo na comida. Acreditava que estava diante de uma mulher poderosa e idolatrada por muitas pessoas, assim como também era temida pelos que gostavam da igreja dos padres.

Lentamente Umbina levantou a mão esquerda e a deixou cair sobre a cabeça dele. Sentiu sua cabeça inchar como se um sino badalasse lá dentro. Não era algo dolorido, no entanto parecia suprimir os seus direitos aos pensamentos e seus movimentos adormeceram.

Mesmo mantendo seus olhos abertos, depois de algum tempo, sentia-se vivendo num sonho. Uma negra velha surgiu do nada, muito encurvada para frente e apoiando seus passos num grande cajado de madeira. Aproximou-se sorrindo, depois deu a volta, se prostrando ao lado de Umbina que soltou um sibilado e se estremeceu várias vezes.

Seus pensamentos estavam de volta. Isso pouco adiantava, ele nem sabia o que pensar. Embora amedrontado, não conseguia temer aquele momento. Havia um cheiro de flores no ar e seu coração batia tranquilo. As duas mulheres começaram uma conversa que ele não conseguia entender, parecia uma língua de outro mundo.

Capítulo 24

Anita estava na beira do fogão cozinhando caroços de jaca. A fruta havia sido a salvação de todos na sua casa durante dias, agora elas desapareceram da árvore. Ainda bem que guardara os caroços. Além da galinha que comprara com o dinheiro ganho por Deco, teriam pouco para comer nos próximos dias.

A vida naquela casa estava complicada depois da morte de Vavá. O aluguel para vencer e ela não gostava de ficar devendo. Sabia que o pobre Deco se esforçava, mas sem a carroça, quase não havia dinheiro para comprar comida. Com as roupas que lavava, estavam conseguindo sobreviver precariamente.

Pela manhã, recebera um convite para trabalhar numa casa que precisava de uma empregada, mas a situação era difícil, não queria abandonar Deco. Na casa onde poderia trabalhar, teria espaço apenas para ela e Bentinho. Além do mais, a recomendação havia partido de Passarinho, um parente afastado de Vavá, que possuía a fama de ser pistoleiro e olhava para ela com fogo e desejo.

Olhou para a porta, angustiada, teria de tomar uma decisão até o início da semana. A conversa com Deco lhe parecia ser a parte mais ingrata. Deixaria para mais tarde, precisava pensar com calma, embora soubesse que não daria para sustentar aquela miséria de vida. Sabia que se continuasse a trabalhar como lavadeira, teria de pegar outras trouxas e acabaria tuberculosa, como quase todas que conhecera.

Teria uma escolha difícil para fazer em pouco tempo. Seria sua vida e a do filho que estavam em jogo. Com fome ninguém pensa muito bem. Deco se arrumaria na vida, mesmo sem que ela continuasse a lhe oferecer abrigo. Coisa que nem sabia se seria possível por mais tempo. O certo é que suas vidas estariam sendo levadas para lados diferentes naquele momento.

Espetou com a ponta da faca um dos caroços de jaca para ver se já estava mole. Enxugou uma lágrima com o dorso da mão, em seguida deu um longo muxoxo e retirou a panela do fogo. Havia muita angústia e aflição nos seus movimentos e na sua mente.

Capítulo 25

Deco estava muito confuso e sem saber o quer poderia ser realidade ou fruto de sua imaginação. A luz mortiça do candeeiro sobre a mesa tremeu os seus olhos. Tudo era muito irreal diante daquela cena que talvez fosse ilusória, mas se mostrava muito convincente. Só depois de quase meia hora, viu que a velhinha encurvada se afastava e sumia nas sombras da sala. O velho Ninga surgiu sorrindo ao seu lado, lhe acenando com intimidade, para logo depois também desaparecer.

Mãe Umbina deu outro sibilado longo e se estremeceu mais algumas vezes. Sua respiração estava ofegante e sua expressão abatida. Voltou-se lentamente para o rapaz e sorriu acenando para ele aguardar um pouco. Era óbvio que ela precisava recuperar suas energias, consumidas naquele momento.

Era engraçado e ao mesmo tempo assustador para o rapaz que também percebia ser atingido por um cansaço muito grande, os seus movimentos já lhe pertenciam novamente. Ao mesmo tempo havia um sentimento de medo e paz se misturando na sua mente. Estava morrendo de curiosidade para saber o que Umbina lhe diria.

Uma voz desconhecida e misteriosa na sua cabeça lhe dizia que aquele instante era um divisor de águas. Sua vida não seria mais a mesma e decisões difíceis seriam exigidas de todos. Mesmo sem entender qualquer coisa que lhe acontecia naquele instante, não conseguia duvidar.

Aguardou quase imóvel por algum tempo, que Umbina falasse. Esse tempo lhe pareceu uma eternidade. Finalmente ela respirou profundamente e ofegante deixando sua voz sair rouca.

– Sua indecisão e descrença do que é capaz, faz mal aos que vivem a sua volta!

– Não entendo! – Ele franziu a testa e arregalou os olhos.

– Vou explicar. – Umbina respirou profundamente. – Nanã me pediu para ser paciente...

– Quem é Nanã? – Ele indagou pensativo e desconfiado.

– Aquela velhinha encurvada segurando o cajado. – Ela fez uma pausa observando o ar de dúvida do rapaz. – Sei que viu.

– Será possível...? – Deco perguntou a si mesmo em voz baixa.

– Ela é uma entidade iluminada. – Os olhos de Umbina brilharam de orgulho. – Ela protege nosso terreiro. – Sorriu e afagou a mão de Deco. – Não tenha medo do que acontece aqui, você faz parte de tudo embora tente fugir às suas obrigações. Vou explicar melhor!

Sem pressa, Umbina começou falar sobre a conversa que tivera com Nanã. Disse que ela estava preocupada com as coisas que estavam sendo encaminhadas por Exu e que o trato feito com ele por Deco envolvia a eliminação de todos os empecilhos no seu caminho. No entanto, o rapaz seria muito bem conduzido a depender das escolhas que fizesse. Afinal de contas, ele era o preferido de Exu.

– Quem é Exu? – Indagou Deco com desconfiança. – O capeta?

Umbina conteve uma gargalhada divertida. Depois de se controlar, ela sacudiu a cabeça muitas vezes antes de continuar sua explicação.

De maneira serena ela afirmou que o Diabo, Capeta ou Satanás, eram nomes que a igreja dos brancos inventara para assustar as pessoas. Que o bem e o mal são partes de todas as pessoas e habitam um mesmo corpo.

– O que pode ser bom para um, pode ser mau para outro. – ela disse olhando de maneira firme para o rapaz antes de continuar a explicação.

A divindade chamada de Exu, também se apresentava com outros nomes e formas, dependendo do seu objetivo. No caso de Deco, ele apareceu na forma mais doce, no corpo de um velho chamado Ninga. Ela notou o assombro nos olhos do rapaz.

– Não precisa temer! – Ela, dessa vez conseguiu conter a gargalhada

e apenas sorriu descontraída. - Exu..., Ninga..., é uma entidade sem qualquer compromisso com esse conceito fechado e dúbio do "Bem e do Mal". Ele está muito acima de tudo isso!

Para concluir sua explicação, Umbina disse que o importante era o que estava na alma de cada um. Por causa disso, muitas vezes Exu era confundido com Deus ou com o Satanás, no entanto ele era apenas o príncipe dos Orixás.

Logo em seguida ela retomou o assunto da conversa que tivera com Nanã, depois de pensar rapidamente com cautela no que poderia de fato expor. Sabia que aquele jovem ainda era muito ignorante e que deveria tomar cuidado para não o amedrontar. Resolveu ser sucinta sem detalhar muito. Com mais tempo, falaria de outros detalhes que, no momento, só confundiriam a cabeça de Deco.

Depois, Umbina o mandou voltar para casa, devia pensar em tudo antes de desistir de alguma coisa.

Capítulo 26

Ao sair da casa de Umbina, o rapaz ainda estava pouco convencido da necessidade de continuar estudando com Lurdinha. Tudo que escutara ainda fervilhava na sua mente. Um relâmpago cortou o céu e logo depois escutou o estrondo do trovão. Olhou para o alto e percebeu que logo cairia chuva. Apressou o passo para chegar em sua casa.

Mal cruzou a porta, desabou um aguaceiro. A casa estava silenciosa e escura. Vários raios, seguidos dos trovões, o fizeram estremecer. Era a primeira vez que se sentia um estranho ali. Acendeu o fifó de lata que havia sobre a mesa, que logo se apagou, estava sem querosene. Sabia que não havia dinheiro nem para isso e que precisava logo de um emprego. Dar uma solução para a sua vida.

Mesmo no escuro, foi até a cozinha e aspirou o cheiro do que havia na panela, não restava dúvida que fosse um cozido de caroço de jaca. Sentiu remorso por ter comido tão bem na casa de Umbina. Tampou a panela e pegou um caneco no prato de esmalte sobre o pote para beber água. A morte de Vavá deixara a miséria entrar de vez naquela casa. Olhou em volta e viu que havia muitas goteiras, deu de ombros e decidiu não pensar nessas coisas e dormir para logo cedo tentar ganhar algum dinheiro.

Estava muito agradecido por ter Bucha lhe ajudando como era possível. Sabia que nem sempre conseguia alguma coisa para fazer, no entanto Bucha se mostrava muito amigo e muitas vezes o chamava para ajudar, apenas para lhe dar um dinheiro digno, sem parecer esmola.

No final de semana, faria um reparo nas telhas onde havia goteiras. Era inexplicável o sono que o pegara repentinamente. Andou tropeçando no escuro até o quarto e se jogou na sua cama de caixotes e adormeceu sem ter tempo nem de se despir.

Capítulo 27

Ainda chovia fino quando Deco acordou. No entanto, ao olhar pela janela, viu que logo estiaria. Encontrou Anita de pé passando roupa na sala. Ela sorriu acanhada, talvez sem saber como dizer que não havia mais pó de café. Ele entendia e não queria incomodar, se despediu e saiu quase correndo de casa.

Enquanto caminhava apressado na direção do largo do mercado, seus pensamentos se grudaram no que Umbina lhe dissera a mando de Nanã. Como poderia ser alguém na vida daquela maneira? Sem comer, vendo Anita e Bentinho minguarem a cada dia. Nanã deixara claro que ele passaria por provações antes de trilhar um novo caminho, assim era o desejo de Exu.

Era fácil entender a miséria à sua volta, no entanto, tornava-se complicado perceber onde tudo isso poderia acabar. Ao que parecia, ficaria só para decidir e seria obrigado a ter de escolher pelas circunstâncias.

"A Escolha certa dependerá da sua fé! " – Foi o que Nanã fizera questão de frisar.

Ao chegar à praça do mercado a encontrou quase deserta. Apenas alguns vendedores do mercado arrumavam suas barracas à espera dos carroceiros com as mercadorias. Ele procurou logo um serviço e não havia o que ser feito. Sentou numa pedra perto do local onde os carroceiros ficavam a espera de fregueses. Para sua sorte a chuva cessara.

Sentiu o desânimo tomar conta de seu espírito. Aos poucos, o local começou a ser tomado novamente pelo movimento da manhã. Ao ver Bucha se aproximar com sua carroça, desejou que com ele, viesse alguma esperança de ganhar dinheiro.

Quando Bucha saltou da carroça parecia muito animado e feliz. Ele se aproximou timidamente o cumprimentando. O amigo o chamou de lado como quem deseja contar um segredo muito importante.

– Vem cá, Deco! – Bucha o pegou pelo braço olhando em volta. –

Lembra-se do Casimiro?

– O filho mais velho de Vavá? – Respondeu o rapaz com ar de dúvida.

– Ele mesmo! – Bucha esfregou as mãos. – Encontrei com ele ontem no porto. Está indo para Santos no início da semana. Nem sabia que o pai estava morto. Acho que não se importa e nem liga para a miséria da mãe.

– Cada um sabe de si... – Deco deu de ombros.

– Ele disse que precisa de gente com ele, o porto o contratou como estivador e o autorizou a levar outros. – Bucha bateu no ombro de Deco. – Eu vou e queria saber se também quer o trabalho.

– Onde fica Santos? – Indagou Deco.

– Em São Paulo, muito longe! – Respondeu Bucha.

– Não posso deixar Dona Anita só nesse momento. – Ele falou lembrando também do que Nanã lhe alertara sobre as escolhas.

– Vou vender a carroça para Fubá, aquele negrinho do armazém de seo Floripes, na Barroquinha.

– Não conheço! – Deco franziu os lábios.

– Preciso do dinheiro para viajar. – Bucha suspirou. – Vou ter de deixar os meninos e a mulher aqui. Quando for possível, mando dinheiro depois para eles.

– Quando vai vender a carroça? – Perguntou Deco com uma aflição estampada na face.

– Pode ser agora mesmo! – Bucha coçou a cabeça com ar pensativo. – Venha comigo, talvez você consiga o emprego de Fubá. Vou fazer o carreto de Seu Damião, o das pedras, depois passo no armazém. Só não posso lhe pagar muito.

– Está certo! – Deco sacudiu a cabeça concordando com animação.

Os dois subiram na carroça e seguiram na direção da pedreira no alto do Olho D'água. O coração de Deco batia acelerado. Talvez aquela fosse a sua oportunidade de conseguir um trabalho. Nesse momento, nem lembrava mais da sua conversa com Umbina.

Capítulo 28

Antes de sair para fazer uma entrega de roupa lavada, Anita serviu uma porção de caroço de jaca cozido para o filho que havia acabado de acordar. Seu coração estava apertado, a angústia era visível na sua expressão.

Ao colocar o prato velho sobre a mesa bamba, suas mãos tremiam. Ela estava nervosa e com fome. Sabia que o filho reclamaria.

– Mainha! – O menino choramingou. – Essa comida é ruim.

– Coma, meu filho! – Ela suspirou. – Prometo que logo teremos comida de verdade, no momento agradecemos ter caroço de jaca.

– Não consigo... – O menino protestou.

– Melhor do que ficar com fome! – Ela sacudiu a cabeça. – Nem sempre teremos o que gostamos, muitas vezes somos obrigados a comer o que detestamos, só não podemos ficar de barriga vazia. Vou entregar uma trouxa e você vai estudar com Lurdinha.

Ela pegou a trouxa que estava sobre a cadeira, colocou sobre a cabeça e saiu de casa. Seu coração estava esmigalhado. A vida inteira sofreu muito, no entanto, agora se tornara muito difícil, a situação era insustentável. Sabia que a decisão sobre o emprego não estava mais em suas mãos, era a vida que fazia a escolha.

Seus passos eram lentos. Arrumou melhor a trouxa na cabeça, respirou fundo e seguiu adiante. Nem havia saído da vila quando encontrou com Passarinho que parecia lhe esperar. De maneira gentil ele pegou a trouxa e se prontificou para carregar enquanto conversavam. A sua patroa queria logo uma decisão de Anita.

Capítulo 29

Quando Bucha parou a carroça ao lado do armazém de secos e molhados do Seu Floripes na Barroquinha, o sol do meio da tarde ainda era forte e a luz bateu diretamente nos olhos de Deco que já estava meio tonto de fome. Ele titubeou para descer da carroça.

Enquanto Bucha conversava com Fubá, um negrinho alto e forte, Deco aproveitou para pegar umas lasquinhas de charque e colocar nos bolsos das calças. Um sentimento angustiante invadiu sua mente, era horrível roubar aqueles pedacinhos insignificantes de carne salgada, mesmo que fosse apenas para dar gosto no cozido de caroço de jaca.

Bucha parecia nunca mais terminar a sua negociação, o que deixava Deco ansioso. Ele olhou em volta já se imaginando trabalhando ali. Sentou-se num dos fardos aspirando aquele ar saturado pelo cheiro das carnes. Talvez encontrasse naquele armazém um motivo para se alegrar e levar dinheiro para casa.

Quando a conversa de Fubá parecia ter chegado ao fim, o rapaz foi para o fundo do armazém e Bucha veio para perto de Deco com ar de satisfação.

– Fiz um bom negócio! – Bucha esfregou as mãos sorrindo. – Ele vai me pagar agora mesmo e disse que depois leva você para conversar com Seu Floripes.

Entusiasmado, Deco respirou fundo e abraçou Bucha. Não era de falar muito, mas se mostrou agradecido. Os dois ficaram em silêncio até o retorno de Fubá que entregou um rolo de dinheiro para Bucha que começou a contar. Se dando por satisfeito estendeu a mão para o rapaz.

– A carroça agora é sua! – Guardou o dinheiro no bolso. – Agora leve Deco para falar com Seu Floripes.

– Está certo! – Fubá bateu no ombro de Deco. – Sabe fazer conta

e ler um pouco?

– Precisa...? – Indagou Bucha.

– Tem de vender, fazer as contas do que recebe e do que fica estocado. Aprendi essas coisas com meu pai que trabalhava aqui antes de morrer de tanto beber cachaça. – Fubá explicou. – Posso levar você até Seu Floripes, mas não acredito que ele vá lhe contratar se não souber pelo menos fazer conta.

– Muito obrigado…! Vamos embora, Bucha. – Disse Deco estendendo a mão para Fubá e depois ganhou o caminho da rua.

Estava caindo das nuvens onde estabelecera o sonho de ter um trabalho. Sua vida continuava miserável e sem qualquer possibilidade de uma verdadeira oportunidade para sobreviver. Sentiu-se o mais ignorante dos homens e chorou silenciosamente.

Deixou-se levar por Bucha que o puxou pelo braço e subiu no bonde. Não aproveitou aquela oportunidade rara de ser passageiro. O cobrador estendeu a mão em sua direção, nem que quisesse poderia pagar, estava completamente sem dinheiro. Bucha se apressou em dar as moedas para o homem.

Capítulo 30

Anita estava agoniada passando as roupas que ainda teria de entregar no dia seguinte. Seriam as suas duas últimas trouxas de roupa. Precisava se preparar para conversar logo com Deco. Enquanto soprava as brasas do ferro de engomar pensava no que diria também para Bentinho, já que ele não estudaria mais com Lurdinha. Aquela sexta-feira seria angustiante.

A porta foi aberta e ela se assustou, não esperava que o rapaz voltasse naquela hora, ainda era cedo. Ele por sua vez parecia muito abatido e cansado. Carregava dois pacotes como tesouros que entregou nas mãos dela.

– Fiz um carreto com Bucha e aproveitei para comprar pó de café e feijão. – Enfiou as mãos nos bolsos pegando as lascas de charque que havia roubado. – Essa carne é para dar um gostinho.

– Deu pra você comprar carne salgada? – Indagou Anita desconfiada. – Que carreto bom!

– Vou tomar um banho! – Disse o rapaz constrangido sem querer explicar a origem do charque.

– Quando voltar da fonte..., tenho uma coisa para lhe contar e antes de entrar, chame Bentinho.

A conversa teria de ser logo, no domingo deixaria aquela casa para sempre. Anita sentia o coração apertado, mas de nada adiantava adiar o assunto. Ela ficou olhando Deco depositar os dois pacotes sobre a mesa e as lascas de charque. Aquele era um rapaz que estava no seu coração e que se mostrava mais cuidadoso do que seu próprio filho mais velho que sumira e naquele momento de nada lhe adiantava.

Lamentava não ter como levar Deco para a casa de sua nova patroa, já havia sido bom demais conseguir manter Bentinho ao seu lado. O menino teria uma vida melhor, dormiria numa cama de verdade, se

alimentaria de maneira correta e até estudaria numa escola. Ela, por sua vez, não ficaria mais o dia inteiro lavando e passando roupa, agora seria cozinheira e teria mais dinheiro.

A parte desagradável de tudo isso quase a fizera desistir do emprego. Abandonar Deco à própria sorte e sem ter a garantia de um teto para se abrigar a amedrontava. Era uma maldade que lhe parecia necessária. Uma maneira de continuar sobrevivendo.

Capítulo 31

A conversa com Dona Anita abriu um buraco sob os pés do rapaz, fez com que Deco sentisse o mundo esvaziado. O pouco que sempre acreditara ter estava desaparecendo. Ela frisara que a responsabilidade dos acontecimentos não lhe cabia nem era obrigação de Deco sustentar a família. Todos deviam tentar sobreviver e encontrar os meios para saírem daquela situação de miséria que se encontravam, tudo estava acontecendo de maneira abrupta e sem qualquer controle.

Sem a carroça e o burro, tudo era muito difícil. O aluguel já estava vencido, a comida escassa era a parte mais angustiante. Ela precisava muito aceitar aquele emprego que aparecera em boa hora. Essa afirmação fazia todo sentido. Vavá ao morrer deixara apenas dívidas. Ele gastava muito em farras com prostitutas e nunca guardava nada embora não faltasse comida e dinheiro para pagar as coisas básicas de necessidade da família.

Agora Deco percebia que teria de viver como fosse possível. Não teria teto, não saberia para onde voltar depois de um dia frustrado. Era um ignorante que não aprendera a ler, não sabia fazer contas e nem mesmo um burrinho para trabalhar poderia comprar. Deu um beijo e um abraço em Anita desejando que ela fosse feliz junto com Bentinho no novo emprego.

– Muito obrigado pela compreensão, meu querido! – Disse Anita com a voz embargada pela emoção. – Queria lhe pedir um favor...! – Ela encarou o rapaz. Vendo que concordava com um aceno de cabeça respirou fundo e falou envergonhada. – Quando for na casa de Mãe Umbina, diga que estou entregando a casa no domingo, honro o aluguel vencido assim que receber meu primeiro pagamento.

Sorrindo de maneira tímida, ele foi para o lado de fora da casa, abriu a porta e sentou num tamborete, suspirou profundamente. O céu estava coberto de nuvens negras e um vento forte com cheiro de umidade o fez espirrar, logo desabaria um aguaceiro. Sua cabeça parecia estourar com tantas dúvidas a lhe massacrar naquele momento. Não teria onde morar, mas deixaria para pensar mais tarde no assunto que lhe parecia sem solução.

Capítulo 32

Ao escutar alguém batendo palmas e gritar "Ô de casa...! " Lurdinha reconheceu a voz de Deco, seu coração disparou. Colocou sobre a mesa o prato com o cuscuz que acabara de tirar do cuscuzeiro e correu para abrir a porta. Ao ver a expressão angustiada na face do rapaz levou a mão ao peito.

– Aconteceu algo de ruim? – Ela indagou assustada.

– Sei lá...! – ele franziu a testa. - Preciso falar com sua mãe.

– Vai continuar com as aulas? – ela indagou desconfiada puxando o rapaz pelo braço para que entrasse logo. – O vento está frio!

– Não sei! – ele se deixou conduzir entrando na casa. – Preciso falar logo com sua mãe.

A voz dele estava denunciando todo o sofrimento que invadia sua alma. A moça correu para chamar a mãe. Ele ficou olhando a pintura pendurada na parede onde mãe Umbina estava ladeada por aquelas duas figuras que representavam entidades importantes no candomblé. Ocorreu-lhe que sua vida havia iniciado uma transformação profunda depois que recebeu seu primeiro dinheiro e da conversa com o velho Ninga.

– Algum problema, meu rapaz? – Indagou Umbina entrando na sala.

Ele se assustou ao ser retirado dos pensamentos que lhe caiam como facadas em seu peito. Voltou-se confuso sem saber ao certo o que estava fazendo ali, respirou fundo e sem mais, transmitiu o recado da Dona Anita. Umbina maneou a cabeça e depois coçou a orelha. Percebendo a gravidade da situação, Lurdinha se intrometeu na conversa.

– Vamos para a cozinha? – Ela acenou para Deco e puxou a mãe pela mão. –Fiz cuscuz de milho e vou fritar ovos. Tem café fresco.

Umbina concordou com a cabeça, com ar pensativo. Ela sentou e mandou que Deco se acomodasse. Parecia refletir sobre o que acabara de escutar. Lurdinha começou a fritar os ovos.

– Onde vai morar? – Umbina indagou ainda com ar pensativo.

– Ainda não sei! – Ele deu de ombros.

– Eu sabia! – ela deu um soco leve na mesa.

– O que a senhora sabia? – Indagou Lurdinha colocando os ovos para fritar. – Sirvam-se de cuscuz.

– A vida desse rapaz está de cabeça para baixo! - Disse Umbina encarando Deco com ar de sofrimento. – Você vai entrar no novo século com possibilidades muito boas, no entanto, o que vai decidir fazer agora é o que vai lhe encaminhar favoravelmente ou para uma vida ainda pior. Lurdinha serviu os ovos colocando o prato diante de Deco.

– Não tenho nada para decidir! – Exclamou o rapaz sem entender o que ela lhe dizia.

– Entenderá na hora certa o que estou lhe dizendo! – Ela sorriu. – Acho que tenho uma proposta para lhe fazer.

– Pode dizer! – O rapaz se animou e começou a comer, estava faminto. – Faço qualquer coisa honesta.

– Está certo! – concordou Umbina. – Preciso de alguém para limpar o mato que cresceu no terreiro, como teremos um batuque no ano-novo, preciso de tudo arrumado. – Ela fez uma pausa observando o brilho nos olhos do rapaz. – Sabe fazer isso?

– Eu faço! – ele concordou de pronto.

– Tem outra coisa...! – ela coçou a cabeça com ar pensativo. – Vou aproveitar que a sua casa vai ficar vaga e montar a escola de Lurdinha, você fica morando lá fazendo o serviço.

– Vai mesmo fazer a escola? – Indagou Lurdinha animada.

– Acho que o destino está sendo escrito dessa maneira! – Umbina falou sorrindo. – Não se meta na nossa conversa.

– Nunca fiz esse tipo de serviço! – Disse Deco constrangido.

– Será coisa pouca! – Umbina colocou a mão no ombro do rapaz. – Será capaz de fazer!

– Já sei o que precisamos! - Lurdinha esfregou as mãos com animação. - Serão apenas duas salas de aulas e....

– Não se meta! – Umbina repreendeu a filha e se voltou para o rapaz. – Termine de comer, se entregue nas mãos de Lurdinha e aprenda logo a ler.

– Sim senhora! – Ele concordou mais animado.

Piscando o olho para a filha, Umbina levantou-se da mesa e saiu da cozinha.

Capítulo 33

O domingo amanheceu ensolarado. Logo cedo, Anita já havia arrumado tudo que levaria para sua nova moradia. Bentinho choramingou por ter sido acordado muito cedo, mas não reclamou por causa da mudança. Logo se mostrava muito animado embora lamentasse por não levar Deco junto.

– Gosto muito de você! – Ele abraçou o rapaz.

– Também gosto muito de você, Deco! – Disse Anita olhando em volta a pouca bagagem que pretendia levar. – Acho que vou precisar de ajuda.

– Faço questão de levar as coisas. – Disse Deco.

– Pena que não temos mais a carroça! – Disse Bentinho.

– Se tivéssemos a carroça, não seria necessário mudar! – Disse Deco pegando as duas sacolas mais pesadas.

– Não lamente o que não tem mais! – Disse Anita para o filho enquanto abria a porta lentamente. – Vamos logo!

Mal colocaram os pés no lado de fora da casa, o sol começou a desaparecer. Aquele domingo estava sendo enganador, carregado por uma ameaça de chuva, o céu ficava aos poucos encoberto, o vento frio e úmido dava o sinal. O período pior das chuvas já havia acabado, mas ainda havia dias de insistência, o tempo estava maluco.

Com passos rápidos, eles seguiram na direção da casa onde Anita deveria trabalhar e viver dali por diante, tentando oferecer ao filho uma oportunidade para não se tornar um bandido como alguns jovens que moravam por perto. Eles começavam roubando para saciar a fome, depois não conseguiam mais encontrar outro caminho para sobreviverem.

Sentindo medo desse pensamento se encaixar na alternativa de Deco, o segurou pelo braço pedindo para descansarem um pouco quando

chegaram ao largo do mercado. Não deveria ter tanta preocupação com o rapaz já que ele não era seu filho, mas sabia que da inocência dele, do esforço que sempre demonstrara nas tentativas para encontrar trabalho, e isso comovia seu coração de mãe.

– Me prometa que não vai roubar! – Anita implorou aflita encarando Deco.

– Nunca! – Ele prometeu e ficou envergonhado lembrando-se das lascas de charque que roubara no armazém de Seu Floripes.

– Quero me orgulhar de você! – Anita falou enquanto enxugava com o dorso da mão uma lágrima perdida no seu olho esquerdo. – Também prometa que vai me visitar todo domingo que for possível!

Ele concordou com um aceno afirmativo de cabeça pegando novamente as duas sacolas. Com receio da chuva que não tardaria, eles continuaram a caminhada.

Capítulo 34

Por vários dias, Deco habitou uma casa que lhe parecia oca. Saia todas as manhãs como sempre para buscar trabalho no mercado e voltava no final do dia para suas aulas com Lurdinha. Como não contava mais com uma ajuda do amigo Bucha, algumas vezes sua única refeição era aquela de início da noite antes de se confrontar com as dificuldades em juntar as letras e formar palavras.

Fizera a limpeza do terreiro como já se comprometera com Mãe Umbina e aguardava a compra do material para iniciar a reforma da casa que seria transformada em escola. Já aprendera como as semanas eram divididas, os meses, os anos e os séculos. Até um garfo ele já estava usando de vez em quando para comer.

Numa sexta-feira, ele chegou mais cedo e ficou conversando com Umbina enquanto aguardava Lurdinha chegar da rua.

– Ela vai demorar? – Indagou, ansioso.

– Já devia ter chegado. – Umbina percebeu o motivo do interesse do rapaz. – Venha para a cozinha adiantar a sua merenda.

– Ela levantou-se lentamente estendo a mão para o rapaz. – Lurdinha começou esse curso de corte e costura e você sabe como ela é, quer logo aprender tudo.

Os dois seguiram na direção da cozinha, Umbina acendeu o candeeiro que ficava sobre a mesa. O rapaz parecia querer perguntar algo, não conseguia, abria a boca e logo em seguida mordia os lábios sacudindo a cabeça de um lado para o outro. Ela resolveu ajudar.

– Quer me perguntar alguma coisa?

– Vai parecer besteira! – Ele coçou a cabeça.

– Que seja...

– Pois bem... – Ele respirou fundo. – Esse negócio de ano-novo é

coisa dos brancos, da religião deles, não entendo o motivo da senhora se preparar para uma festa dessa natureza.

– Eles mandam no mundo! – Disse Umbina sorrindo e procurando a melhor maneira para explicar o que pretendia.

Falando com calma, buscando as palavras com cuidado, ela iniciou a explicação. Aquele rapaz a surpreendera. Era muito inteligente e em tão pouco tempo já estava começando uma leitura rudimentar. Ao perceber que agora se jogava nas perguntas para pensar melhor, ficou entusiasmada.

Começou esclarecendo que o candomblé era perseguido pela polícia que seguia os desejos da igreja que não tolerava uma religião a qual chamavam de pagã, coisa de negros seguidores de uma entidade absurda, denominada Satanás. Assim, para sobreviverem, os negros com a crença nas suas origens africanas se moldaram na aparência de seus rituais para enganar os olhos dos brancos.

Não importava o dia ser comemorado conjuntamente, embora com objetivos diferentes, tudo teria de ser dentro do que a sociedade dominadora dos brancos oferecia como escapatória. Nesse ponto da explicação, Lurdinha entrou na cozinha carregando algumas revistas, se desculpando por ter chegado mais tarde. O bonde havia descarrilado ainda antes de chegar ao mercado. Sentou ao lado do rapaz e começou a se servir do leite e café.

– Também estou com fome, depois começamos nossa aula de hoje. – Disse sorrindo.

– Na próxima semana chega o material que comprei na olaria. – Disse Umbina sentando também. – Vamos começar a reforma da casa.

Enquanto comia, Deco olhava com ar curioso as revistas sobre a mesa. Eram capas com desenhos coloridos de mulheres loiras vestindo as roupas finas que ele só via nas madames. Percebendo o interesse dele, Lurdinha pegou uma revista e lhe entregou de maneira despretensiosa. Era importante estimular o interesse dele por toda e qualquer leitura.

Capítulo 35

Ao voltar para casa naquela noite, Deco pensava no que a vida se transformara. Teria de começar na próxima semana uma coisa que nunca fizera, ao mesmo tempo, ficava angustiado sem saber como conduzir a sua existência. Ao entrar na sala escura, lembrou que não havia comprado querosene, o fifó continuaria apagado. Não ganhara nenhum tostão nos últimos dois dias.

Ficou algum tempo parado para acostumar seus olhos no meio da escuridão, em seguida foi até o quarto e deitou desanimado na sua cama de caixotes. Sem entender qual o motivo do cansaço repentino, se resignou. Seus olhos pesavam numa sonolência estranha, incontrolável. Relaxou o corpo e se deixou vencer.

Logo estava completamente adormecido. Penetrou com facilidade no mundo dos sonhos. Estava numa casa onde as pessoas costuravam. Eram muitas mulheres sentadas diante de máquinas e homens cortando tecidos. Estranhou aquele ambiente muito iluminado onde as paredes eram quase invisíveis e o teto feito de nuvens. Olhou para o chão, não havia nada, pisava no vazio. Assustou-se.

Ao seu lado, o velho Ninga lhe sorria indicando com a mão as pessoas trabalhando.

– Tenha calma! – O velho murmurou franzindo os lábios e deixando escapar em seguida um longo chiado, apertando os olhos.

– Agora seus caminhos estão abertos, já o livrei das amarras. Inicie o seu aprendizado dessa longa noite e não se preocupe com o tempo, aqui ele não existe.

Deco olhou desconfiado em volta, o movimento das pessoas começou a se tornar muito acelerado. Aos poucos ele foi envolvido por uma forte neblina e logo não havia mais nada, estava no vazio embora sentisse que uma mão de um ser invisível pousava sobre seu ombro.

Uma lerdeza enorme se apoderou de seu corpo e sem qualquer controle, parecia flutuar, enquanto sua cabeça era tomada por um conjunto de vozes suaves que falavam muito rapidamente.

Capítulo 36

Pouco depois que os primeiros raios de sol penetraram pelas frestas do telhado e da janela na casa velha de Deco ele acordou repentinamente como se tivesse caído de um lugar muito alto. Seu coração batia forte e acelerado, sua respiração estava ofegante e seu corpo tremia de frio, embora estivesse encharcado de suor.

No princípio ficou deitado com muito medo, aos poucos foi se acalmando e uma sensação de leveza lhe envolveu, como num abraço e um beijo materno. Seu estômago roncou, estava faminto. Deu um pulo da cama de caixotes e se espreguiçou bocejando. Apenas sabia que sonhara muito, mas não conseguia lembrar-se claramente de nada.

Para enganar a fome, foi até a cozinha e bebeu várias canecas de água. Ficou quieto escutando o silêncio. Aquela casa vazia lhe incomodou muito. Voltou para a sala, abriu uma janela e olhou o céu quase sem nuvens. Pela posição do sol, acreditava ter acordado muito cedo. Talvez fosse melhor se apressar para alcançar a chegada das hortaliças no mercado, aos sábados, sempre conseguia pelo menos uma ou duas bananas para comer, algumas vezes, dava para ganhar uns trocados.

Mesmo de estômago vazio, sentia uma disposição enorme. Como já estava vestido, voltou para a cozinha, pegou mais um caneco de água e jogou no rosto. Enxugou com um pano de prato que estava sobre a mesa, calçou seus chinelos e saiu decido a encontrar serviço. Não ficaria sem comer mais um dia.

Ao chegar à praça do mercado das Sete Portas, estranhou, estava deserta e as barracas fechadas. Um bêbado maluco chamado Fogaréu o chamou gritando. Aquele homem negro e muito magro mendigava sem qualquer orientação mental ou dignidade, vivia catando os restos no lixo da feira. Deco imediatamente pensou com amargura, talvez aquele fosse também seu destino.

– Menino! – O bêbado arrotou. – Se perdeu no dia? No domingo

não tem ninguém!

Aquilo era impossível para Deco, jamais dormiria um dia inteiro. Resolveu não se importar com as palavras de um bêbado inútil. Sentou-se na pedra ao lado da fonte e ficou olhando em volta. Realmente parecia ser um dia de domingo. Nem as lavadeiras que madrugavam na fonte estavam pegando água.

Durante um bom tempo, o rapaz ficou quieto olhando para os lados com ar angustiado. O sol estava ficando mais vivo sobre sua cabeça e ninguém aparecia. De nada adiantava ficar se enganando, o bêbado estava certo. Aquele era um típico dia de domingo.

Os sinos das igrejas em volta começaram a repicar chamando os fiéis para a missa. Nesse momento, qualquer dúvida que ainda estivesse passeando na sua cabeça, desaparecia como um sopro de vento. Sentindo sua barriga doer, escutou o estomago roncar de fome. Decidiu que tentaria ficar vivo e buscar ajuda na casa onde Dona Anita estava trabalhando. Mendigaria um pouco de comida.

Capítulo 37

O largo de Nazaré estava movimentado com as pessoas que entravam na igreja. A casa onde Dona Anita estava morando e trabalhando, era o segundo sobrado depois da ladeira do Sabão, logo após a Igreja de Nossa Senhora na qual Deco ganhara seu primeiro pagamento por um serviço de carreto.

O rapaz quase nem conseguia andar, a fome corroía sua barriga, sua cabeça doía muito depois de subir a ladeira íngreme ao lado da fábrica de cofres. Teve de parar um pouco na porta da igreja e recostou-se no muro. Uma náusea o fizera ficar com vontade de vomitar.

Depois de perceber que retomava seu fôlego, seguiu adiante com passos lentos e inseguros. Ao chegar diante do grande portão de ferro do sobrado, onde agora Anita trabalhava, notou que estava trancado com uma corrente e um cadeado. Ficou nervoso, não sabia como entrar. Normalmente o portão estaria só no trinco.

Aflito, o rapaz começou a bater palmas e gritar por Dona Anita. Seu olhar ficou grudado na fachada do sobrado coberto por azulejos portugueses. Não havia como ter certeza que seria escutado, o jardim era grande e a casa ficava muito distante da rua.

Cansado, silenciou depois de alguns minutos de uma gritaria sem sucesso. Ele se lembrou de repente que Dona Anita comentara que algumas vezes, no fim de semana, o Doutor Ananias, seu patrão, levava a família para o sítio no Cabula e por isso talvez ela não estivesse em casa.

A fome estava se tornando insuportável. Deco escutou uma mulher gritando ainda distante "Acaçá de milho e leite". Sua boca ficou completamente tomada por muita saliva. Um automotor dobrou a esquina, fazendo aquele barulho de motor, que o rapaz só escutara poucas vezes na sua vida, já que em Salvador só havia uma quantidade pequena deles.

Ele nem imaginava que estava ouvindo o motor de um dos primeiros carros movidos a gasolina que chegava a cidade de Salvador. Logo o veículo parou na porta do casarão amarelo que ficava na esquina da

ladeira, ao lado do sobrado onde queria entrar.

A visão de Deco ficou turva, ele sentiu que estava morrendo e segurou com desespero a grade do portão começando a cair lentamente no chão. Um gosto amargo contaminava a saliva abundante em sua boca escutando a mulher gritando "Acaçá de milho e leite". A última coisa que percebeu foram mãos fortes o segurando pelos ombros e uma voz delicada, com um sotaque estranho, indagando o que acontecia.

– Fome! – Depois de murmurar gaguejando essa palavra que naquele momento era mágica e sinistra em sua mente, desmaiou.

Capítulo 38

Percebendo que voltava a si, muito confuso com seus pensamentos, Deco ainda sem saber se estava vivo, começou a escutar a voz grave de um homem que parecia distante. Em seguida, mais próxima, uma voz feminina com um sotaque estranho. Algo molhado tocou na sua testa suavemente. Assustado, arregalou os olhos.

Como se estivesse no paraíso depois da morte, lhe surgiu uma visão inacreditável de uma bela mulher loira, com os cabelos bem penteados das madames, que lhe sorria com ternura aplicando um lenço umedecido no seu rosto.

– Ele acordou. – Disse a voz grave do homem que estava fora do alcance dos seus olhos naquele momento. – Vou lavar o automotor que chegou imundo de poeira.

Sem conseguir afastar os olhos da bela mulher à sua frente, escutou uma porta sendo aberta e em seguida fechada. Mesmo enfraquecido, observou a mulher sentada numa cadeira ao seu lado. Era mais velha do que Lurdinha e mais moça do que Dona Anita.

– Comprei uma coisa pra você comer! – Ela disse em voz baixa. – Não sei se gosta, mas não tenho outra coisa...

– Desculpe esse negrinho por incomodar a senhora e seu esposo! – Falou Deco com a voz rouca tentando ficar sentado.

– Miguel não é meu esposo, é o chofer do dono dessa casa! – Ela ajudou o rapaz e se acomodar sentado num sofá que estava coberto por um tecido preto. – Coma logo antes que tenha outro desmaio.

A mulher pegou um acaçá e ofereceu ao rapaz que aceitou constrangido o alimento. Desembrulhou o acaçá com cuidado retirando a folha de bananeira que o encobria. Era de leite, o saboreou com prazer,

mesmo quase sem ter gosto, já que esse tipo de comida sempre era acompanhado por um pouco de farinha de mandioca amassado com banana. Mesmo assim não teria do que reclamar.

Antes mesmo de terminar de comer o primeiro acaçá, a mulher lhe ofereceu outro, dessa vez era de milho. Aos poucos a fome estava sendo amaciada e ele sentia que suas forças retornavam. Enquanto comia, olhou em volta aquela casa onde as coisas ainda estavam desarrumadas como se fosse uma mudança que acabara de chegar.

– A fome melhorou? – A mulher indagou de maneira preocupada.

– Salvou minha vida, tem muito tempo que não como nada, acho que dois dias! – Disse Deco agarrando a mão da mulher e a beijando em agradecimento.

– Não precisa agradecer! – Ela recolheu a mão rapidamente e ficou de pé olhando em volta com as mãos na cintura. – Talvez possa me ajudar. Preciso de alguém para fazer comigo a arrumação da casa. Conhece alguém que possa fazer esse serviço?

– Faço pra senhora sem cobrar nada! – Disse Deco terminado de engolir o último pedaço do acaçá. – Isso... Se confiar em mim!

– Está certo! – A mulher deu de ombros. – Como é seu nome?

– Deco!

– Isso é nome mesmo? – Ela estranhou.

– Na verdade é um apelido, meu nome é Fidelis!

– Meu nome é Glenda, sou a governanta.

– O que é isso…, governanta...?

– Uma empregada de luxo! – Ela gargalhou. – Administro a casa. – Vamos começar a trabalhar? Só tenho uma semana para arrumar tudo.

Deco continuou sem entender o significado da palavra, mesmo assim preferia não ficar fazendo mais perguntas e começou o trabalho de faxina orientado por Glenda. Ele estava fascinado por aquela bela mulher, completamente diferente de qualquer outra que já encontrara na sua vida.

Capítulo 39

Na segunda-feira, Deco acordou muito cedo e estava feliz. Ansiava o momento em que encontraria Glenda novamente. Além disso, sabia que ao chegar naquela casa, poderia comer alguma coisa. Nos últimos dias, sua miséria se acentuara, desejava apenas sobrevivência, vivia para tentar não morrer de fome.

Logo ao sair de casa, encontrou com Bené, um carroceiro conhecido, que estava descarregando tijolos ao lado da casa. Lembrou-se do compromisso que assumira com Mãe Umbina, teria de trabalhar na reforma da escola e, como se não bastasse, não poderia esquecer as aulas de Lurdinha. Como também se comprometera com Dona Glenda, teria de pensar numa maneira de conciliar todas as coisas nos próximos dias.

Se deu conta que antes, a sua vida antes estava um marasmo perigoso, agora sentia que nem daria conta de tantas coisas para fazer. Tudo acontecera repentinamente, depois de quase morrer de fome. Dando um longo suspiro, seguiu em direção à praça do mercado das Sete Portas, dessa vez estava sendo diferente de tantas outras caminhadas recentes naquela direção.

Os pensamentos do rapaz permaneciam confusos e sua inocência ainda era muito grande. Percebera o olhar de malícia de Glenda observando o seu corpo, parecia que ela desejava algo dele que nem teria coragem de querer saber. No entanto, fantasiava que ela o desejava na cama, mas de nada adiantava, nem saberia o que fazer com uma mulher, já que essa experiência até então, nunca se tornara prática.

Aquela mulher era muito bonita, embora tentasse esconder isso vestindo roupas sóbrias. Ele sorriu imaginando o corpo que estaria escondido. Pele alva, seios delicados e volumosos. Era tudo que poderia compor mentalmente, sem nunca ter visto uma mulher despida. Se um dia estivesse na cama com uma mulher assim, teria de deixar que ela o conduzisse, teria de ser humilde e reconhecer a sua ignorân-

cia, também nisso. Ela não era para ele.

Beijar aqueles lábios delicados e atraentes, seria sempre um mistério a ser sonhado. Poderia ser algo tão maravilhoso para quem soubesse o que fazer, estremeceu acariciando suavemente os seus próprios lábios. O sabor do beijo era algo que sempre desejara conhecer. Lembrava, com detalhes, algumas conversas que escutara entre os carroceiros falando de algumas mulheres com quem haviam deitado. Percebeu que estava excitado.

Sacudiu a cabeça como se fosse possível afastar tantos pensamentos proibidos. Aquela mulher nunca o desejaria. Ela apenas se mostrara caridosa e salvara sua vida. Cabia-lhe cabia apenas gratidão naquele momento. Dando um muxoxo, apressou o passo, tentando se concentrar nas coisas que via pelo caminho e deixar de lado ideias absurdas e maliciosas.

Capítulo 40

O sol acabara de sumir no horizonte. Lurdinha entrou no bonde e sentou-se com ar pensativo e preocupado. Tentava imaginar o que acontecera com Deco, não apareceu nem para o café da noite no sábado nem no domingo, onde ela sempre aproveitava para aulas mais longas. Apertou contra o peito as revistas de moda, que trouxera para estudar em casa o modelo que teria de fazer no seu curso de corte e costura.

Um rapaz mulato, de bigodinho aparado fino, bem vestido, sentou-se ao seu lado, ela notou, mas fez questão de continuar olhando para o lado de fora. O bonde começou a andar depois de o motorneiro tocar duas vezes o sino.

– A moça bonita mora por perto? - Indagou o rapaz com um tom espichado e malicioso na voz, tentando iniciar uma conversa.

Ela fez de conta que não seria com ela aquela conversa. Já conhecia muito bem aquele tipo de abordagem e o melhor sempre era ignorar. Logo sentiu a perna dele roçar a sua de maneira proposital. Incomodada, olhou de maneira acintosa para a perna dele. Não havia como se afastar. Ficara imprensada, no outro lado estava sentado um homem gordo carregando no colo uma sacola cheia de objetos de madeira.

– Estou incomodando? – O rapaz insistiu.

Ela apenas deu um muxoxo sem responder. O bonde parava nos pontos para pessoas saltarem e subirem, até parecia que nunca chegaria ao seu destino. Quando finalmente chegou ao largo da Baixa de Quintas, ela suspirou aliviada. Por coincidência, viu um homem na rua carregando na cabeça uma enorme trouxa preta. O reconheceu. Era Deco que voltava para casa.

Saltou na parada seguinte, um ponto antes do seu. Teria de fazer o resto do caminho andando, mas não se importava. Queria era se livrar do moço inconveniente. Além disso, teria a companhia de Deco. Se fosse ele sentado ao seu lado, poderiam conversar muito e ela até gostaria que ele ousasse roçar sua perna na dela. Deu um risinho malicioso que abafou com a mão.

– Virou lavadeira? – Ela indagou para ele que se aproximava distraído.

– Não! – Ele respondeu assustado pela abordagem repentina, sem entender a presença dela naquele lugar.

Eles continuaram caminhando em silêncio por algum tempo. Lurdinha cansou de ficar de boca fechada e contou o motivo de ter saltado antes do seu ponto. O rapaz apenas escutava sem tentar fazer qualquer comentário. Na verdade, preferia ficar assim, não confessaria que sentiu ciúmes de Lurdinha e uma raiva muito grande do rapaz indelicado.

– O que você carrega nessa trouxa? – Ela perguntou quando entravam na vila onde moravam.

– Um pano que me deram! – ele sacudiu os ombros. – Depois lhe conto, vou deixar isso em casa.

– Vou esperar você para o café! – Ela saiu andando em frente, saltitante.

Quase que Lurdinha se entrega. Estava difícil esconder a felicidade que sentia ao se encontrar com Deco. Entrou em casa cantarolando e foi direto na cozinha onde sua mãe estava comendo, sendo servida por Missinha, a velha empregada que estivera doente e voltara naquele dia.

– É bom te ver novamente! – Disse Lurdinha sorridente abraçando a velha. – Estava com saudade.

– A menina vai comer agora? – Indagou a empregada constrangida pela demonstração de afeição.

– Vou espera por Deco que não demora!

Lurdinha deu um beijo na cabeça da mãe e sentou-se ao seu lado colocando a revista de moda no assento da cadeira vazia. Pouco depois Deco entrou com ar desconfiado e Umbina mandou que ele sentasse logo. O rapaz obedeceu e se assustou com um gritinho de Lurdinha. Havia sentado na cadeira onde ela colocara a revista. Envergonhado, ele pegou a revista e a colocou sobre a mesa ao seu lado.

Depois de comer, Deco contou o que acontecera com ele naquele fim de semana. Umbina sacudia a cabeça como se já esperasse por escutar aquela história. Ao final, mudou de assunto e disse que já contratar Mestre Pidão, um mestre de obras conhecido. O rapaz teria apenas de ajudar quando fosse possível.

– Resolvi aumentar a casa, a obra será maior. – Ela falou sorrindo para si mesma e levantou-se. – Vou deixar vocês estudarem.

– Vou pegar o caderno e o lápis no meu quarto. – Lurdinha também se levantou saindo com a mãe.

A empregada recolheu o que havia sido utilizado e foi lavar os pratos e os canecos. Deco pegou a revista de moda que estava ao lado e ficou olhando a capa. Era interessante, nunca nem tocara numa revista assim tão novinha.

Ao retornar para a cozinha, Lurdinha escutou algo que a surpreendeu. Jamais imaginaria que aquela situação ocorresse tão cedo. Deco estava lendo em voz alta. Balbuciava lentamente, palavras impressas na capa da revista.

O coração da moça bateu forte, sentia vontade de correr para abraçar e beijar o rapaz. Conteve-se. Respirando fundo, várias vezes, foi calmamente sentar ao lado dele. Seus planos para aquela noite se modificaram com essa novidade. Aproveitando o interesse dele, o ajudou a ler mais.

Depois de algum tempo, correu até o seu quarto e voltou com outra revista de moda. Não havia uma opção melhor de leitura.

– Quando chegar à sua casa, leia essa! – disse Lurdinha entusiasmada.

– Não posso! – Lamentou Deco que ao perceber a expressão de indagação no semblante de Lurdinha, explicou. – Não posso ler no escuro, acabou o querosene do fifó.

Ela nem pestanejou, levantou-se apressada, pegou rapidamente uma garrafa de querosene que estava embaixo da pia e entregou para ele. O rapaz relutou em aceitar, mas foi convencido por ela que garantiu não fazer falta para ela. Constrangido, ele foi embora enquanto ela saltitava de contentamento.

– Você se enrabichou por ele? – Indagou Missinha sorrindo, mostrando sua gengiva com poucos dentes.

– Deixa de maluquice! – Disse Lurdinha fazendo cara de pouco caso, saindo da cozinha.

No caminho do quarto, ela sorriu de si mesma. Precisava tomar cuidado para não se entregar a todo instante. Gostava de Deco, mas ainda não sabia se era amor ou sua vaidade a empurrava nessa direção. Conquistar aquele rapaz de pouca conversa era um desafio. Todos que se aproximavam dele não negavam uma imensa afeição. Era um iluminado para atrair as pessoas.

Capítulo 41

Ao entrar em casa, Deco tateou o caminho até a cozinha, jogou a revista sobre a mesa, colocou querosene no fifó e o acendeu. Deu uma olhada para a trouxa preta junto da porta e sentou numa cadeira se espreguiçando. Deixaria para arrumar sua cama com aquele pano mais tarde ou outro dia.

A curiosidade do momento era a revista. Até ele ficou assombrado com a facilidade de ler e entender o que estava escrito. Pegou a revista com cuidado e começou a passar as páginas lentamente. Eram todas descrevendo modelos de roupas femininas que estavam na moda. Finalmente encontrou duas páginas que lhe despertaram atenção. Falava de um lançamento de um tipo de tecido e de um novo modelo masculino de ternos.

Mesmo pensando que aquele tipo de roupa era algo que jamais poderia ter, começou a ler lentamente, aos poucos. Sua mente se alargava e para seu encanto, a cada frase, conseguia fazer uma leitura mais contínua e rápida. Muitas palavras ele nem entendia, pareciam escritas numa língua que jamais escutara, mas compreendia o conjunto da informação, eram nomes de tecidos finos.

Ficou muito atento aos detalhes que o desenho da revista mostrava sobre o corte, e sorriu de si mesmo, percebendo que os entendia perfeitamente. Era como se alguma vez em sua vida já houvesse feito uma coisa assim. Até as imagens das réguas, da tesoura e do cheiro dos tecidos se apresentavam nesse delírio, se expandiam na sua mente, como se estivesse mesmo fazendo tudo, cortando, tocando. Sentia uma emoção muito grande, como nunca experimentara.

Depois de ler toda a notícia, sentiu que ainda precisava de muita informação, queria isso como se sua vida dependesse apenas desses detalhes que ainda ignorava. Assim que fosse possível, passaria na loja de tecidos do seu Tertuliano. Ele sempre lhe tratara muito bem todas as vezes que o encontrava, Vavá fazia carretos para ele.

Não sabia explicar para si mesmo o gosto repentino que lhe invadia ao ver aquelas roupas. Olhou mais uma vez a trouxa de pano preto e pensou que talvez conseguisse fazer um terno para ele aproveitando aquele tecido. Seria a primeira vez que teria oportunidade de vestir uma roupa que não fosse retirada de um defunto.

Sabia que Lurdinha estava aprendendo a costurar, talvez esse tipo de influência o tenha levado a ter aquelas ideias. Ficou preocupado, não teria como costurar, aquilo não poderia ser feito apenas com uma agulha e linha, teria de ter uma máquina de costura. Pediria emprestado para Lurdinha, que possuía uma pequena de mão, mesmo não gostando de incomodar.

Os olhos começaram a arder, devia ser o cansaço pelo esforço da leitura, que chegava de maneira incontrolável. Depositou a revista sobre a mesa, apagou o fifó e foi deitar. Nem percebia que sua cama de caixotes era dura. Suspirou lembrando-se de como Glenda era bonita. Ficou excitado, imaginou que a beijava nos lábios e gargalhou dos seus pensamentos que lhe pareciam absurdos. Adormeceu rapidamente ainda excitado.

Capítulo 42

Depois do almoço que Glenda preparou para aproveitar e ensinar o rapaz a se portar melhor à mesa, Deco estava falador como nunca. Atendendo ao pedido dela, contou a história de sua vida rapidamente já, que achava não possuir grandes aventuras para narrar. Como já estavam com quase todos os serviços de faxina prontos, ela também contou a sua até aquele momento.

Nascida na Alemanha, filha de uma dançarina de cabaré com um homem que nunca soube exatamente quem era, Glenda sonhava em ser cantora. Todos elogiavam a voz da menina e aos dezesseis anos, conseguiu participar da seleção de cantores que atuariam num espetáculo de segunda categoria, num cabaré pequeno de Berlim.

Não teve dificuldades, possuía um belo corpo e uma boa voz, mesmo assim, seria apenas integrante do grupo que faria o coro. Para ela aquela oportunidade era magnífica. O espetáculo fez sucesso, dois meses depois já estavam num cabaré grande e famoso. Antes mesmo de terminarem de comemorar a estreia, receberam um convite para apresentações num dos cabarés mais famosos de Paris.

Glenda vivia como se todos os seus sonhos fossem possíveis de acontecer na realidade. Jamais imaginou que a sua saída de Berlim para Paris fosse o início de um pesadelo.

Ao deixarem Berlim, o entusiasmo era muito grande. O sonho durou apenas uma semana. Depois dos espetáculos, o empresário francês, Remi, costumava entrar nos camarins e escolher uma das moças do coro para sair com ele. Ele era repugnante, baixinho, gordo, careca e de olhar malicioso, observava as moças, babando, como um tarado. Por ter sido criada nesse meio artístico, ela reconhecia bem o tipo de sujeito.

Sabia que deveria evitá-lo de qualquer maneira, não teria coragem de ir para a cama com ele. No entanto, ao negar-se, poderia ficar sem trabalho, num país estranho, onde nem sempre fantasias e escolhas são permitidas para moças como ela. Nunca havia feito sexo até aquele mo-

mento, mas sabia exatamente que isso seria parte de sua sobrevivência naquele ambiente.

Por alguns dias conseguiu manter-se longe dos olhos de Remi, mas finalmente aconteceu o que tanto temia. Recordava bem aquele dia, ele chegou mais cedo, lhe encontrou ainda vestida com a sua roupa de cena, acariciou suas pernas, seu rosto e estalou a língua.

– Venha comigo! – Ele falou como se fosse uma ordem e não um pedido.

– Vou me trocar! – Ela tentou escapar.

– Não será necessário. – Ele olhou para os lados e saiu lentamente caminhando na direção de outras duas moças. Olhava para elas como quem observa um prato de comida quente. – Vocês duas também venham comigo.

Elas foram conduzidas com as roupas de cena até um camarim muito grande onde encontraram a estrela do espetáculo e vários homens. Ao ver isso, Glenda ainda se iludiu acreditando que estava ali para enfeitar alguma festa ou coisa parecida. O sonho terminou poucos minutos depois, os homens caíram sobre elas sem qualquer pudor.

Alguns meses depois, o espetáculo terminou, as moças foram largadas ao léu sem receberem o pagamento. O empresário Remi desaparecera com o dinheiro todo. Algumas moças não tiveram problema, possuíam dinheiro guardado e voltaram para Berlim, outras como ela, tiveram de aceitar a proposta imunda de um cafetão, assíduo frequentador do cabaré. Elas se prostituíram por falta de opção.

Viveu nessa vida por seis anos, tentando manter sua dignidade e acalentando a esperança de mudar seu destino. Foi assim que conheceu um jovem brasileiro chamado Hildásio Barbosa da Cunha. Era apenas um gastador de dinheiro, filho de um senador da república na terra deles. Ela nem sabia onde ficava o Brasil.

A relação temporária durou quase um ano, o rapaz fingia para a família que estudava em Paris. Um dia ele sumiu e só voltou seis meses depois com uma proposta para ela. Havia casado para satisfazer ao pai,

queria levá-la, como amante.

– Para isso, eu seria obrigada a me tornar governanta na casa dele. – ele falou em tom melancólico.

O pai se aposentara e ele herdou a vaga no senado, só que teria de morar na Bahia. Ele falou que tentaria evitar a mudança por algum tempo, mas logo sua vida mudaria. Glenda veio para o Brasil morar inicialmente no Rio de Janeiro e aprender o serviço de governanta. O rapaz comprou a casa que ficou fechada por um ano e meio, agora teria de fazer a detestável mudança.

Mesmo assim, ela não reclamava, teria obrigações em atender ao amante, apenas duas ou três vezes por ano, já que ele ficaria apenas em Salvador por um ou dos meses e voltaria correndo para o Rio de Janeiro com sua esposa que não se imaginava morando em outro lugar.

Ao concluir sua história, Glenda parecia mais relaxada. Seu rosto estava iluminado como quem acaba de sair de um cativeiro para viver sua vida normal. Deco, de olhos baixos, estava comovido.

Capítulo 43

Na quarta-feira, a faxina do sobrado estava feita antes mesmo do final da tarde. Quando terminaram de lavar o banheiro, que ficava na parte térrea da casa, Glenda o deixara sozinho enxugando o chão. Deco olhava com desejo a banheira, o chuveiro e o vaso sanitário. Pensava que um dia gostaria de ter uma casa como aquela. Não precisava ser tão grande.

Seus pensamentos foram interrompidos por Glenda que chegou diante da porta com uma garrafa de vinho na mão. Foi logo falando: - Quando acabar estarei lhe esperando para comemorar o fim dessa faxina! – Ela mostrou a garrafa de vinho e desapareceu.

Por algum tempo, Deco ficou sem saber o que pensar, nunca imaginaria uma comemoração depois de um serviço como aquele. Apressou-se, estava curioso e ao mesmo tempo aflito para saber o que o esperava.

Ao ir ao banheiro e seguir para a cozinha, encontrou Miguel, o motorista conversando com Glenda que o dispensava até que os patrões chegassem. Ele apenas deu de ombros, se despediu dela e saiu da cozinha piscando um olho e lançando um sorriso malicioso ao cruzar com o rapaz.

Aquele homem com quem trocara poucas palavras, lhe parecia ser um típico malandro, no entanto, sempre lhe sorria de maneira simpática. Um mulato muito alto e forte, não o amedrontava, ao contrário, lhe transmitia uma sensação de que sabia muito mais sobre o que acontecia à sua volta do que as pessoas imaginavam, poderia ser um bom amigo.

– Vou me esbaldar na zona com as putas! – Disse em voz baixa para Deco e saiu assoviando.

Havia algo de familiar em Miguel que Deco ainda não identificara. Sacudiu a cabeça lentamente e entrou na cozinha. Aquele chofer se pa-

recia um pouco com Passarinho embora fossem fisicamente diferentes.

Glenda estava abrindo a garrafa de vinho. Ele escutou o barulho do motor do automóvel partindo. Estremeceu, estava sozinho com aquela bela mulher que lhe encantava, não sabia o que fazer. Teria de ter cuidado com seus olhares desejosos. Não poderia ser indelicado e se mostrar atrevido, afoito. No entanto, o que mais queria, era beijar aquela boca insinuante e sensual.

– Sente aqui! – Ela apontou uma cadeira e depois serviu o vinho nas duas taças que estavam sobre a mesa. – Hoje seremos bem verdadeiros.

O rapaz não entendeu o que ela queria dizer, preferiu não perguntar nada e aguardar em silêncio. Sentou-se onde ela mandara e aceitou a taça cheia de vinho que lhe era oferecida. Por sua vez, ela se acomodou na cadeira ao lado dele segurando a outra taça e ficou quieta, o observando-o, silenciosamente, algum tempo. Deu um longo suspiro e bebeu um grande gole.

– Tem namorada? – ela indagou de maneira repentina.

– Nunca namorei! – Ele disse envergonhado.

– Inacreditável! – Ela bebeu o restante do vinho da sua taça e pegou a garrafa. –Um rapaz tão bonito assim..., não tem namorada?

– Quem se interessaria por um negrinho ignorante e pobre?

– Vou lhe contar um segredo da vida. – Glenda coçou suavemente a orelha esquerda e sorriu. – Eu também já pensei assim, quem se interessaria por uma garota pobre e logo encontrei a resposta. Nunca confunda desejo, sexo e amor. Não misture dinheiro... com amor e sexo com paixão. Cada um desses sintomas do estado de espírito é único, possui o seu momento e o seu lugar. Amor é por um momento entre pessoas enquanto sonham, sexo é puro prazer.

– Não entendi! – Ele franziu a testa.

– Vou ser mais clara! Um homem e uma mulher deitam para fazer sexo, saciar os desejos. – ela suspirou, encheu sua taça de vinho e depois a dele. – São atraídos pela paixão do sexo. Encontram-se e conversam

com amor e quando fazem sexo, são felizes. Nesse momento eles não fazem amor. Vivem o amor como se fosse eterno em alguns minutos.

– Sou muito ignorante para entender essas coisas! – Ele exclamou constrangido por saber que estava excitado.

– Nada disso! – Ela protestou. – Só não tem experiência no assunto. – Fez uma pausa com ar pensativo e perguntou de chofre. – Já desejou muito beijar uma mulher?

– Eu...? – Ele indagou confuso, sabendo que desejava os lábios de Glenda.

– Tudo começa pelo beijo! – Ela continuou a falar como se não esperasse por uma reposta do rapaz. - Vou lhe pedir um favor.

– Qualquer coisa! – Ele se prontificou imediatamente.

– Já deixei o hotel e vou ter de dormir aqui a minha primeira noite, não quero ficar sozinha. – Ela maneou a cabeça lentamente. – Você me faria companhia?

O rapaz ficou algum tempo sem saber o que dizer. Lembrava que Lurdinha o aguardava para a aula diária. Por sua vez, dormir naquela casa, tendo aquela bela mulher que salvara sua vida, ali bem pertinho, seria um bom sonho se realizando. O cheiro de Glenda espalhado na casa já o recompensaria por ficar com remorso ao faltar com seu compromisso anterior.

– Eu fico!

Glenda sorriu satisfeita por ele ter concordado. Levantou-se e foi até um armário, abriu a porta e pegou um pedaço de sabão perfumado e uma toalha. Voltou com ar malicioso nos lábios e entregou tudo para Deco.

– Estamos sujos da faxina, vá tomar um banho, eu também vou fazer a mesma coisa no banheiro de cima. Depois conversamos mais e jantamos. – Ela olhou as roupas dele. – Como não tenho outras roupas para lhe emprestar, apenas enrole a toalha na cintura e venha novamente para a cozinha. Não fique envergonhado!

Capítulo 44

Aquele era o primeiro banho de chuveiro na vida de Deco, lhe parecia ser um fato muito importante, nunca o esqueceria. Mesmo se deliciando com a sensação da água farta e com o perfume do sabão, seus pensamentos continuavam embaralhados.

A conversa encaminhada por Glenda o confundia facilmente. Estava tão excitado que urinou no próprio rosto. Ainda se mantinha desconfiado e não pretendia ficar imaginando as delícias que passavam por sua mente. Estava muito difícil, mas teria de se controlar.

Aquela mulher deslumbrante, "gringa" e vivida, que exalava sedução, não poderia desejar deitar com um negrinho ignorante. Não deveria esquecer que ela era a amante do dono da casa e seria capaz seduzir qualquer homem rico que desejasse. Por mais que Exu abrisse seus caminhos, não chegaria a esse ponto.

Nada disso era desculpa para sofrer. Aquela noite seria muito especial, mesmo sabendo que conhecia o seu lugar, e que não seria nos sonhos eróticos de Glenda. Pela primeira vez, imaginava Lurdinha como mulher e também desejou um dia ter coragem de beijar aquela boca que esbanjava ardor e alegria, uma enorme sedução inocente, muito diferente de Glenda.

Começou a enxugar o corpo sorrindo das bobagens que conseguiam deixar fluir na sua mente sem qualquer constrangimento. Olhou-se no espelho, ainda estava tão excitado que seria denunciado imediatamente no volume que a toalha não esconderia. Teria de se acalmar.

Respirou profundamente várias vezes, desviaria os seus pensamentos. Começou a imaginar no que precisaria para fazer do pano que servira de forro para os sofás daquela casa, uma roupa bonita e bem feita. Ficou por um bom tempo imaginando os cortes e o modelo. Quando finalmente sentiu que o seu pênis voltava a sua forma natural e costumeira, enrolou a toalha na cintura e saiu do banheiro.

Esperava que Glenda não ficasse chateada por toda a demora dele. Nem teria como se justificar. Para sua surpresa, ao entrar na cozinha constatou que ela também não chegara. Tratou logo de sentar e encheu a sua taça com o vinho com a sobrara na garrafa.

Capítulo 45

Glenda acabou de vestir seu roupão depois do banho, sentou na cadeira em frente à sua penteadeira, calçou os sapatos altos e soltou os cabelos. Seus cabelos loiros eram sedosos e longos, embora não fossem volumosos. Uma coisa que herdara de sua mãe, assim como quase não possuía pelos pubianos, o que agradava muito aos homens, que se deliciavam com o sexo oral.

Sorriu de maneira safada. Ela também gostava muito desse tipo de sexo. Mesmo que o homem não fosse o mais desejado, seria uma mentirosa negando que o prazer chegava de maneira múltipla depois de um sexo oral, que era delicioso, era muito excitante. Estremeceu-se e acariciou a vagina sentindo um arrepio percorrer o seu corpo inteiro.

Pegou a escova de cabelos e começou a passar delicadamente nos cabelos. Estava ansiosa para ver o que a sua ideia produziria. Talvez assustasse o rapaz no início, no entanto estava certa que não seria por muito tempo. Percebia o desejo ardente no olhar dele. A negritude do corpo de Deco, além de novidade, a perturbava muito e provocava seus instintos de fêmea.

Sabia também que não era só isso. O rapaz era uma doçura. Sua maneira delicada e ao mesmo tempo viril, faria desabrochar na cama a rosa feminina e sedutora da prostitua residente em qualquer mulher. Esse era um homem que fazia parte do sonho de qualquer mulher caçadora.

A sua experiência recomendava ter paciência. Deveria deixar que ele ficasse só por um bom tempo, permitir que a imaginação falasse tão alto que explodisse em gestos na hora certa. Percebia um clima perfeito para alcançar o clímax que planejara desde o momento em que o socorreu. Era claro que nem passara por sua cabeça que a sedução seria tão agradável, como se tornara ao longo daqueles poucos dias.

Largou a escova de cabelos sobre a penteadeira e olhou indecisa os inúmeros frasquinhos de perfumes. Escolheria com cuidado a essência certa para adornar o momento. Ela também queria aproveitar da me-

lhor maneira esse raro instante de sedução.

Dosaria cada momento, primeiro seria para que ele descobrisse todas as suas próprias possibilidades, depois faria com que ele proporcionasse todas essas possibilidades e por fim o estimularia para que deixasse tudo acontecer sem qualquer limite de prazer.

Aquele moço merecia uma grande noite. Seria a sua primeira vez na cama com uma mulher. Sabia que ela permaneceria para sempre em seu coração, no entanto, todo cuidado seria ainda pouco, não pretendia exagerar e assim evitar que ele ficasse apaixonado ou acreditasse nessa loucura. Seria desastroso.

Capítulo 46

A única explicação que Deco conseguia encontrar para a demora de Glenda no banho, seria a dúvida, justa diante da sua insignificância. Ela se esquecera da sua presença. Mesmo assim não conseguia controlar o fogo que tomava seu corpo. Olhava fixamente para a porta por onde ela deveria chegar.

Finalmente sentiu que o ar estava ficando impregnado por um perfume delicado, refrescante, que aumentava sua excitação. Diante dele, surgiu lentamente a mulher pela qual ansiava. Estava com os cabelos soltos, vestia um roupão vermelho de seda que lhe cobria o corpo deixando metade das pernas de fora. Calçava sapatos de saltos altos e pisava como quem anda sobre as nuvens. Meias rendadas, também vermelhas, adornavam as pernas grossas completando aquele espetáculo.

Ela não disse qualquer palavra, apenas o chamou com um gesto do dedo indicador como se fosse uma feiticeira que o encantava. Obedecendo sem pestanejar, ele levantou-se sentindo suas pernas tremerem. Aproximou-se de Glenda com cuidado como quem teme quebrar a magia. Quando já estava bem próximo, escutou seus lábios deixarem escapar uma ordem num tom delicado e meigo.

– Venha comigo. Podemos conversar enquanto termino de me arrumar.

Sem nem pensar, ele apenas seguiu a ordem. Já estava deslumbrado com a imagem de Glenda, agora nem saberia dizer o que sentia. Todo o seu corpo parecia ter caído numa fogueira. Nem queria se perguntar sobre a intenção dela com medo de errar.

A casa começava a ficar escura por causa do horário de final de tarde. Deco seguia os passos da mulher à sua frente como um animal de estimação. Quando entrou no quarto dela, escutou os sinos das igrejas repicando, marcavam o final do dia e o início da noite.

Ele olhou em volta o quarto iluminado apenas por uma lâmpada fraca de um abajur avermelhado sobre a penteadeira. A cama era de verdade, uma cama de casal larga forrada por lençóis muito alvos. Aspirou o ar do ambiente com força, aquele perfume de Glenda que o provocava, ali se tornava mais intenso.

Ela sentou-se na cadeira em frente da penteadeira como uma rainha sentaria num trono. Com um gesto de mão mandou que ele sentasse na ponta da cama. Pegou a escova de cabelos e passou duas vezes na cabeça e sacudiu suavemente os cabelos de um lado para o outro.

– O que ficou fazendo enquanto me aguardava na cozinha? – Ela indagou olhando o rapaz pelo espelho.

– Pensando...! – Deco respondeu com a voz quase sumida.

– Em que coisas pensas?

– No que me disse sobre o beijo! – Ele cruzou as mãos e as colocou sobre o meio das pernas tentando esconder o sinal mais evidente de sua excitação que a toalha não conseguia esconder. – No meio das pessoas que conheço, elas quase nem se beijam. Só algumas vezes quando encontram mulheres que nunca são suas esposas. Eu não sei beijar.

-É mesmo? - ela sorriu com malícia. –Isso tem uma explicação. – Voltou a escovar os cabelos suavemente. – Os homens são muito devassos com as prostitutas e amantes, e com elas, realizam suas fantasias. Com as esposas, são conservadores e hipócritas, por motivos religiosos e falsamente respeitosos, apenas se permitem a reprodução.

– Coisa sem graça! – Deco comentou em voz baixa.

– Pois é.... – Glenda levantou-se. – As mulheres são hipócritas com os esposos e se mostram devassas na cama com os amantes. Como você trataria sua esposa?

– Não sei... – Ele coçou a testa com ar pensativo. – Acho que a trataria como se fosse minha amante, parece ser mais divertido.

– Quanto ao beijo... – Glenda levantou, aproximou-se do rapaz e o puxou pela mão, o fez ficar de pé. – Vou lhe ensinar esse truque mágico que explode na sensação do prazer.

Deco se assustou quando Glenda abriu o roupão que vestia. Embora não conhecesse, nunca se deparara com tal formosura, a via como uma deusa permitindo que um negrinho idiota se tornasse feliz.

Estava quase nua, vestia roupas intimas e as meias vermelhas sustentadas por um espartilho da mesma cor. Os seios pareciam saltar no decote generoso. Deco ficou sem ação. Sem pressa ela segurou a cabeça do rapaz e aproximou seus lábios da orelha dele e mordiscou suavemente. Sentindo a boca ressecar ele lambeu os lábios.

Ela beijou o pescoço de Deco e roçando os lábios no rosto dele chegou onde queria, o beijou de leve, ele tremia, procurou controlar o pânico que ameaçava lhe absorver por inteiro. Ela acariciou o peito dele e sua boca suavemente voltou ao seu ouvido e murmurou pedindo que abrisse um pouco a boca. Ele obedeceu, e como uma serpente deliciosa, ele sentiu a língua da mulher penetrar entre seus lábios e suavemente invadir sua alma.

Com muita agilidade ela fez a toalha que cobria parcialmente o corpo de Deco cair no chão e o empurrou para que deitasse na cama. Estava claro que para ambos não havia mais retorno, estavam completamente envolvidos naquele ritual mágico.

Capítulo 47

Muito nervosa, mostrando inquietação, Lurdinha andava lentamente de um lado para o outro dentro de casa e voltava sempre para a janela de onde poderia avistar a casa de Deco. Continuava tudo escuro e ela sabia que ele não havia chegado.

Finalmente, percebeu que pelo horário de nada adiantaria esperar. Tentou se acalmar lendo uma revista de moda embora os seus pensamentos não desgrudassem do rapaz. De início ficou preocupada e depois lhe veio a dúvida. Ele poderia ter se metido numa farra com as raparigas ou coisa assim. Ficou com raiva. No entanto, ponderou para si mesma, ele não era igual aos outros homens, essa hipótese seria pouco aceitável e ele não possuía dinheiro.

Uma ideia maligna lhe passou pela cabeça. Olhou de soslaio para o quartinho onde sua mãe atendia os que a procuravam para assuntos espirituais. Sabia que possuía o dom da previsão nos búzios e até aquele momento havia evitado esse tipo de trabalho. Não pretendia ter essa obrigação.

Relutou em se deixar vencer pelo desejo de saber o que estava acontecendo naquele momento com Deco, mas a preocupação diante da possibilidade de algo perigoso ou ruim, a empurrou de vez na direção da curiosidade.

Entrou no quarto de atendimento segurando o candeeiro com a mão trêmula. Sentou-se na cadeira de sua mãe, pegou os búzios numa caixinha de madeira ao lado de um cesto de vime e deixou o candeeiro sobre a mesa. Fechou as mãos em concha com os búzios dentro e soprou pensando em Deco, em seguida os jogou numa peneira de palha.

A leitura era clara, ele estava se transformando em homem nos braços de uma mulher loira vinda de outras terras. Mesmo enfurecida, sabia que teria de continuar o ritual e jogar os búzios novamente. Suspirou aliviada ao ver a leitura do segundo jogo, a mulher loira não fazia parte do futuro dele embora se mantivesse presente na sua vida sem

envolvimentos afetivos. Ela determinava o início de um novo Deco que surgiria com esforço e determinação.

Por causa da raiva, não conseguia entender muito bem a mensagem espiritual dos búzios. Arrependeu-se por ter tentado saber o que não lhe dizia respeito. Dando um muxoxo, pegou o candeeiro e saiu do quarto de atendimento. Cairia na cama e amargaria aquele pesadelo.

Não negava sua irritação de mulher com muito ciúme. Respirou fundo enxugando as lagrimas que rolavam pela sua face. Sabia que sua atitude era infantil, já que nem poderia cobrar qualquer coisa dele.

Capítulo 48

O sol penetrava forte por uma pequena abertura na cortina e incidiu diretamente sobre o rosto de Deco que acordou atordoado olhando em volta. Aquela noite havia sido um renascimento. Havia ficado bem claro, agora estava no momento de retomar à sua insignificância.

Como experimentara com tanto prazer as suas novas descobertas, havia o desconforto por saber que logo teria de se confrontar com a realidade. Não se enganava. Seu mundo era outro, aquele prazer todo havia sido apenas um lindo sonho.

Sacudiu a cabeça lentamente negando para si mesmo a necessidade de acordar. Olhou timidamente para aquela bela mulher adormecida, despida e cheirosa ao seu lado. Estremeceu envergonhado por saber que ainda estava completamente despido. Teve vontade de recomeçar tudo, no entanto, apenas sorriu e ficou de pé com cuidado para não acordá-la.

Andando com passos macios, foi até o banheiro e quando voltou já estava vestido. Glenda se espreguiçava ainda deitada.

– Que horas são? – Ela indagou com a voz rouca. – Tem um relógio ali na penteadeira.

Deco ficou estático e arregalou os olhos. Não sabia muito bem como atender ao pedido já que não aprendera a ler o que aqueles ponteiros com letras marcavam. Ela percebeu o constrangimento dele e ficou de pé bocejando. Calçou o chinelo ao lado da cama e foi ela mesma olhar o relógio. O rapaz ficou fascinado com a desenvoltura dela caminhando nua na sua frente.

– Não é possível! – Ela exclamou levando as mãos aos lábios. – Quase dez horas!

– Não tive culpa! – Disse Deco confuso de cabeça baixa, voz quase

sumida, se desculpando antecipadamente.

– Deixe de ficar achando que o mundo é melhor... maior do que você! – Ela veio até o rapaz, acariciou seu rosto e o beijou delicadamente. – Olhe para as pessoas de maneira altiva, nos olhos, sem se sentir inferior. – Ela pegou o roupão que estava no chão. – Preciso que vá embora agora, tenho muita coisa para fazer.

O estômago de Deco roncou de fome. Imediatamente lhe ocorreu pedir comida, mas apenas acenou com a cabeça concordando com a ordem dela. Já estava chegando junto da porta do quarto quando Glenda o chamou. Ela pegou numa gaveta da penteadeira um dinheiro e ofereceu para ele.

– Não posso aceitar! – Deco franziu a testa.

– Estou pagando o trabalho de faxina! – Disse Glenda desconfiada.

– Tudo que fiz aqui foi apenas por gratidão. – Ele sorriu com malícia olhando para a cama. - Tudo não...! Essa nossa noite foi um prazer que nunca terei como agradecer.

– Sua barriga vazia precisa de comida e com esse dinheiro, compre alguma coisa para comer. – Ela enfiou o dinheiro no bolso das calças do rapaz. Percebendo a indecisão, o empurrou suavemente para fora do quarto. – Não esqueça que fizemos sexo por desejo, não confunda com amor.

– Eu entendi… Não vou lhe incomodar! – Ele percebeu o sentido da observação dela.

Sem pressa, saiu do quarto e escutou em seguida o barulho da porta sendo fechada. Precisava ter cuidado para não se tornar um idiota maior do que realmente parecia ser, sem saber nem dizer qual a hora que um relógio como aquele marcava. Saiu da casa e antes de cruzar o portão, deu uma última olhada se despedindo do sonho. Agora, estava novamente no mundo real.

Capítulo 49

O sol já estava forte sobre a cabeça de Deco que ficou algum tempo sem saber o que fazer naquela manhã depois de sair do sobrado amarelo e deixar Glenda sobreviver apenas nas suas recordações. Assustou-se ao escutar alguém chamando seu nome, reconheceu a voz ainda infantil de Bentinho. Lá estava o garoto lhe sorrindo e acenando, pendurado na grade junto ao portão da casa onde agora morava.

– Desça daí, menino! – Disse Deco também sorridente.

– Mainha vai ficar toda contente em lhe ver! – O garoto desceu da grade e correu para abrir o portão.

Assim que Deco entrou, o menino o abraçou. Sem dizer nada arrastou-o pela mão, conduzindo pela varanda até a cozinha entrando por uma porta lateral. Anita estava ocupada lavando louça, mas os gritos de Bentinho mostrando quem havia encontrado na porta da rua: fez Anita se voltar rapidamente. Ao ver o rapaz, enxugou suas mãos no avental e sorriu.

– Seu ingrato, estava com saudade! – Ela o abraçou de maneira discreta.

– Estive aqui no domingo...! – Deco se desculpou.

– Estávamos na chácara do patrão! – Anita mandou o rapaz sentar e colocou diante dele uma tigela com algumas batatas doces cozidas. – Está com fome?

– Muita! – ele confessou.

– Pode comer! – Ela foi até o fogão e voltou com um bule cheio de café e o serviu.

Deco começou a comer com cuidado para não se engasgar de tanta fome que lhe corroía o estômago. Nesse momento, entrou na cozinha

uma senhora de pouca estatura, pele muito alva e cabelos castanhos presos na nuca num coque, com a idade próxima a de Dona Anita, só que bem vestida e mais cuidada. Ela olhou desconfiada para o rapaz.

– Meu filho de criação! – Anita se explicou apontando para Deco. – Pode ficar descansada que é um bom rapaz.

– Como é seu nome? – Indagou a patroa de Anita se aproximando.

– Fidelis! – ele disse envergonhado.

– Todo mundo chama pelo apelido de Deco! – disse Bentinho abraçando o jovem.

– Essa é a dona da casa, Senhora Eredina! – Anita apresentou.

– Perdoe esse negrinho invadindo a sua casa! – Disse Deco olhando nos olhos de Dona Eredina, com ar altivo, lembrando-se das recomendações de Glenda.

– Pode comer. Não fique envergonhado, meu jovem! – Disse Eredina sorrindo. – Ofereça também um pouco de leite! – Falou se voltando para Anita. – Faça o assado de carne de porco, convide o rapaz para ficar e almoçar com você.

Ela saiu da cozinha sorrindo sem olhar novamente para Deco. Ele voltou a comer e ficou algum tempo escutando Bentinho lhe contar as novidades de sua nova vida naquela casa. O menino o divertia falando sem parar, parecia uma matraca.

Ficou surpreso quando soube que os três filhos dos patrões de Anita estavam estudando no estrangeiro. Lembrou imediatamente do que Glenda lhe disse sobre o amante senador, sobre fingir que estudava para viver uma vida de luxo, gastando muito dinheiro.

O menino só parou de falar quando Anita o interrompeu querendo saber como estava a vida de Deco. Sem ter muito para falar, ele fez um relato rápido. Contudo, omitiu deliberadamente o que acontecera naquela noite. Depois do almoço ele se despediu de Dona Anita e quando já estava na varanda, encontrou um homem vestido de maneira muito sóbria e elegante, um pouco gordo, calvo e com vasto bigode com as pontas enroladas para cima.

– Doutor Ananias, esse é meu irmão de criação! – Bentinho apresentou.

– Muito bem meu rapaz! – Disse o homem passando a mão na cabeça de Bentinho e depois estendeu a mão para Deco o olhando da cabeça aos pés. – Aperte minha mão. - Ele falou gargalhando percebendo a maneira assustada do rapaz.

– Muito prazer! – Disse Deco timidamente.

O aperto de mão de Seu Ananias era forte e mostrava sua boa vontade em aceitar a presença do rapaz na casa. Ele também estava de saída. Bentinho cochichou que aquele era o famoso inspetor geral da alfândega. Uma charrete o aguardava na porta de casa. Deco olhou-o com admiração, um homem tão importante como aquele apertara sua mão sem afetação.

Mirou-se no reflexo do vidro da janela e se viu maltrapilho, ficou envergonhado de si mesmo. Apalpou o bolso onde Glenda colocara o dinheiro. Já sabia o que devia fazer para aproveitar aquele restinho do dia.

Capítulo 50

Quando Deco acabou de subir a ladeira da Barroquinha e chegou ao lado do prédio da prefeitura, se assustou. O movimento de pessoas na praça municipal era muito intenso no meio da tarde. Estava com muita sede e entrou no Café Colonial que ficava no térreo de um grande sobrado na esquina da praça com a Rua da Misericórdia.

Ele tentou por várias vezes pedir que um dos balconistas o escutasse e lhe servisse um copo com água. Eles o olhavam com desdém e acenavam para que esperasse e continuavam atendendo outras pessoas.

Um homem, que chegara depois dele, estava bem vestido e carregava uma maleta, também pediu um copo de água e logo foi atendido. Vendo a agonia de Deco, o olhou com nojo, mas ofereceu o copo que o balconista lhe entregou e pediu outro.

– Me dê outro copo, o pobre mendigo parece que vai morrer de sede! – Sorriu com ironia.

Muito envergonhado, Deco agradeceu, bebeu a água e saiu rapidamente do Café Colonial. A sua vida era mesmo muito miserável, não queria que tivessem compaixão disso, queria ter orgulho de ser uma pessoa respeitada.

Na Rua da Misericórdia havia um comércio muito grande de lojas que vendiam tecidos e artigos para roupas, já que ali era o lugar onde prosperavam as alfaiatarias mais conhecidas da cidade. Queria linha, agulha, uma tesoura e botões. Faria uma roupa para se apresentar de maneira digna. Não dava para continuar vestindo aqueles andrajos que herdara de algum defunto desconhecido.

Depois de fazer suas compras, ele saiu da loja com o pacote embaixo do braço sentindo uma satisfação muito grande. Assustou-se ao sentir uma mão pousar no seu ombro e voltou-se pronto para alguma surpresa desagradável. No entanto, encontrou um rosto conhecido.

Era o Turco da marcenaria do Largo de São Miguel.

– Está perdido? – Ele indagou sorridente para o rapaz.

– Nada disso! – Deco também sorriu aliviado.

– Venha comigo, conte as novidades. – O turco puxou o rapaz pelo braço. – Gosto de prosear com você. Quando esteve comigo não contou que Vavá morreu.

– Coisa triste! – Lamentou Deco.

Os dois entraram no sobrado ao lado do café Colonial e subiram uma escada de madeira até um corredor onde havia muitas portas. Eles entraram numa alfaiataria e Turco foi logo perguntando ao alfaiate se ele já podia tirar suas medidas do terno para o ano-novo.

Enquanto eles esperavam o alfaiate terminar de atender outro freguês, os olhos de Deco estavam atentos observando tudo. Contou os detalhes da trágica morte de Vavá. O Turco tentou animar Deco falando muitas coisas que pouco lhe interessavam. Mostrando-se já desinteressado, logo estava proseando com o alfaiate.

Aquele lugar era como parte de um sonho repetido e esquecido, virando realidade. Na cabeça de Deco, as informações eram processadas como se estivesse recuperando conhecimentos escondidos que nem imaginava ter.

Capítulo 51

Com muita dificuldade, Deco deixou a alfaiataria. Por ele ficaria ali bem mais tempo. O trabalho dos ajudantes do alfaiate e tudo em volta só o encantava. Ao chegar à sua casa depois do Turco pagar sua passagem de bonde, guardou as coisas que comprara e foi se justificar com Lurdinha pela sua ausência.

Estava planejando lavar durante a noite o tecido preto que trouxera da casa de Glenda. A sua ansiedade era enorme para começar a fazer o corte de uma roupa nova que o vestiria como uma pessoa e não como mendigo. Estava certo de que deveria ter cuidado no que contaria como história para Lurdinha, não acreditava ser conveniente entrar no detalhe da sua noite de prazeres.

Chegou a ficar duvidando da utilidade de ter uma aula com aquela ansiedade toda, mas queria aprender a ver horas num relógio com letras. Mesmo ainda enciumada, assim que soube dessa necessidade do rapaz, Lurdinha resolveu não insistir nos detalhes da vida dele e atendeu ao pedido. Já planejara iniciar os estudos da tabuada e facilmente aproveitaria a soma de horas e dos algarismos romanos.

O esforço dele foi logo notado, embora não confessasse a sua motivação. Os números lhe pareciam ser bem mais fáceis do que as letras. Quando a aula acabou, mãe Umbina chamou o rapaz.

- Sente aí! – Ela indicou com a mão uma cadeira ao lado dela na sala. – Na segunda feira venha com tudo seu que vou lhe acomodar num quarto que tenho vago lá no fundo. O mestre Pidão vai demolir a casa toda.

- Não quero incomodar! – ele falou sentindo um enorme constrangimento.

- Não vai incomodar! – Disse Umbina.

O rapaz se despediu e foi para casa com a sensação de que realmente era um mendigo. Não possuía nem um lugar seu onde poderia deitar o corpo, sempre recebera tudo como uma caridade. Não ficava chateado, era agradecido, mas aquilo deveria ter um fim.

Capítulo 52

A noite estava bela embora Deco nem notasse no início. A lua cheia iluminava tudo com sua generosidade prateada. Ainda em casa, abriu a trouxa de tecido preto e para sua surpresa, além do forro dos sofás, encontrou a cortina de seda bege que Glenda havia retirado da sala e o pano branco encardido que viera cobrindo um grande espelho.

Não havia pensado em fazer uma camisa, mas agora com aquela descoberta, teria essa oportunidade. O pano branco seria perfeito, bastaria deixar quarar ao sol por um dia inteiro, que voltaria a ser quase novo. Já com aquela seda bege da cortina, poderia fazer o forro do paletó e até um colete.

Primeiro lavaria o pano preto. O dobrou com cuidado e foi para a beira da fonte. Não teria sabão, por isso mesmo seria melhor lavar o pano branco e a seda no dia seguinte, ainda lhe restava um trocado para comprar um pedaço de sabão na quitanda de seu Onofre.

Enquanto lavava o tecido, lamentava não ter pensado na camisa e no colete, não havia comprado os botões. Repentinamente, teve a ideia de fazer os botões de madeira, as sobras da madeira que serviria para fazer os esquadros e a régua que vira na alfaiataria. Aproveitaria a madeira dos caixotes que antes serviam de cama para Bentinho.

Pouco antes de amanhecer, ele estava exausto, mas completamente satisfeito enquanto estendia o pano preto no varal. A experiência de lavar roupa adquirida ao ajudar Dona Anita estava sendo muito bem utilizada. Ela com toda certeza se orgulharia dele naquele momento.

Ao retornar para dentro de casa, foi logo pegar a revista que Lurdinha lhe emprestara, onde havia os modelos reduzidos desenhados. Em seguida jogou de lado a coberta velha de Bentinho feita de saco de farinha e pegou os caixotes. Aproveitaria um pedaço de carvão do fogão, para riscar as peças que pretendia cortar.

Ainda estava um pouco escuro e não pretendia gastar o gás do fifó. Levou os caixotes e o embrulho com as ferramentas com ele e sentou na porta de casa aguardando o sol se mostrar suavemente no horizonte. Parta sua sorte, estava ventando e aprendera com Dona Anita que isso era muito bom para secar roupa; não era o sol forte a melhor coisa, deixava tudo muito ressecado.

Capítulo 53

Depois de se espreguiçar várias vezes, Lurdinha levantou-se sem pressa. Ainda estava excitada com o sonho ousado e indecente que tivera. Sorriu com muita malícia se espreguiçando. Sempre contava para sua mãe os seus sonhos, no entanto, esse ficaria só para ela, não teria coragem.

De muito bom humor, foi abrir a janela do quarto que fechara na hora da ventania. Estava se sentindo como se a sua vida inteira fosse mudar em breve e por isso não poderia perder tempo, teria de aproveitar cada minuto como se fosse o último.

Os tecidos pretos estendidos no varal, que avistou da janela, logo estimularam sua curiosidade. Foi para a cozinha onde encontrou sua mãe comendo, e a velha empregada Missinha na beira do fogão fazendo beiju de tapioca.

Por inúmeras vezes, Lurdinha mordeu os lábios contendo a vontade de contar seu sonho para a mãe, mas sabia que a chocaria. Sonhara que estivera despida na cama com Deco que a beijava intensamente, todo o seu corpo, de maneira muito prazerosa. Foram beijos que gostaria muito de experimentar. Sorriu para si mesma deixando escapar um ar enigmático de malícia.

– O que foi, querida? – Indagou Umbina desconfiada.

– Me lembrando de coisas de quando era pequena. – Ela mentiu assustada com a pergunta e para desconversar, voltou-se para Missinha. – Faça dois beijus que vou levar para Deco, ele estava sentado na porta de casa, com ar de quem se esqueceu do mundo, trabalhando com pedaços de madeira.

Umbina e Missinha se entreolharam desconfiadas. As duas percebiam que Lurdinha estava muito interessada em Deco, muito mais do que ela mesma seria capaz de imaginar. Não conseguiram conter seus risos.

Capítulo 54

Enquanto guardava as ferramentas novamente embaixo da pia na cozinha, Deco sorria satisfeito por ter terminado de cortar a madeira, agora só faltaria lixar. Passaria no final da tarde na marcenaria do Turco, lá conseguiria pedaços de lixas já utilizadas. Precisava logo recolher o pano preto, antes do sol ficar mais forte. Com toda certeza já estava seco depois da ventania daquela noite.

Escutou alguém bater na porta e ficou intrigado imaginando quem poderia ser por saber que a porta estava aberta. Ao se voltar, viu que Lurdinha estava entrando carregando uma cesta de palha.

– Posso entrar? – Ela indagou por mera formalidade.

– A casa é sua! – Ele disse com ar irônico.

– Venha comer que o beiju ainda está quente. – Ela colocou a cesta sobre a mesa.

– Primeiro preciso recolher o pano no varal. – Ele se desculpou.

– Vou lhe ajudar! – Lurdinha se prontificou. – Assim será mais rápido e volta logo para comer.

Os dois saíram apressados e começaram a recolher os panos pretos. Realmente já estavam secos. Depois de dobrarem cuidadosamente tudo, eles voltaram para casa. Maliciosamente, Deco observou como Lurdinha andava de maneira muito delicada. Parecia saltitar sobre nuvens. Aquela moça era muito bonita e lhe provocava uma sensação revigorante que não saberia explicar, talvez de muita gratidão pelo carinho. Precisava não se confundir.

Sabia que devia muito a ela por ter lhe oferecido uma oportunidade fundamental para melhorar na vida. Aprender a ler foi um passo que jamais daria sem a ajuda dela, o restante dependeria apenas dele. O velho Ninga estava certo, caberia a Deco saber escolher sempre o melhor caminho, ninguém andaria por ele.

Depois de comer, enquanto preparava o ferro de passar roupa que Dona Anita deixara ao ir embora, ele se mostrou feliz por ter Lurdinha ali bem perto dele. Achou que precisava dizer isso. Ela se mostrou muito feliz quando escutou aquela observação. No entanto, estava curiosa com o destino daquele pano preto.

– Sempre vesti roupas de defunto, agora... Vou fazer uma roupa decente! – Ele disse com segurança.

– Você sabe costurar? – Ela indagou descrente.

– Isso... Eu vou ver depois. – ele coçou a cabeça com ar de quem lembrou algo importante. – Por falar nisso, acho que vou lhe incomodar pedindo duas coisas.

– Diga logo!

– Vou precisar que faça algumas medidas de meu corpo e depois me empreste a sua máquina de costura. – ele falou constrangido.

– Eu entro num curso de corte e costura é será você quem vai costurar? – Ela gargalhou se divertindo. – Essa eu quero ver!

– Vai emprestar a máquina de costura? – Indagou Deco, desconfiado.

– Claro! – Lurdinha falou ainda entre risos.

– Vou deixar de me vestir como um mendigo! – ele falou entre os dentes, lembrando com raiva de como havia sido tratado pelo balconista do Café Colonial ao pedir um copo com água.

Ao notar que a moça ficara assustada pela maneira com que ele fez essa última observação, contou para ela o que se passara. Havia sido muito humilhante para ele.

Capítulo 55

Durante a semana inteira, depois de mudar para o quarto dos fundos na casa de Lurdinha, Deco não dormia muito e quase nem comia, apenas cortava o pano e costurava com tanto empenho que até parecia ter sido possuído por um espírito. Finalmente, no sábado antes do almoço a roupa toda estava pronta.

Uma sensação de felicidade gostosa tomava conta de Deco que estendeu a roupa sobre a mesa. Precisava passar o ferro e depois a experimentaria e dessa vez, pediria para Lurdinha opinar. Estava exausto, depois de todos os dias empenhado na costura, pensara até em desistir quando a cada noite seus olhos não aguentavam mais. Agora o cansaço maior se apresentava cobrando a dívida.

Ficou admirando o seu trabalho. Aquele terno e a camisa era algo que nunca nem imaginara possuir, muito menos fazer. Ainda sobrara tecido para uma segunda camisa e talvez mais uma calça. Não precisaria mais vestir uma roupa de defunto.

Nesse momento o sorriso na sua expressão foi substituído por um semblante aflito. Deu dois socos na própria testa. Desistira de ter uma gravata, no entanto, se esquecera de um detalhe importante e agora não sabia o que fazer. Não poderia vestir aquela roupa e andar descalço ou calçando seus chinelos velhos. Precisaria de um sapato.

Agoniado, começou a andar de um lado para outro tentando pensar de maneira calma para encontrar uma solução. A primeira ideia que começara se formar na sua cabeça era algo que preferia nem tentar. Fazer aquilo seria negar o seu propósito com aquela roupa. Mesmo assim, ponderava que se não encontrasse outra saída, teria de recorrer desesperado à essa ideia.

Missinha entrou no quarto e arrastou o rapaz para a cozinha, estavam esperando apenas por ele para o almoço ser servido. Lurdinha estava tentando fazer com que ele aprendesse a utilizar todos os talheres e deixar de comer com a mão. Coisa que insistia mesmo depois de Glenda ter tentado acabar com esse hábito.

Capítulo 56

Enquanto tentava engolir sem muito apetite a comida do prato que Missinha colocara à sua frente, seus pensamentos pareciam se tornar a cada minuto mais angustiantes. Ele temia fazer o que queria esquecer. Para não se mostrar indelicado, teve de responder de maneira evasiva as perguntas curiosas de Lurdinha e Umbina sobre o andamento da costura. Prometeu que no domingo mostraria.

Ao terminar de comer, levantou-se da mesa, apressado, pediu desculpas e saiu em disparada como uma bala. Não havia encontrado uma segunda alternativa para seu problema, teria de seguir a primeira e única ideia. Não poderia ficar perdendo tempo receando ela, já que, não compraria sapatos novos, nem os alugaria no sapateiro do Largo das Quintas, que recebia o produto das mãos dos coveiros. Cuvar-se-ia ao inevitável.

Saiu de casa determinado a fazer bonito para si mesmo, e aquele sacrifício se tornava vital para a conclusão da obra. Caminhava a passos largos sem nem olhar para os lados, ao atravessar os trilhos quase foi atropelado pelo bonde. Subiu a ladeira sem se permitir descansar nem para respirar. Chegou ao largo em frente ao cemitério, bem ofegante.

Exausto, recostou-se numa árvore e escorregou até sentar no chão. Depois que recuperou o fôlego, observou os coveiros jogando um carteado à sombra de uma árvore que ficava bem ao lado da casinha onde funcionava o controle dos funerais. Era ali que se acertava os detalhes para sepultar os corpos e era definida a qualidade da cova ou do jazigo de acordo com o dinheiro pago.

Não reconheceu nenhum dos coveiros que trabalhavam na época de seu pai. Ele mesmo teria de fazer tudo. Estava nervoso, mas sabia o que deveria fazer, dos riscos que correria. Lembrava-se das muitas histórias que escutara.

Seria fácil escolher o alvo, bastava que a sorte o favorecesse naquele dia, que alguém rico fosse sepultado. O enterro de gente pobre chegava

com o defunto carregado num caixão tosco pelas mãos de amigos ou parente. Quem possuíam algum dinheiro, contratava uma funerária, era bem diferente. Ela cuidavam de tudo e trazia o corpo num caixão de boa qualidade. Os mais abastados vinham numa carroça toda pintada de preto com detalhes dourados.

Pobre queria logo se livrar do defunto, os ricos pareciam deixar os enterros sempre para mais tarde. Assim, os primeiros quatro defuntos que chegaram ao cemitério eram pobres só depois no meio da tarde uma carroça funerária trouxe uma esperança para Deco.

Ele se aproximou da carroça, fingindo apenas curiosidade, indagou para o carroceiro o nome do defunto. Foi assim que ficou sabendo que se tratava de um juiz, um tal de doutor Bonifácio Pereira e Couto. Um homem muito importante. Deco se animou, era o defunto que ele aguardara com tanta ansiedade.

Dois automóveis estacionaram e depois várias charretes de onde saltavam pessoas bem vestidas. Sorriu pensando na constatação de que todos acabariam virando defuntos um dia. Os perfumes das mulheres se confundiam com o ar natural do largo cheio de árvores, e vendedores de flores. Ele resolveu acompanhar o cortejo e entrou no cemitério. Precisava ver o local onde estava o jazigo daquele juiz e depois aguardar ali mesmo o momento certo para agir.

De acordo com o que seu pai lhe contara sobre os coveiros, eles só violavam os túmulos depois que o cemitério fosse fechado ao público e escurecia. Deco calculou que teria um bom tempo depois que todos os amigos e parentes do defunto fossem embora. Mesmo assim não poderia esquecer que havia o risco de ser apanhado por um vigia e se isso acontecesse, seu destino seria uma cela na cadeia da delegacia.

Capítulo 57

O tempo que durou para todos saírem do cemitério parecia uma eternidade para Deco. No entanto serviu para observar melhor o comportamento deles, que demonstravam apenas estarem cumprindo uma obrigação. Uma mulher já de meia-idade despertou sua atenção, se mantivera recuada e era a única que chorava. Logo imaginou que talvez fosse a amante.

O cheiro da morte num cemitério era uma mistura de flores murchas, terra molhada e carne apodrecida. Era de se esperar, ali tudo estava em decomposição. As estátuas e imagens dos túmulos possuíam aquela aparência sempre triste de uma realidade cruel. Ele se arrepiou e aproveitou para entrar logo no trabalho a que se propusera.

O portão do mausoléu estava apenas encostado, nem o trinco os coveiros fecharam. Era uma casa que daria para uma pessoa morar com relativo conforto. As paredes cobertas de mármore preto e o piso de mármore branco e preto cortado em quadrados que se alternavam como num tabuleiro de jogo.

Era fácil saber onde colocaram o corpo, havia dois túmulos e um deles ainda sem o cimento que o lacraria. Deco empurrou com cuidado a tampa pesada evitando fazer muito barulho. Assim que conseguiu uma boa abertura pulou para dentro. Abriu as travas da tampa do caixão e para sua alegria, ao retirar as flores, o defunto ostentava um belo par de sapatos.

Cheio de nojo, ao descalçar os sapatos, viu que o defunto viera até com meias de algodão. As retirou também e sentiu o corpo gelado tocar suas mãos. Nesse momento, escutou o latido de um cachorro ainda distante, precisava se apressar, devia ser o vigia iniciando sua ronda. Estava na hora de fugir daquele lugar.

Já estava fechando a tampa do caixão quando algo brilhante pouco abaixo do peito do defunto despertou sua atenção. Escutou o cachorro latir muitas vezes, já estava mais próximo. Pensou em deixar tudo ali

como estava e sair correndo, mas a curiosidade foi maior. Afastou o que restava das flores e para uma nova surpresa encontrou uma corrente de ouro presa ao colete, seguindo para um bolso interno do paletó.

Sem perder mais tempo, puxou a corrente, ela estava presa a um relógio. Pulou para fora do túmulo e saiu correndo. O cachorro estava quase sobre ele e o vigia arfando vinha apressado com um porrete na mão. Não poderia escapar pelo portão, sabia como seguir por outro caminho que entrava por entre as covas dos indigentes e depois era só escorregar ribanceira abaixo.

Para sorte dele, o cachorro vira-lata era apenas barulhento, mas o vigia corria na sua direção com o porrete ameaçador gritando "Ladrão". Correu de maneira desesperada. O coração batia quase explodindo em seu peito, nunca se imaginara tão veloz. Estava deixando o medo acelerar suas pernas. Saltou uma pequena cerca de arame farpado e escorregou pela ribanceira.

Ao entrar na vila já escurecia, foi até a fonte e resolveu tomar um banho. Estava fedendo, seu corpo fora impregnado pelo suor do medo. A noite estava muito iluminada pela lua que insistia em enfeitar o céu.

O terreiro onde as cerimônias de mãe Umbina aconteciam ainda era um lugar que assustava o rapaz. Como não queria entrar na casa todo molhado e carregando os sapatos, foi obrigado a dar uma volta para depois cruzar o terreiro e assim chegar ao quarto onde estava hospedado. Trocou de roupa e foi ver se conseguia comer alguma coisa antes da aula de Lurdinha.

Capítulo 58

A noite havia sido um tormento para Deco que acordou inúmeras vezes por causa dos pesadelos. O defunto queria pegar de volta os sapatos. Ainda por cima escutara sempre a voz do vigia o chamando de ladrão. Não podia aceitar esse fato com naturalidade. Havia roubado.

Mesmo assim, levantou-se animado pensando em vestir sua roupa nova e ver o que Umbina e Lurdinha comentariam. Abriu a janela e aspirou com muita força o ar matutino.

Olhou os sapatos junto da porta e depois se lembrou da corrente de ouro com o relógio. Foi até a mesa e pegou o relógio de bolso, abriu a tampa e viu uma inscrição na parte interna. Leu com um pouco de esforço "Não tenha pressa para passar o tempo". Os dois ponteiros estavam sobre o número sete. Levou o relógio até perto da sua orelha esquerda e escutou o seu funcionamento. Resolveu que precisava primeiro comer alguma coisa, depois vestiria sua roupa nova.

Toda vez que entrava naquela cozinha, Deco ficava acanhado por saber que ainda mendigava a sua sobrevivência. Teria de ser eternamente agradecido aos cuidados de Dona Umbina, que não permitiu o seu abandono completo, e principalmente para com Lurdinha. Dona Anita e Vavá era outra situação, nem saberia como pagar um dia, se isso fosse possível.

Depois do café com bolo de tapioca e dois ovos fritos, Deco sentia seu estômago satisfeito. Lurdinha foi logo perguntando se já poderiam ver o terno que ele havia costurado. Umbina repreendeu a filha pela sua ansiedade.

– Na hora certa ele mostra!

– Vou preparar o que falta! – Disse o rapaz ficando de pé.

– Antes vou cortar o seu cabelo! – Lurdinha olhou o rapaz com ar de dúvida. – Quero que também esteja pronto para a roupa. – ela o fez sentar novamente. – Vou pegar uma tesoura e o pente.

– Não seja intrometida! – Umbina repreendeu novamente a filha, se divertindo.

A moça deu de ombros e saiu da cozinha, logo estava de volta com a tesoura e o pente na mão. O rapaz parecia não entender o que estava acontecendo, mas confiava na moça e deixou que ela cortasse seu cabelo. Não ficaria pior do que já estava.

Capítulo 59

Vestir aquela roupa era de um significado único para Deco. O momento estava se transformando num ritual de iniciação para uma vida que nunca havia pensado para si mesmo, nem fizesse ideia das consequências.

Perdera muito tempo passando a roupa com ferro de engomar, com muito cuidado para não estragar. Queria alinhar todas as costuras. Vestiu cada peça como se estivesse transformando o próprio corpo e se arrepiava ao sentir o contado daquele tecido grosseiro que lhe parecia uma joia. Não teria coragem ainda de calçar os sapatos nem as meias de algodão que furtara do defunto.

Lembrou que uma vez seu pai lhe dissera que os mortos não precisavam de nada, eram os vivos que careciam de muitas coisas e muitos morriam sem nunca ter a oportunidade de satisfazer desejos que só podiam sonhar. Deu um longo muxoxo, não era ladrão, não devia considerar o que fez como um roubo.

Os coveiros faziam isso todos os dias e, com toda certeza, o vigia não os chamaria de ladrão. Mesmo com esse pensamento, não gostava nada do que havia feito. Esperava nunca mais ter de vestir algo que estivera vestindo outra pessoa, mesmo que ainda estivesse viva. Resmungou baixinho para si mesmo que esse desejo não era uma promessa, era uma ordem para si mesmo.

Finalmente estava vestido, sentou na beirada da cama velha feita com seus caixotes e decidiu calçar as meias, os sapatos. Além da falta de hábito, Deco percebeu logo que eles eram um pouco menores do que os seus pés.

Ficou de pé e andou de um lado para outro tentando acomodar o desconforto que sentia. Começou a suar muito e a roupa pinicava. Nada disso importava, teria de se orgulhar pelo trabalho que fizera. Tentou olhar seu próprio corpo e lamentou não ter um espelho. Estava pronto para se apresentar diante de Lurdinha e Mãe Umbina. Aceitaria o que elas dissessem.

Foi até a mesa e pegou o relógio. Ainda não sabia muito bem ver os minutos. Depois de pensar um pouco, deu de ombros, não importava nada saber a hora naquele momento.

Capítulo 60

Tanto Lurdinha como Umbina se mostravam ansiosas aguardando na sala a chegada do rapaz, que saíra logo depois do almoço prometendo voltar completamente vestido com a roupa nova. Combinaram que seriam sinceras embora mantivessem o cuidado para não magoar o rapaz.

Elas não acreditavam que ele fosse capaz de fazer um terno muito bom, ainda mais com aquele tecido grosseiro que servira de forro para embalar, no transporte, os sofás da casa de um ricaço. Mesmo assim, planejavam estimular só pela tentativa e se fosse necessário, apontar as falhas discretamente.

Quando Deco entrou na sala se assustou. As duas mulheres estavam petrificadas de olhos arregalados contemplando o que viam. Elas tentavam falar e não conseguiam, seus lábios se moviam sem emitir qualquer som.

– Ficou ruim? – Ele indagou franzindo todo o rosto. – Não tenho espelho!

– Muito pelo contrário! – Exclamou Umbina recobrando a fala.

– Ficou lindo! – disse Lurdinha gaguejando, enquanto se aproximava lentamente de Deco. – Ninguém poderia esperar por isso!

Ela começou a olhar os detalhes externos da roupa e depois os detalhes do acabamento. Soltava assovios a todo instante encantada com o que via. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar nenhum defeito. Acenou para Umbina se aproximar e arrastou o rapaz até um espelho que ficava no seu quarto.

Por um momento, Deco já estava acreditando que elas queriam fazer uma brincadeira com ele, por acharem que a roupa havia ficado ridícula. No entanto, ao ver o seu reflexo reproduzido no espelho, ele mesmo se assustou. Estufou o peito e ficou com ar de abestalhado.

Nem ele mesmo reconhecia a própria imagem.

– Já pensou aonde vai com essa roupa linda? – Indagou Lurdinha curiosa.

Nesse momento Deco sentiu que a sua cabeça estava vazia. Nem imaginava aonde iria vestido com aquela roupa. Ficou quieto por alguns instantes e depois com a cabeça negou conhecer o seu destino. Sentindo que sua satisfação e empenho todo estavam sendo desfeitos, Deco abaixou os olhos.

– Eu tenho uma sugestão! – Disse Mãe Umbina percebendo o desânimo dele. – Vou lhe dar o dinheiro para a passagem de bonde.

Capítulo 61

Nos finais das tardes dos domingos, as pessoas ricas que costumavam frequentar as missas das seis horas na Catedral Basílica, da Misericórdia ou da Igreja de São Francisco, passeavam na Praça Municipal aguardando a hora. Muitas aproveitavam para subir e descer nas gaiolas do elevador Lacerda, que fora batizado recentemente com esse nome, em homenagem ao seu construtor, como também tomavam sorvetes e passeavam no guindaste dos padres.

Aquela tarde de domingo, em especial, estava soberba. Soprava uma brisa gentil e fresca, sacudindo delicadamente as folhagens das árvores e no céu, o sol se preparava para ser a grande atração de um belo crepúsculo. Espetáculo que a natureza oferecia gratuitamente.

Recostados nas balaustradas ao lado do elevador Lacerda, vários casais abraçados contemplavam a bela paisagem do mar sendo limitado pela Ilha de Itaparica. O detalhe dos barcos ancorados no porto do mercado completava com primor aquela cena romântica, onde a luz dourada do sol, se encaminhando para o adormecer, refletia sua majestade na imensidão das águas.

Depois de saltar do bonde e subir a Ladeira da Praça, Deco se deparou com aquele cenário magnífico, exatamente igual à descrição feita por Mãe Umbina. Gostaria de ter a companhia de Lurdinha, mas ela teria de estudar para sua aula de corte e costura na segunda-feira. Coisa que ambos lastimaram muito.

Ele estava inseguro e os pés ardiam com os sapatos que lhe apertavam os dedos. Ao passar na porta do Café Colonial, lembrou que ali fora chamado de mendigo e o balconista nem lhe deu atenção. Deu de ombros e foi caminhando sem pressa até a balaustrada do elevador. No caminho avistou Glenda comprando sorvete de um vendedor ambulante. Estava linda como sempre, seus cabelos dourados amarrados na nuca eram os mais reluzentes da praça.

Quem a via naqueles trajes sóbrios, nunca imaginaria a mulher sur-

preendente que estava oculta. Deixou escapar um sorriso malicioso pelo canto dos lábios. Preferiu ficar longe. Ela por certo não lhe daria conversa publicamente.

Toda aquela beleza, bem diante de seus olhos, lhe dava a certeza que a vida poderia ser muito mais do que vivera até aquele momento. Respirou fundo e sentiu que o perfume das mulheres soberbas que passavam. Era um mundo assim que sonhava em fazer parte. Olhou para o horizonte desejando não findar nunca aquele instante.

– Não acredito! – Disse uma voz conhecida ao seu lado e ele se voltou sabendo quem encontraria.

– Dona Glenda? – ele falou com acanhamento e surpresa

– Está lindo! – Ela o puxou pelo braço e o fez girar o corpo. – Cortou o cabelo! Eu me demorei em reconhecê-lo. Jamais poderia imaginar que aquele tecido servisse para uma roupa assim. Quem o costurou?

– Eu mesmo! – Ele respondeu tentando disfarçar seu orgulho.

– Corte perfeito! –Glenda começou discretamente a olhar todos os detalhes internos do acabamento. – Que caimento! Quem foi o seu mestre alfaiate?

– Quem?

– Quem lhe ensinou a costurar? – Ela refez a pergunta desconfiada da resposta que obteria.

– Ninguém! – Ele deu de ombros.

– Vamos até o Café Colonial beber um chocolate ou café e você me conta como fez essa proeza.

– Não posso pagar...

– Eu pago! – Ela o interrompeu.

Sem esperar pela decisão do rapaz, Glenda o arrastou pelo braço. Ao atravessarem a praça, um retratista ofereceu seus serviços. Ela pensou um pouco e mandou fazer dois retratos. Ficaram juntos diante da máquina fotográfica como dois bonecos. Depois de pagar, ela mandou que os retratos fossem levados para eles no Café Colonial.

Capítulo 62

Só depois de conversarem muito e beberem café com docinhos finos, Glenda alegando a hora, passou discretamente o dinheiro para Deco, despediu-se, o aconselhando a pedir a conta e um conhaque. Lembrou-o de que deveria manter os olhos altivos e falar como se tudo aquilo fosse normal para ele.

Fez exatamente como Glenda recomendara. Enquanto bebia o conhaque lentamente, pegou a fotografia no seu bolso interno do paletó e ficou admirando. Era a primeira vez que se via num retrato. Tudo estava acontecendo muito rápido. Não sabia dizer se era bom ou ruim, apenas estava feliz, mesmo sabendo que continuava precisando que outros pagassem para continuar seus passos.

Engoliu o que restava do conhaque e saiu caminhando lentamente por entre as mesas espalhadas no salão do Café Colonial. Os pés estavam ardendo, não voltaria para casa de bonde. Desceria a ladeira do Pelourinho e na Baixa dos Sapateiros, ficaria descalço para fazer o resto do caminho sem sofrimentos. Algo lhe dizia que em breve poderia comprar sapatos melhores, que coubessem nos seus pés.

Ao chegar próximo da escadaria do Viaduto da Sé, sentiu que mãos fortes grudavam em seus braços. Eram dois homens que o arrastaram para a escadaria e desceram com ele alguns degraus para fugir da visão dos passantes. Outros dois estavam logo depois e se aproximaram gargalhando. Todos eram brancos.

– Pegamos o negrinho! – Disse o que segurava seu braço esquerdo.

– Onde se viu um negrinho safado, ficar de conversinha com uma senhora branca? – Disse um que viera depois.

– O que vamos fazer com ele? – Indagou o homem segurando com força exagerada o braço esquerdo de Deco.

– Esse Príncipe Negro, todo elegante, precisa de uma lição. – Falou o homem que descera mais uns degraus da escada, pegando uma nava-

lha reluzente no bolso do paletó velho e desbotado.

Deco estava quase se borrando de tanto medo, mesmo assim encarava os homens com altivez e muita coragem. Na sua cabeça, a ideia de que morreria era um fato e não devia ficar desesperado. Aquele seria um dia muito bom para morrer, estava vestido de maneira decente e não como um mendigo. Lutaria muito antes de derramar a sua última gota de sangue.

– Acabo ter algumas ideias. – disse o homem da navalha com um risinho de escárnio. - Podemos retalhar o Príncipe Negro ou... - Ele gargalhou. – Acho melhor castrar.

Todos os outros três homens também gargalharam. Nesse momento, todos escutaram um assovio fino vindo do alto da escadaria e se voltaram nessa direção ainda entre risos. Um homem alto e magro estava recostado na ponta da balaustrada.

– Eu tenho outra ideia! – Disse o homem com voz pausada e tranquila. - Aliás, tenho seis ideias no tambor do meu revolver para vocês. Serão homens mortos se não largarem o.... "Príncipe Negro". – O tom final era de deboche.

O homem sacou uma pistola da cintura e fez questão de deixar que todos vissem. Por um momento, os agressores ficaram petrificados. O que segurava o braço direito de Deco reagiu primeiro, o largou e desceu aos tropeços a escadaria, corria como um louco, logo os outros o seguiram na debandada.

Deco respirou profundamente aliviado e arrumou sua roupa. Em seguida subiu a escadaria para ver quem o salvara. Desconfiava que já tivesse escutado antes aquela voz. Para sua surpresa, encontrou um rosto conhecido. Tentou agradecer mais foi logo silenciado por um gesto, era Passarinho.

– O patrão quer falar com você. – Ele acenou para que o rapaz o seguisse. – Escapou por pouco!

– Como me encontrou? – Indagou Deco ainda nervoso.

– Cheguei com o patrão no Café Colonial, você estava saindo, ele o reconheceu... – Passarinho olhou o rapaz da cabeça aos pés e sorriu. - Mesmo vestindo essa roupa grã-fina. Tentou lhe chamar mais havia esquecido seu nome e me mandou lhe buscar.

– O que ele quer comigo?

– Não faço ideia! – Disse Passarinho empurrando delicadamente o rapaz para dentro do Café Colonial e apontando. - Ele está naquela mesa perto do balcão.

Capítulo 63

Lá estava Deco novamente no Café Colonial. Atravessou o salão e parou diante de Seu Ananias que terminava de beber um grande gole de cerveja. Com um gesto de mão, o homem mandou o rapaz sentar. Bebeu outro gole de cerveja e estalou a língua, limpando a espuma retidas nos bigodes com um guardanapo.

– Como vai, meu jovem? – Ele indagou e não esperou resposta. – Você está muito elegante. Chamou-me logo a atenção, só o vi por causa desse belo terno.

O homem começou a olhar a roupa nova de Deco como se estivesse diante de uma obra de arte. Não se conteve e pediu que o rapaz despisse o paletó e desse para ele observar a parte do acabamento. Sem dizer nada Deco obedeceu e ao receber o paletó de volta o vestiu imediatamente.

– Quem foi o seu alfaiate? – Ananias se aproximou do rapaz olhando em volta e fez outra pergunta em voz baixa. – Será que ele teria como fazer um pra mim, nesse modelo, antes da festa de fim de ano?

– Não sei... – O rapaz coçou a cabeça em dúvida.

– Pago em dobro! – Disse Ananias quase sussurrando. – Estou em apuros. Sou importante e muito vaidoso, preciso de um terno novo para festa na casa do intendente. Meu alfaiate de muitos anos morreu na quarta-feira passada, não encontro nenhum outro que seja bom o suficiente para fazer minha roupa. Todos os que são famosos pela competência estão abarrotados com as encomendas, não aceitam mais fregueses. Se você me indicar o alfaiate, estará salvando minha vaidade e meu prestígio.

– Não tenho alfaiate para indicar. – Deco choramingou.

– o que é isso menino? – Indagou Ananias com indignação.

– O senhor precisa entender que não posso... – Deco tentou se justificar e foi interrompido.

– Qual foi essa malandragem em que se meteu? – Ananias estava muito irritado e seu rosto, vermelho como tomate maduro. – Roubou o terno?

– Fui eu mesmo que costurei esse terno. – Disse o rapaz olhando nos olhos de Ananias.

– Não acredito! – Ananias fez uma expressão de surpresa e levou as mãos aos lábios, depois bebeu dois grandes goles de cerveja e limpou novamente a espuma nos bigodes com o guardanapo.

– Pode acreditar! Fiz com o tecido que me deram! – Deco finalmente se explicou querendo se desculpar. – Por isso não posso indicar o alfaiate.

– Então... Meu jovem! – Ananias esfregou as mãos. – Você é o melhor alfaiate que já encontrei. Um artista. – Ele deixou escapar um leve assovio. – Vai costurar pra mim.

– Não sei se posso, não tenho uma máquina boa, fiz esse terno aqui com uma máquina emprestada...

– Eu resolvo isso. – Ananias se mostrou animado. - Passe na minha casa amanhã bem cedo, vamos até a alfândega. – Ele estendeu a mão para o rapaz. – Estamos combinados?

Voltando para casa andando com os sapatos na mão, Deco estava preocupado. Aceitar o pedido de um homem tão importante que lhe tratara tão bem era uma obrigação, no entanto estava com medo, por duvidar se seria realmente capaz de repetir a costura. Aquele terno novo o metera em confusão, mas também estava servindo para lhe oferecer uma oportunidade na vida.

Lembrou-se com muita clareza, das palavras do velho Ninga. Até parecia que o escutava novamente, ele com aquela voz mansa e desdenhada, lhe dizendo: "Abro os seus caminhos, mas não posso andar por você".

Aquela seria uma noite que dormiria muita mal. Não sabia se comemorava ou fugia.

Capítulo 64

Na manhã seguinte, ao chegar à casa de Seu Ananias, Deco se deu conta de que era muito cedo. Como imaginara, a ansiedade quase não lhe permitiu dormir, também tivera muitos pesadelos nos quais sempre estava perseguido por homens com navalhas em punho chamando-o, com escárnio, de "Príncipe Negro". Dona Anita ainda estava preparando a comida matinal.

Naquela manhã, tentara calçar os sapatos, mas seus pés estavam inchados e os dedos feridos. Não adiantaria fazer um sacrifício inútil e saiu apenas vestindo a camisa nova, as calças do terno e nós pés, seu velho chinelo que já estava muito gasto. Mesmo assim, ainda parecia muito elegante e fez com que Dona Anita soltasse um chiado de admiração ao vê-lo.

– Menino! – Ela largou o que fazia. – Até parece que estou diante de um príncipe!

– O que é isso! – Ele sorriu acanhado. Era chamado novamente de príncipe, só que dessa vez, de maneira carinhosa.

– Roubou essa roupa? – Indagou Anita com ar de preocupação.

– Não senhora! – Deco respondeu de pronto.

– Já sei, o defunto estava bem vestido! – Ela sacudiu a cabeça lentamente de um lado para o outro.

– Também não! – Deco se encolheu com timidez. – Eu mesmo costurei a roupa, ainda tem o resto, paletó e colete que deixei em casa.

Anita limpou as mãos na saia e veio olhar de perto a roupa. Ficou algum tempo observando em silêncio, depois passou a mão no colarinho, nas costuras e sacudiu a cabeça afirmativamente.

– Muito bom! – Ela coçou a cabeça. – Jamais imaginei que você soubesse costurar.

– Nem eu sabia! – Deco sorriu ainda envergonhado com o elogio.

– O que veio fazer aqui tão cedo? – Indagou Anita voltando para perto do fogão.

O rapaz pensou um pouco e depois resumiu toda a história começando por justificar a ideia de fazer um terno com o tecido que antes servira para forrar o sofá durante o transporte de navio do Rio de Janeiro até Salvador, e só depois, narrou o encontro com Seu Ananias. Falou tantas vezes em Glenda que fez despertar a desconfiança de Anita.

– Acho que Lurdinha não gostou muito dessa sua amizade com a gringa loira! – Ela falou em tom de deboche.

– O que tem Lurdinha com essa história? – O rapaz ficou confuso sem entender.

– Ela tem uma queda por você, acho que está enrabichada! – Anita fez uma expressão maliciosa e serviu um prato de mungunzá que colocou diante de Deco. –Vá comendo que logo o patrão chega.

Deco deu um muxoxo com a expressão de descrente e começou a comer. Seus pensamentos se voltaram para Lurdinha. Seria muito bom que ela gostasse dele, estivesse enrabichada, mas isso não seria possível. Jamais um ignorante como ele despertaria esse tipo de sentimento numa moça educada na capital, no Rio de Janeiro.

Capítulo 65

Depois das oito horas da manhã, Lurdinha estava preocupada, Deco nunca chegava tão tarde para o café da manhã. Ainda mais que não perderia a oportunidade de comer, e provavelmente, ou com toda certeza, teria muitas novidades para contar sobre seu passeio do domingo na Praça Municipal.

Resolveu investigar o que acontecera com o rapaz e foi até o quarto dos fundos esperando encontrá-lo ainda dormindo, embora não fosse do feitio dele ficar na cama até tão tarde. Bateu várias vezes na porta e chamou pelo seu nome, como ele não respondia, abriu a porta e entrou pisando mansinho.

O quarto estava vazio, mas logo percebeu que ele já estivera ali, o paletó estava pendurado no encosto da cadeira junto da mesa. Pegou o paletó com cuidado e o acariciou. A roupa realmente havia ficado muito bonita. Ela nunca seria capaz de fazer uma casa de botão tão perfeita.

Passou suavemente a mão no interior do paletó querendo sentir a costura do acabamento, e para sua surpresa, havia algo duro num dos bolsos internos. Pensou um pouco com receio de se meter onde não devia, mas sua curiosidade falou mais alto.

Retirou lentamente a fotografia que estava no bolso do paletó e ficou pasma. Era Deco ao lado de uma mulher loira e bonita. Os dois sorriam e se mostravam bem à vontade, era como se houvesse entre eles algo que seu coração não queria acreditar. Ficou com raiva e teve o impulso de rasgar a fotografia e o paletó. Respirou fundo, contendo a sua fúria.

Olhou mais uma vez para o retrato e o guardou novamente onde encontrara. Deixou o paletó no encosto da cadeira e saiu do quarto rapidamente, estava abatida e triste. Aquela mulher devia ser a governanta que dormira com Deco. Uma mulher com a qual não poderia competir.

Foi correndo para o seu quarto e se jogou na cama chorando. Sabia que depois de experimentar o veneno contido no sabor de uma branca, o rapaz jamais se interessaria por ela que era negra e não poderia nunca ter a elegância nem aquelas roupas de luxo que a governanta "gringa" vestia.

O pior de tudo era que ela também não poderia cobrar nada de Deco, já que nem eram namorados. Ele poderia fazer da vida dele o que bem entendesse sem ter satisfações para apresentar.

Capítulo 66

Pouco antes do meio-dia, Deco estava novamente no seu quarto olhando embevecido para uma grande caixa de madeira. Ali estava uma máquina de costura inglesa que havia sido apreendida na alfândega há muito tempo, que por não ter aparecido o dono da mercadoria, lhe fora dada por Seu Ananias. Agora, teria de montá-la.

Ele nem sabia como era aquela máquina de costura, mas com toda certeza serviria muito bem para o trabalho que Ananias encomendara. Olhou para um grande pacote sobre a mesa onde estava o corte de tecido e os aviamentos. Capricharia ainda mais na qualidade do acabamento, mais ainda do que no terno que havia costurado anteriormente. Seu Ananias afirmara que era um tecido caro e estava na moda.

Sentiu uma enorme vontade de compartilhar aquele momento com Lurdinha. Deixaria para montar a máquina depois. Saiu apressado na direção da cozinha e ao ver Dona Missinha, colocando os pratos sobre a mesa para servir o almoço, perguntou pela moça.

– Tá no quarto dela e disse que não vai comer! – Respondeu a empregada com ar de preocupação. – Acho que estava chorando quando fui chamar.

O coração de Deco disparou, como se fosse um chocalho velho. Teve de fazer esforço para refrear o ímpeto de invadir a casa, entrar o quarto e abraçar Lurdinha. O comentário feito por Dona Anita logo cedo, o excitara. Desejava cobri-la de beijos e carícias, da maneira que aprendera na cama de Glenda.

Ao ver Mãe Umbina entrando na cozinha, sorriu acanhado se censurando pelos pensamentos obscenos e lhe restou se contentar em contar tudo que acontecera para ela enquanto almoçavam.

Capítulo 67

Naquela noite, Lurdinha estava ainda muito magoada por achar que Deco estava enrabichado pela branca azeda e loira da fotografia. Como não havia certeza de nada, levantou-se de mansinho, obedecendo ao impulso que não parava de contaminar sua mente, como um veneno muito forte numa dose fatal.

A casa estava silenciosa, sabia que sua mãe já havia deitado, pelo adiantado da hora. O que pretendia fazer poderia ser uma sentença, uma catástrofe inexorável na sua vida. Mesmo assim, teria de correr o risco. Aquela agonia com a ignorância sobre o que significava a mulher loira no destino de Deco, corroía sua alma de maneira intensa.

Entrou sorrateiramente no quarto de atendimento da mãe e sentou mais uma vez na cadeira grande, diante da mesa onde estavam os búzios. Suas mãos estavam suadas e geladas, tremendo como pudim de ovo que acabara de sair da forma. Ao deixar o seu quarto estava decidida do que teria para fazer, agora, já duvidava desse ato que a impelia num caminho sem volta. Não estava certa se as consequências compensariam.

A fotografia de Deco ao lado da mulher loira lhe veio novamente na mente. Ela mordeu os lábios com muita raiva, precisava saber se havia espaço para ela na vida do rapaz. Pegou os búzios na caixinha e ficou olhando para eles indecisa. Não poderia jogar pensando em si mesma, assim lhe restava saber apenas quem seria a amada do rapaz.

Dessa maneira, acreditou que poderia enganar as entidades. Respirou profundamente, sacudiu os búzios nas mãos fechadas em concha, pensou em Deco e perguntou em voz baixa quem seria a companheira que habitava aquele coração. Jogou os búzios no meio da peneira de palha.

Sentiu uma vontade muito grande de fugir sem olhar o resultado do jogo, a angústia era muito grande. Se fosse aquela loira, para ela a vida não teria mais qualquer sentido. Estava apaixonada por Deco e não

aguentaria perdê-lo.

Lentamente se deixou seguir na direção do seu destino. Olhou sorrateiramente para os búzios e a leitura do jogo a fez ficar ainda mais aflita, ela estava lendo o próprio futuro. Com gestos nervosos, recolheu os búzios e jogou novamente. Dessa vez não sabia realmente o que o jogo dizia, era tudo muito confuso embora não mostrasse uma diferença muito acentuada do que viu na primeira vez.

Recolheu os búzios apressada, jogou novamente na pequena caixa e saiu chorando daquele quarto de atendimento da mãe. Havia cometido um grande erro e não poderia desfazer o que os Orixás determinavam. Já sabia disso desde pequena, quando ainda era uma inocente criança. Talvez ainda estivesse sendo ainda uma criança ao pensar que amava Deco.

Capítulo 68

O amanhecer estava ensolarado, Deco havia acordado muito cedo e ficou por muito tempo sentado diante da nova máquina de costura que montara. Admirava aquela preciosidade, era toda sua e poderia ganhar dinheiro com a profissão de alfaiate. Jamais se imaginara trabalhando naquele serviço.

Esticou o braço e acariciou a máquina. Ela era muito melhor do que aquela com a qual havia costurado seu primeiro terno. Não precisaria ficar girando a manivela para fazer a agulha funcionar, agora bastaria pedalar. Aspirou com satisfação o cheiro do óleo lubrificante. Repentinamente lhe ocorreu que em caso de tudo acontecer de maneira favorável, não poderia atender aos futuros clientes ali naquele quarto. De nada lhe adiantaria permanecer dependendo apenas dos ternos do Seu Ananias e de possíveis indicações dele.

Sentindo que seu futuro se desfazia com aquele tipo de preocupação, deu um grande suspiro e um soco leve na própria perna. Levantou-se coçando a cabeça e ficou algum tempo andando em círculos naquele pequeno quarto. Parou diante da mesa olhando o relógio. Abriu a tampa e viu que já passavam das sete horas, seu estômago reclamava por alguma comida.

Deu de ombros, decidiu que voltaria a pensar nisso tudo mais tarde, teria muito trabalho pela frente. Primeiro, teria de fazer o terno encomendado por Seu Ananias, depois encontraria uma solução para montar sua alfaiataria. Seria um projeto para o futuro.

Conversaria com Passarinho, que era um homem acostumado a viver no meio de gente granfino. Talvez lhe dissesse como alugar uma saleta no centro da cidade e de quanto dinheiro precisaria.

Sem qualquer outra ideia, saiu do quarto e foi para a cozinha. Ainda pretendia mostrar para Lurdinha a sua máquina de costura nova. Encontrou apenas a empregada Missinha fritando ovos, que ao ver o rapaz, sorriu e mandou que sentasse.

– Parece até que adivinhei! – Ela serviu os ovos num prato e colocou diante do rapaz que começou a comer.

– Mãe Umbina e Lurdinha? – Ele indagou olhando em volta.

– Dona Umbina saiu bem cedo, foi à feira de Água de Meninos. Ela foi comprar as coisas para o batuque dessa noite. – Disse Missinha trazendo uma caneca cheia de mingau de milho e um pedaço de pão dormido. – A menina Lurdinha continua no quarto. – A empregada fez um bico com os lábios e arregalou os olhos.

– Ela chora muito e não diz o motivo. Até parece coisa de mulher enrabichada.

– Está doente? – Falou Deco pensando em voz alta.

– Sei não! – Disse Missinha, com ar de desconfiança. – Você fez ou disse alguma coisa para machucar a menina?

– Não...! – Respondeu Deco de maneira assustada sacudindo a cabeça várias vezes.

– Sei não! – Disse novamente Missinha ainda desconfiada dando ombros.

– Posso conversar com ela? – Indagou Deco com preocupação.

– Ela não vai querer. – Missinha sacudiu a cabeça fazendo uma careta. – Depois você pergunta pra mãe dela.

Aflito, sem saber o que fazer, Deco se apressou para sair da cozinha. Seria melhor começar logo a trabalhar na costura, depois tentaria conversar com Lurdinha. Também estava com a sensação de que naquela noite, teria muito com que se preocupar, ainda morria de medo dos batuques.

Capítulo 69

No final da tarde, Deco viu pela janela do seu quarto algumas pessoas chegando para arrumar o terreiro. Começou a perceber que estava se aproveitando da boa vontade de Mãe Umbina. Comia bem e se abrigava sem oferecer nada em troca. Largou a tesoura sobre o tecido do terno que começara a cortar e saiu do quarto para colaborar na arrumação do terreiro.

Logo estava envolvido no trabalho, mas lhe veio uma recordação que amargurou sua alma. Lembrou-se de maneira muito clara que tanto seu pai quanto sua mãe, ao morrerem, havia um batuque. Mãe Umbina, que distribuía os afazeres, percebeu a expressão de angústia do rapaz e o segurou pelo braço de maneira carinhosa.

– O que aconteceu? – Ela indagou. – O sorriso desapareceu repentinamente da sua cara.

– Nada não! – Ele respondeu de maneira insegura.

– Ainda tem medo dos batuques? – Ela o questionou com um sorriso malicioso.

Movido pela confiança que aprendera a ter naquela mulher, Deco contou sobre a sua agonia de menino que ainda o incomodava. Confessou que estava preocupado, até parecia que as pessoas que lhe faziam bem, acabavam morrendo. O batuque era um aviso. Ele deveria ter alguma culpa nisso e agora temia por Lurdinha.

Mãe Umbina ficou um tempo em silêncio pensando no que escutara. Depois começou a explicar que ele estava pensando errado. Se as pessoas boas morreram depois dele escutar o batuque, deviam ser protegidas pelos Orixás, que as conduziram para o caminho de paz em outra vida. Que ele não deveria escutar o batuque como agouro, devia pensar que era um sinal muito bom.

– Quanto à Lurdinha, ela não vai morrer! – Umbina acariciou o braço do rapaz, tendo na face um ar maternal. – Vá pegar minha cadeira grande lá na sala.

Sem pestanejar, o rapaz obedeceu ao pedido de Umbina. Ao entrar na casa, pegou o candeeiro e acendeu. Estava muito escuro e poderia tropeçar em alguma coisa. Ao chegar diante da cadeira na sala, escutou um choramingado. Voltou-se e encontrou Lurdinha num canto, sentada no chão com a cabeça entre os joelhos.

Aproximou-se da moça lentamente e ela levantou a cabeça. Ao ver quem era, pulou rapidamente se aninhando no peito de Deco. Começou a chorar de maneira mais intensa, e sem dizer nada correu novamente para o quarto. Ele não sabia o que fazer. Estava em dúvida se seguia a moça ou a deixava em paz.

Respirou profundamente sem entender o que estava acontecendo. Talvez Missinha estivesse certa, ele fizera algo de ruim para Lurdinha e nem sabia dizer o que era. Pegou a cadeira de Mãe Umbina e saiu da sala sentindo que tornara-se um trambolho, naquele momento, para todos. Precisava tomar uma decisão na vida, seguir o seu caminho com as próprias pernas.

Capítulo 70

Pouco antes das oito horas da noite, o primeiro atabaque chamou os outros para a festa. Sempre começava assim. O mestre batia nove vezes, forte e bem lentamente. Em seguida entrava o segundo atabaque e depois de algum tempo mais dois. Os três berimbaus e os agogôs eram os últimos. O coração de Deco disparou, ficou tentando a não se envolver nem sentir medo, mas estava começando a ficar apavorado.

Aquele sentimento estava no seu peito incomodando. Lembrava-se de maneira muito dolorosa o que aquelas batidas no couro dos atabaques marcavam em sua vida. Sempre havia uma desgraça por acontecer. As explicações de Mãe Umbina não conseguiram deixar sua mente ficar tranquila.

Aos poucos os seus ouvidos não captavam qualquer outro som além do batuque. Era impressionante como nunca se aproximara para ver o que acontecia naquele terreiro. Uma coisa que provavelmente despertaria a curiosidade, para ele, era um bom motivo para manter distância. Debruçou-se na janela do seu quarto, dava para ver parte do terreiro, que era iluminado por vários candeeiros suspensos nas pontas de varas.

Havia deixado a costura de lado. Naquele momento não conseguia fazer mais nada. Se Lurdinha morresse, ele não teria mais paz. Tentou acreditar na promessa de Umbina que garantia pela vida da filha. Ela devia saber, era uma mulher de muito conhecimento. Respirou fundo, e saiu do quarto. Sentou-se num banco improvisado e ficou olhando o que acontecia para tentar se acalmar.

– Ela não vai morrer! – Disse uma voz ao seu lado. – Hihihi…!

O rapaz voltou-se lentamente, já esperando encontrar quem imaginava. Estava certo, era o velho Ninga. Todo vestido de branco e touca vermelha na cabeça, chegara do nada. Ele parecia animado e batia palmas sem emitir som.

– Lurdinha não está nada bem! – disse Deco ainda nervoso.

– Hihihi… - Ninga se sacudiu. - A menina mexeu no que não devia, agora vai ter de seguir na sua obrigação. – Disse de maneira jocosa.

– Não entendo...

– Fica fora disso! – Falou Ninga bem lentamente. – Segue seu caminho. Cada pessoa tem uma trilha própria. Já abri seus caminhos e afastei as pedras que o impediam de caminhar.

– O que vai acontecer com Lurdinha? – Indagou Deco com aflição.

– Vai ter de seguir o ritual da sua obrigação, só assim estará salva de si mesma. – Ninga se sacudiu. – Não lamente muito a ausência dela. – Fez uma pausa e gargalhou. – Hihihi… Agora vou beber muita cachaça…

Como havia aparecido, Ninga sumiu bem diante dos olhos de Deco. O batuque começou a ficar mais forte e várias pessoas começaram a soltar gritinhos, tremelicando os corpos, sendo tomadas por algo invisível.

Lurdinha chegou ao lado da mãe, que sentou na cadeira que lembrava um trono. Os atabaques e agogôs silenciaram. Apenas os berimbaus continuaram. Começou uma gritaria geral que durou pouco. Os atabaques entraram juntos batendo forte juntamente com os agogôs.

Os olhos do rapaz estavam grudados em Lurdinha, que mantinha a cabeça baixa e parecia chorar. Portava-se como quem ouve uma sentença de condenação de morte na forca. Deco não entendia nada sobre o candomblé. Mesmo morando tão perto, se mantivera muito longe. Mesmo escutando os comentários, procurava não se envolver. Queria saber pouco e, de preferência, ignorar completamente.

Capítulo 71

Havia sido quase impossível dormir naquela noite. Deco estava cansado e com muita sede e fome ao levantar da cama pela manhã. Todo o seu corpo estava dolorido. A moringa sobre a mesa do seu quarto estava vazia. Vestiu-se e foi para a cozinha.

Ao ver o rapaz entrar, Missinha o saudou, parecia muito disposta mesmo tendo ficado no batuque até tão tarde. O mandou sentar avisando que logo estaria com o café pronto. Deco viu que havia uma mala de couro e uma sacola perto da porta.

– Quem vai viajar? – Indagou de maneira displicente.

– A menina! – Respondeu Missinha com naturalidade, jogando a água fervente no coador cheio de pó de café. - Dona Umbina vai levar.

Uma sensação de desânimo tomou conta do rapaz. Lembrou exatamente do que o velho Ninga lhe dissera sobre não lamentar a ausência de Lurdinha. A frase ficou se repetindo várias vezes em sua mente. Bebeu um gole pequeno do café ainda fervente que Missinha colocara na sua frente e se engasgou.

Nesse momento Umbina entrou na cozinha e sentou ao lado do rapaz. Estava vestida para sair.

– Bom dia! – Ela o cumprimentou e se voltou para Missinha. – Vá apressar Lurdinha, o trem parte às nove e meia, logo Durval vai chegar com a carroça e a estação é longe.

– Por ela, o trem vai embora vazio! – Missinha comentou saindo da cozinha.

– Fiz alguma coisa errada? - Indagou o rapaz com preocupação.

– Nada! – Disse Umbina sorrindo e colocando a sua mão sobre a dele. – Ela vai para o terreiro Babá-Erê em Cachoeira, tem de fazer sua obrigação. Os orixás determinaram.

– Ela não quer ir? – Ele se mostrou aflito.

– Essa menina sabia que não devia jogar búzios e mesmo assim se arriscou. – Umbina percebeu que o rapaz parecia confuso e explicou. – Se ela não queria a obrigação, devia ter ficado longe dos búzios. Agora terá de ser preparada para ficar no meu lugar quando eu morrer.

– Se ela não for? – Deco insistiu nas perguntas.

– Não pode! – Umbina franziu os lábios e maneou a cabeça. – Se não fizer sua obrigação, acaba doente ou até morrendo, os orixás cobram.

– Vai demorar?

– Acho que sim! – Umbina sorriu para ele. – Se acalme. Ela volta dentro de um ou dois anos. – Os jovens são sempre muito afobados! – Gargalhou.

Deco não sabia o que fazer. Encolheu-se na cadeira e ao ver a moça entrar na cozinha de olhos baixos, inchados depois de muitas lágrimas, ficou com vontade de sumir. Ela estava linda, o vestido de estampas com flores pequenas e coloridas a realçavam. Ela comeu em silêncio e quando escutaram o carroceiro Durval chegando, levantou-se da mesa, abraçou demoradamente Deco e depois pegou sua mala.

Deco se apressou em tomar a bagagem da sua mão e fez questão de levar para a carroça. Ficou olhando a moça se afastar, sentada ao lado da mãe, sempre de cabeça baixa, nem olhou para trás. Aquela era mais uma amputação dolorida na sua vida.

Capítulo 72

Sem ter como impedir o sofrimento de tomar conta do seu coração, Deco ficou algum tempo no seu quarto, sentado diante do tecido ainda por cortar. Sabia que não conseguiria trabalhar naquele dia. Também, de nada adiantava ficar se lamentando.

Respirou profundamente, levantou-se e trocou de roupa. Na rua, talvez se distraísse e amenizasse a dor que sentia. Nunca imaginara que estaria assim ao ver Lurdinha partindo. Seus sentimentos estavam confusos.

Caminhou sem pressa até a Barroquinha. Sentia os pés doendo, mesmo calçando os chinelos. Os sapatos apertados deixaram um grande estrago. Parou diante da loja de tecidos do seu Tertuliano. Ele gostava de conversar e talvez lhe indicasse o que seria necessário para se alugar uma sala onde montaria a alfaiataria. Precisava sair do conforto de asas alheias.

Entrou na loja e ficou observando as pilhas dos rolos de tecidos. Um vendedor se aproximou, querendo saber se poderia ajudar. O rapaz agradeceu dizendo que no momento só estava olhando. O vendedor deu um muxoxo e vendo outro freguês chegar, foi atender.

Os cheiros, os tecidos novos eram perfumes deliciosos para o olfato de Deco. Passou entre as pilhas e foi até o fundo da loja onde havia visto Tertuliano no caixa, de cabeça baixa. Estava fazendo contas e anotando os números num grande livro. Ao perceber a chegada do rapaz, retirou os óculos.

– Sim! – Ele falou sem o reconhecer.

– Não se lembra de mim? – Deco indagou desconfiado.

– Sei não! – O velho recolocou os óculos e mirou o rapaz da cabeça aos pés e sacudiu levemente a cabeça em sinal de negação. – Me desculpe, mas acho que não o conheço.

– Sou Deco! – O rapaz disse timidamente. – O ajudante de Vavá carroceiro.

– Não é possível! – O velho olhou fixamente para Deco. – Agora me lembro, mas você ficou muito diferente… cortou o cabelo… vestido

assim… nunca o reconheceria.

Ele estendeu uma mão para Deco e ficou com a outra no queixo. Estava realmente muito surpreso. Com orgulho, o jovem mostrou a calça e a camisa que vestia, dizendo que ele mesmo havia costurado aproveitando um tecido que ganhara de presente. O velho Tertuliano "ainda pasmo" comentou que não sabia desse talento do rapaz.

Aproveitando, Deco disse que pretendia montar uma alfaiataria e não sabia como conseguir uma sala na Rua da Misericórdia. Ficou sem entender a gargalhada de Tertuliano que ainda tentando conter-se, explicou que não pretendia ofender.

– Meu rapaz... – Ele respirou fundo enxugando as lágrimas do riso nos seus olhos. – Ali só monta alfaiataria quem já tem uma freguesia muito boa. Quase todos os alfaiates de lá receberam o negócio como herança dos pais ou dos mestres.

– Não sabia! – Exclamou Deco assustado.

– O aluguel novo naquela rua é muito caro. – Disse Tertuliano percebendo a decepção de Deco. – Alugue em outro lugar.

– Pode ser! – O rapaz deu de ombros. – Só não sei onde, nem tenho dinheiro ainda.

– Isso é um problema grande! – Tertuliano coçou a cabeça com ar pensativo. Repentinamente sorriu de maneira maliciosa tendo uma ideia que poderia ser um bom negócio. – Nunca havia pensado nisso! – disse em voz baixa.

– Muito obrigado! – O rapaz se despediu.

– Espere um pouco. – Pediu Tertuliano animado. - Sabe costurar mesmo? – Indagou desconfiado.

– Posso mostrar o terno todo! – Disse Deco, também desconfiado.

– Traga o terno amanhã, se gostar, eu tenho uma proposta para você.

Deco se despediu e foi para casa. Andou o tempo inteiro tentando imaginar qual seria a proposta de Seu Tertuliano. Com toda certeza, era alguma coisa que ele acreditava ser muito bom e lhe renderia dinheiro. Todo mundo sabia que o velho era um negociante muito esperto.

Capítulo 73

Na manhã seguinte, sempre muito ansioso, Deco chegou quase na hora que a loja estava sendo aberta. Ficou no outro lado da rua esperando, olhando aquele sobrado velho de dois pavimentos. Depois que as portas estavam escancaradas, atravessou a rua e entrou. Foi diretamente para o fundo, onde ficava o caixa.

Ao ver o rapaz, Tertuliano acenou chamando e saiu do caixa, segurou o braço de Deco, gritou o nome de um vendedor mandando que ficasse no seu lugar. O rapaz colocou o embrulho que carregava sobre o balcão e o abriu sem pressa. Os olhos atentos do comerciante ficaram arregalados. Pegou o terno e observou todos os detalhes com muito cuidado. Se mostrando satisfeito fechou o embrulho.

– Vou lhe mostrar uma coisa.

Sem saber o que o velho pretendia, Deco se deixou levar. Não perderia nada. Saíram da loja e entraram numa porta ao lado. Subiram a escada estreita e quando chegaram ao alto, havia uma porta larga. Tertuliano pegou uma penca de chaves no bolso, escolheu uma e abriu a porta. O coração de Deco disparou de alegria, acreditou que talvez estivesse diante da porta de sua alfaiataria.

Era um corredor com duas outras portas. Tertuliano abriu a primeira e apontou para dentro. Deco olhou sem entender ao ver aquele quarto abarrotado de caixas fechadas com um sofá velho no canto. Sua alegria desapareceu instantaneamente.

– Aluguei para um amigo guardar essas coisas até janeiro. - Tertuliano empurrou o jovem para dentro. – Está com pressa para montar sua alfaiataria?

– Não sei! – Deco estava atordoado, olhando o estado lastimável do lugar.

– Tem duas janelas pra rua! – Tertuliano tentou animar o rapaz. – Só precisa de uma reforminha, coisa pouca.

– O quarto está quase destruído...! – Deco fez cara de nojo.

– O telhado é novo, embora precise trocar o forro. – Tertuliano era um grande vendedor. – Você faz a reforma e eu não cobro três meses de aluguel. Isso resolve o seu problema de dinheiro no início. Depois de se instalar, manda a gráfica fazer uns panfletos e distribui nas lojas de tecidos da cidade. O ponto é bom, logo fica lotado de clientes que indico pra você.

– Como só fica vago depois de janeiro, conversamos sobre ele mais tarde e o senhor pensa numa proposta melhor. – Deco saiu do quarto e parou no corredor enquanto Tertuliano trancava novamente a porta. – Quanto vai me cobrar de aluguel? – Indagou desconfiado.

– Pra você que está começando e precisa atrair seus clientes, nos seis primeiros meses cobro apenas 500 mil reis. – Tertuliano sorriu. – Quero lhe ajudar.

Deco agradeceu. Se despedindo do dono da loja, apressouse em ganhar a rua. Estava decepcionado com a proposta e sabia que só para reformar aquele pardieiro o transformando num local aceitável, precisaria de muito dinheiro. Coisa que não possuía.

Saiu caminhando de volta para casa sorrindo, havia escapado de maneira muito inteligente da proposta horrível que Tertuliano lhe fizera. Não havia perdido completamente seu tempo. A ideia dos panfletos era algo que poderia aproveitar quando fosse possível.

Continuaria procurando sem pressa um novo lugar onde teria condições de ter sua alfaiataria. No entanto, estava certo que não seria na Rua da Misericórdia. O que o dono da loja dissera, fazia muito sentido. Ao passar pela ladeira da Igreja de Santana, teve uma ideia. Apertou o embrulho que carregava e pensou que poderia visitar Dona Anita. Mostraria o seu terno e almoçaria com ela se fosse convidado.

Estava envergonhado de voltar para comer na casa de dona Umbina já que nem Lurdinha estaria lá. Seu coração permanecia apertado sentindo uma saudade dolorida que não saberia explicar.

Capítulo 74

De longe, Deco avistou na porta da casa de Glenda um verdureiro com o seu burro, parecia esperar alguma coisa. Parou diante do portão da casa de Seu Ananias e abriu o portão. Nesse momento escutou uma voz doce e delicada cheia de sotaque lhe chamando. Voltou-se, Glenda acenava freneticamente.

– Vem cá, Deco! – Ela entregou o dinheiro para o verdureiro e completou. - Preciso falar com você.

Sem pressa, o rapaz aguardou o verdureiro se afastar um pouco e se aproximou sorrindo. Era muito bom encontrar com aquela mulher que o excitava, que o fazia ter prazer só por escutar sua voz. Glenda arrastou o rapaz pelo braço até a cozinha, dizendo que estava pensando nele naquela manhã.

– Até parece que adivinhou!
– Se lhe contar o que estava fazendo e o que aconteceu, vai morrer de tanto rir. – Disse Deco de bom humor.

Os dois entraram na cozinha e Deco se assustou ao ver uma mulher cozinhando. Era uma negra muito bonita e graciosa, pouco mais velha do que Lurdinha. Sem perder muito tempo a cumprimentou e olhou desconfiado para Glenda.

– O senador não vai ficar chateado com minha presença?
– Ele não vai chegar agora, só mais tarde, à noitinha, não vai almoçar em casa e a esposa dele ainda não veio do Rio de Janeiro. – Glenda olhou para empregada sorrindo maliciosamente. – Essa moça é Odete, foi trazida por Miguel para trabalhar aqui. – Voltou-se para o rapaz falando em voz baixa. - Acho que é rapariga dele.

– Disse que estava pensando em mim? – Indagou Deco com curiosidade.

– Pois é! – Glenda olhou em volta mordendo os lábios. – Deixe o embrulho sobre a mesa. – Ela falou de maneira delicada. - Inesperadamente puxou o rapaz novamente pelo braço para dentro da casa.

Mesmo contente por encontrar novamente aquela bela mulher, Deco acompanhou Glenda se mostrando constrangido e um pouco envergonhado por algo que nem ele mesmo saberia explicar. Enquanto andava ela continuou a falar com num tom muito sensual.

– Primeiro preciso matar a saudade e o desejo! – Glenda deixou escapar um sorriso malicioso.

– Também estava com saudade! – Deco se animou.

– Saudade! Bela palavra que vocês inventaram! – Glenda maneou a cabeça e deu um longo muxoxo. - Depois converso sobre outras coisas, na hora do almoço. Vai ter uma encomenda do senador.

O coração de Deco disparou. Havia entendido perfeitamente a intenção dela naquele momento. Os dois subiram a escada na direção do quarto sorrindo de maneira muito maliciosa, seria impossível esconder a excitação de ambos.

Capítulo 75

Ao final do entardecer, Deco entrou na vila e ao passar pela casa onde havia morado com a família de Vavá, estremeceu. As novas paredes já estavam quase todas de pé e em nada lembrava a antiga construção feita de maneira rústica. Agora estava sendo feita de tijolos.

Respirou profundamente e foi até a fonte onde costumava lavar a carroça e pegar água para abastecer a casa. O ar estava fresco e uma brisa suave soprava vinda do lado das mangueiras carregadas de flores. Logo teria muitos frutos para serem colhidos. Sentou-se na beirada da fonte e sorriu, recordando sua primeira conversa com o velho Ninga. Nunca se imaginaria passando tão rapidamente por aquela mudança de vida.

Colocou o pacote que carregava sobre os joelhos e abriu uma revista nova que Glenda lhe havia dado. Logo na primeira página estava um retrato de um ator estrangeiro e famoso saltando de um carro luxuoso. Um motorista bem vestido, com uma farda impecável, segurava a porta aberta.

O senador queria uma farda igual para Miguel vestir no ano novo e lamentava não ter ainda conhecido um bom alfaiate em Salvador. Glenda imediatamente recomendara os serviços de Deco e mostrou o terno que fizera no retrato. Acreditava que o rapaz seria capaz de atender ao patrão exigente.

Não seria um terno como pensara a princípio, apenas uma jaqueta e uma calça para servir de farda. De qualquer maneira era um desafio, dessa vez não teria um molde do modelo.

Sabia que teria tempo para estudar a roupa, já que, em pouco mais de uma semana poderia terminar o terno de Seu Ananias, bastaria se aplicar no trabalho.

Aquele dia estava terminando de maneira muito gratificante. Além de conseguir informações preciosas com Tertuliano, Glenda lhe dissera exatamente quanto e como deveria cobrar pelos ternos e pela farda

para Miguel. Deixou escapar um longo suspiro e sorriu, os momentos inesperados de prazer seriam sempre inesquecíveis. Ainda guardava no próprio corpo e na memória o perfume delicioso do suor daquela bela mulher que fazia sexo sem limites, de maneira enlouquecida. Levantou-se assoviando e foi para seu quarto. Precisava começar logo a se entregar ao trabalho de costura. Já acreditava que seu futuro dependeria disso.

Ao entrar no quarto a escuridão o fez tropeçar na cadeira. Pegou sobre a mesa o fifó, acendeu e o colocou de volta sobre a mesa. Pegou o retrato onde ele e Glenda estavam juntos e permaneceu quieto por um bom tempo admirando a beleza daquela gringa encantadora. Ficou novamente excitado e não se conteve cedendo ao desejo de uma prolongada e prazerosa masturbação.

Capítulo 76

Quase uma semana depois do último encontro com Glenda, Deco realmente já estava com o terno de Seu Ananias cortado e montado e o levara no final do dia para a prova, e depois terminaria os ajustes para costurar na máquina. Seu Ananias se mostrou muito satisfeito com o trabalho do rapaz e fez rasgados elogios por ele ter feito tudo em tão pouco tempo.

Ficou abismado quando Deco prometeu entregar o terno na semana seguinte. Estava acostumado a uma espera de mais de dois meses para o alfaiate lhe entregar uma roupa pronta. Anita estava orgulhosa do rapaz e havia preparado uma comida especial para que jantassem juntos depois que servisse os patrões.

Enquanto aguardava o retorno de Dona Anita, Deco ficou conversando na cozinha com Passarinho, que contou as novidades. O patrão havia comprado um automóvel que chegaria logo depois do ano-novo. Ele pegou uma garrafa de cachaça num armário e serviu dois copos, entregando um para Deco. Em seguida, queria saber como andava a vida do rapaz.

Depois de dois goles, Deco contou sobre sua intenção em ter uma alfaiataria e sobre a proposta que o velho Tertuliano fizera. Os dois gargalharam. Passarinho concordou sobre a impossibilidade de começar com uma alfaiataria na Rua da Misericórdia. Prometeu que ficaria atento para aluguéis em outras ruas perto do centro.

Ao saber que o rapaz não teria como pagar o aluguel, deu de ombros. Comentou que esse problema seria difícil de resolver, lamentando por Deco não ter nada de valor para vender e assim ter algum dinheiro para começar.

Um sorriso malicioso foi se formando nos lábios da Deco. Ele possuía uma coisa valiosa para vender e por certo já teria como começar uma nova vida. Precisava apenas tomar muito cuidado com a história que contaria para justificar a posse de uma joia como aquela.

Conteve o impulso de falar para Passarinho o que havia pensado. Ainda não articulara muito bem na sua história. Teria de ser muito convincente. Compensaria aguardar um pouco mais para não se enrolar. Ser chamado de ladrão de túmulos ou coisa bem pior e acabar na prisão. Teria de fazer tudo sozinho.

Capítulo 77

Ao voltar para casa, a rua estava deserta. Seguiu caminhando, observando as casas e imaginando ser um ocupante de um lugar só seu e não viver de favores. Um lugar que fosse pago com o dinheiro que ganhasse. Já estava quase chegando ao Largo do Mercado das Sete Portas quando escutou alguém chamando seu nome. Jamais esperaria por aquele encontro.

O carroceiro parou a carroça ao seu lado e Mãe Umbina que o convidou para subir. O rapaz sorriu se mostrando alegre com muita sinceridade. Depois de se acomodar no assento da carroça, foi logo indagando sobre como estava Lurdinha. O carroceiro cutucou o braço de Umbina.

– O outro não vai subir? – Disse, desconfiado.

– Será sempre bem recebido, mas acho que prefere outro tipo de transporte. – Umbina mandou com um gesto o carroceiro seguir em frente e se voltou para Deco.

A surpresa surgiu no semblante de Deco que se voltara para onde o carroceiro indicava. Ficou olhando fixamente para Ninga lhe acenando. Ele não percebera em nenhum momento a presença daquela entidade que provavelmente o acompanhara naquela noite. Muito embora sentisse que alguém lhe fazia companhia, acreditou que seriam os habitantes dos seus pensamentos.

Enquanto sacudiam seguindo naquele caminho esburacado, sobre o assento da carroça, Umbina lhe contou que Lurdinha estava bem e logo teria sua impaciência controlada pelos afazeres da obrigação. O rapaz questionou sobre sua influência no sofrimento da moça e mais uma vez Umbina o aquietou, ele não era responsável por nada.

Como era difícil falar com a voz tremendo muito por causa do movimento da carroça. Mostrando-se preocupada, Umbina sugeriu que conversassem mais tarde e que também queria saber como Deco havia passado os dias em que esteve ausente. Queria saber de tudo.

Capítulo 78

Depois que Mãe Umbina regressara da cidade de Cachoeira, Deco não conseguia manter a imagem de Lurdinha afastada dos seus pensamentos. Sonhara várias vezes com a moça se desfazendo em prazeres nos seus braços. Algumas vezes, o sonho se confundia e de uma hora para outra quem estava na cama com ele era Glenda, que sussurrava ao seu ouvido aquelas palavras na língua estrangeira. No entanto, quase sempre fazia sexo com Lurdinha.

Até no momento que estava debruçado sobre a máquina de costura, mantinha pensamentos perturbadores. Algumas vezes, eram tão intensos, que costurar se tornava uma tarefa impossível. Nessas horas, fazia uma pausa, bebia um caneco de água, ficava um tempo olhando a paisagem do terreiro para se acalmar.

Mesmo assim, depois de uma semana, finalmente estava com o terno do Seu Ananias pronto no início da noite. Faria a entrega pela manhã depois de passar o ferro. Lamentava apenas não ter um manequim para ver como estava o caimento. Também passaria na casa de Glenda para avisar que já poderia começar a fazer a farda de Miguel.

Espreguiçando-se, levantou e foi para o lado de fora do quarto e ficou recostado na parede, olhando para o céu que estava muito estrelado. Ocorreu-lhe que nunca poderia imaginar que seria capaz de costurar e que repentinamente sabia tudo ou quase tudo que era necessário para seguir nessa profissão.

Agradeceu ao velho Ninga que de alguma forma o instruíra. Lembrava-se de ter sonhado com ele lhe prometendo o aprendizado naquela noite longa da qual só acordou um dia depois e conheceu Glenda.

Sua vida ganhou um novo rumo. Deixou escapar um longo suspiro e foi deitar. Estava com fome, no entanto, o cansaço falou mais alto. Precisava mesmo era de uma noite de sono. Ao entrar no quarto, pegou o relógio que sempre estava sobre a mesa. Olhou os ponteiros, eram seis e meia da noite. Deu corda e olhou para o teto com ar de quem

acabava de decidir o próximo passo importante para sua vida.

Não teria como fazer de outra maneira, precisava continuar ganhando o jogo contra a miséria, embora ainda continuasse sem dinheiro nos bolsos.

Retirou cuidadosamente a corrente de ouro que estava presa ao relógio e o recolocou sobre a mesa. Não sabia explicar o que o motivara a fazer isso, depois guardou a corrente na sua caixinha velha de charutos. Era ali que estavam os seus tesouros e troféus de um passado medonho que já começava a ficar distante.

Sorriu sacudindo a cabeça com a sensação de que alguém estava o tempo inteiro sussurrando ao seu ouvido aquelas iniciativas. Era impressionante como abandonara seu estado de completa ignorância em tão pouco tempo. Não poderia negar que era uma nova pessoa. Nascera novamente.

Deitou, lembrando que tudo começara ao receber o seu primeiro pagamento por um frete inesperado. Mesmo sem ter essa intenção, Vavá o presenteara com uma chance, mas para lhe permitir seguir adiante, precisou morrer. No entanto, reconhecia que havia sido Lurdinha quem o salvara daquela escuridão pela falta de conhecimentos. Fechou os olhos e logo estava adormecido.

Capítulo 79

Novamente, Deco havia madrugado e chegara à casa de Ananias pouco depois das seis e meia da manhã. Queria fazer a entrega pessoalmente e dessa maneira, teria de encontrar com seu freguês antes que saísse para trabalhar.

Anita nem se assustou ao ver o rapaz entrar na cozinha. Alguma coisa lhe dizia que seria assim naquela manhã. Ao ver o embrulho que Deco carregava, sorriu e perguntou se era o terno novo do patrão. Deco confirmou com um aceno de cabeça e ela o serviu um caneco cheio de mingau de tapioca, que havia acabado de preparar, prometendo que avisaria ao patrão da presença de Deco, quando servisse a comida da manhã para ele.

Depois de ficar esperando por quase uma hora, Anita chamou Deco para entrar na sala, o Seu Ananias o aguardava. Suas pernas tremiam de tanto nervosismo, respirou fundo para tentar se acalmar. O homem sorriu ao ver o rapaz carregando o embrulho e o arrastou para o escritório. Também estava ansioso para experimentar a roupa.

Ao sair da casa, ainda na varanda, Deco encontrou com Passarinho que percebeu logo a alegria do rapaz que parecia se controlar para não sair saltitando e gritando. Não teve como segurar uma gargalhada e reteve o jovem pelo braço. Assim que dominou a risada disse que havia encontrado um cômodo para alugar no Largo do Tesouro.

– Onde fica o Largo do Tesouro? – Indagou Deco.

– Não tem errada, pertinho da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, quase no fundo da Prefeitura. – Explicou Passarinho. – A dona é uma velha chata, que só aluga os cômodos do sobrado para quem ela simpatiza. Pergunte por Dona Safira no restaurante do andar térreo.

O rapaz agradeceu a informação e se despediu de Passarinho. Estava com dinheiro no bolso, feliz por ter feito a entrega ao seu primeiro

freguês que demonstrou estar satisfeitíssimo com terno. Agora precisava passar na casa de Glenda e só depois decidiria o seu próximo passo. Não adiantava se deixar levar pela ansiedade.

Depois de tomar as medidas de Miguel, ficou ainda mais feliz. Glenda fez questão de pagar, adiantado, metade do valor da costura. Ela sabia que o rapaz não teria como comprar os aviamentos necessários, mesmo sabendo que Ananias já havia feito o pagamento pelo novo terno.

Queria que fosse assim, embora alertasse o jovem alfaiate que, nessa profissão, ele teria de ter sempre algum dinheiro reservado para isso. Os homens quase sempre só pagavam ao receber o terno pronto.

Capítulo 80

O cômodo, disponível para ser alugado, ficava em outro prédio colado ao fundo do restaurante, na Rua dos Ourives e não no Largo do Tesouro como Passarinho dissera. A velha Safira era uma matrona espanhola, de pele muito alva, cabelos brancos e bochechas avermelhadas, que ainda mantinha o sotaque bem forte. Muito gorda, arquejava ao falar.

O atendeu de maneira fria, sem sair de onde estava junto ao caixa. Ao saber das intenções de Deco, coçou a cabeça enquanto o mirava da cabeça aos pés. Era visível a ansiedade no rosto dele.

– Você é um menino! – Ela falou com desconfiança. – Aposto que nem tem fiador...

– Não sei o que é um fiador, mas posso conseguir um. – Deco falou de maneira calma e segura embora não soubesse o que era um fiador. – Quanto ao fato de ser muito jovem ainda, posso lhe garantir que se não morrer cedo, um dia fico velho.

Ela sorriu e gritou chamando por Mandinho, um menino mulato de olhar astuto que veio correndo saindo da cozinha. Ela lhe entregou uma chave e o mandou levar Deco para ver o cômodo.

Os dois saíram do restaurante, desceram ladeira que ficava na esquina, dobraram à direita e entraram no sobrado estreito com duas portas no térreo onde estava estabelecido um antigo armeiro. Pelo lado de fora dava para ver que no andar superior, também havia duas portas fechadas, com sacadas frontais. A escada era larga e de madeira antiga que rangia a cada passo.

A pintura azul claro das paredes era antiga, no entanto parecia bem conservada. Ao final da escada, num pequeno rol duas portas pintadas de verde, uma lateral e outra ao fundo. O menino enfiou a chave na fechadura da primeira. Disse que a outra era um sanitário pequeno que

também servia ao andar de baixo.

Depois da porta aberta, o menino acionou um interruptor e acendeu uma lâmpada enroscada num bocal ligado a um fio que pendia do teto. Havia luz elétrica. Deco se encantou logo ao ver o cômodo. Era tudo que poderia desejar. Não era muito grande, mas caberia muito bem a máquina de costura, uma prancha para corte de tecidos, um sofá e uma estante para colocar seus apetrechos.

O menino abriu uma das portas que dava para a rua. A luz do sol penetrou no cômodo fazendo o coração de Deco disparar. Não precisaria fazer nada para instalar sua alfaiataria. Aquelas portas seriam muito boas para colocar o manequim como havia visto em outros lugares na Rua da Misericórdia. O sorriso de satisfação em sua face cedeu lugar a uma expressão de preocupação.

Apertou o bolso da calça onde estava o dinheiro. Estava arrependido de ter vindo olhar o cômodo antes de perguntar o valor do aluguel evitando uma desilusão. Estava na cara que não poderia pagar por um lugar assim.

Capítulo 81

Quando retornou ao restaurante, Dona Safira percebeu o ar de desapontamento estampado na face de Deco. O horário do almoço já havia começado e muitos clientes circulavam em busca de uma mesa e outros já gritavam seus pedidos para dois rapazes que corriam para atender todo mundo. Assim que Deco se aproximou, ela se debruçou no balcão deixando caírem os enormes seios sobre os braços.

– Gostou? – Indagou com desconfiança.

– Muito! – disse Deco suspirando. – Quanto é que cobra pelo aluguel?

– Se fosse um cômodo aqui no largo, seria bem caro, como fica na Rua dos Ourives, eu estou pedindo 400 mil reis pelo aluguel.

– Ufa! – Deco se assustou. – Realmente não é caro.

– Tem interesse? – Ela maneou a cabeça. – O primeiro mês é adiantado.

– Vou ser sincero! – Deco aspirou o ar com força. – Aquele cômodo é tudo que eu preciso, no entanto... – Fez uma pausa tomando coragem. – Esse valor é quase todo o dinheiro que tenho no bolso agora. Acabei de receber o pagamento de um terno que entreguei e o adiantamento para outra roupa.

– Tem condições de pagar o aluguel do mês seguinte? – Indagou Safira coçando a cabeça.

– Não sei! – Deco maneou a cabeça. – Não posso pagar nem por esse primeiro aluguel, mesmo tendo o dinheiro no bolso. Preciso comprar os aviamentos, não posso falhar com o meu freguês.

– Você pode enganar ele! – Disse Safira com ar malicioso.

– Morro de fome, mas não engano ninguém, não sei ficar devendo. – Deco rebateu com indignação. – Muito obrigado e desculpe por ter tomado seu tempo.

O rapaz se voltou para sair do restaurante quando escutou uma gargalhada de Dona Safira, que segurou seu braço. Ela o mandou sentar à mesa que estava vaga e disse que mandaria lhe servir um almoço sem cobrar, depois conversariam melhor.

Por ser uma mulher experiente, sabia reconhecer um bom inquilino. Aquele rapaz lhe inspirava uma confiança que nunca demonstrara para com outras pessoas. Simpatizara muito com a inocência verdadeira de Deco.

Capítulo 82

Enquanto caminhava na direção da Rua da Misericórdia, Deco refletia sobre a proposta que Dona Safira lhe fizera e sentia muito medo de assumir. Por isso, dissera que pensaria e daria uma reposta no dia seguinte, caso o cômodo ainda estivesse disponível.

As lojas estavam fechadas naquele horário para o almoço. De qualquer maneira aproveitaria o tempo de espera para ponderar todas as suas dificuldades. Pagar apenas metade do aluguel no primeiro mês era uma oferta magnífica. No entanto, precisaria de dinheiro para o carreto de suas coisas, ter uma reserva para os futuros aviamentos e comer quando fosse possível. Teria uma despesa que talvez não suportasse.

Atrair fregueses seria uma tarefa ingrata, e nem seria capaz de prever por quanto tempo estaria sem nenhum. Até aquele momento as coisas estavam indo bem, isso por que não se preocupava em ter de pagar qualquer coisa e dera muita sorte. Não podia mais contar com uma possibilidade, teria de ter certeza e para isso, a propaganda por meio de panfletos seria fundamental. Era um novo custo sem garantias de retorno, para ser levado em conta.

Dando dois muxoxos seguidos, ele se apegou na possibilidade de sua ideia dar certo. Instintivamente levou a mão ao bolso da calça onde estava o relógio e olhou as horas. Ainda faltava muito para as lojas abrirem. Foi a passos pequenos até a balaustrada ao lado do Elevador Lacerda e ficou contemplando a paisagem.

Aquela espera parecia interminável. A ideia de vender o relógio ressurgiu na mente. Desejava terminar com tudo o quanto antes e se desse tempo, ainda voltaria ao restaurante e fecharia negócio com Dona Safira. Ao ver que as portas das lojas começavam a ser reabertas, suspirou com alívio. Compraria primeiro os aviamentos da roupa que teria de costurar e depois passaria numa relojoaria. Já planejara os detalhes da história que contaria para justificar uma joia como aquela em suas mãos sem deixar suspeitas dele ter roubado.

Estremeceu ao pensar que ainda poderiam duvidar dele. Era o que pensavam como possibilidade razoável diante da sua cor. Os brancos sempre pensavam o pior dos negros. Diria que o patrão não queria aparecer naquela transação e o mandara, seria uma boa desculpa.

Capítulo 83

A venda do relógio não havia sido fácil, no entanto foi muito proveitosa. Nunca Deco havia visto tanto dinheiro junto. Talvez fosse o dobro do que Vavá poderia ganhar um ano inteiro fazendo seus carretos.

Não sabia fazer essa conta com precisão. Mesmo assim, ao entrar naquele fim de tarde no seu quarto, estava com um sentimento confuso lhe atormentado a cabeça. Era impossível esquecer a origem daquele relógio que o envergonhava, mas se tornara fundamental para prosseguir com o seu projeto de vida.

Ficou durante algum tempo olhando o vazio enquanto o quarto escurecia completamente. Ainda com medo de assumir compromisso alugando o cômodo, resolveu deixar essa parte para o dia seguinte, como combinara com Dona Safira. Teria tempo para refletir melhor.

Envolvido pela escuridão melancólica do quarto e pela angústia, sentiu-se sem ar. Abriu a porta e respirou fundo o cheiro do terreiro. Mais aliviado, foi saindo em direção à cozinha acreditando que essa noite talvez fosse uma despedida.

Caso alugasse mesmo aquele lugar para montar sua alfaiataria, no início também faria dali a sua moradia. Eram muitas ideias malucas na sua cabeça e precisaria de uma noite de sono para ter calma na hora de tomar rumo. Conversaria de maneira franca com Dona Umbina e desabafaria honestamente todas as angustias que o perseguiam. Estava pronto para escutar conselhos ou uma repreensão muito severa.

Capítulo 84

Naquela noite estava muito difícil engolir a comida. Deco, ansioso e nervoso, nem sentia o sabor delicioso da galinha frita na manteiga. Assim que terminou de jantar, contou tudo. Mãe Umbina apenas cruzou o braço direito sobre o peito, apoiou o esquerdo nele e a mão ao lado do rosto. Permaneceu com o semblante impassível escutando a história. Lavando a louça, Missinha escutava atenta a tudo que o rapaz falava.

Aquele jovem sofrido se amargurava sentindo que a falta de qualquer comentário de Mãe Umbina lhe parecia algo muito estranho, não demonstrou ficar abismada quando escutou a maneira que Deco obtivera aquele par de sapatos, depois de perceber que não poderia vestir um terno novo calçando chinelos. Era como se já soubesse tudo, o que ele lhe contava não era uma novidade.

Ao falar do relógio, escutou Missinha assoviar. Não se intimidou e continuou a desabafar. Não queria deixar nada sem ser esclarecido. Para justificar ter tanto dinheiro em seu poder, contou os detalhes de como vendera aquele relógio. Foi o único momento em que a expressão de Umbina se modificou, ela arregalou os olhos e franziu os lábios. Nada mais.

A situação havia sido inesperada. Ao sair da loja onde comprara os aviamentos, Deco foi diretamente até a Praça da Sé, onde sabia que havia várias relojoarias. Logo na primeira, que ficava na esquina da Rua do Liceu de Artes e Oficio, que também vendia instrumentos musicais, foi surpreendido pelo desânimo.

O gerente, um homem muito magro, com os cabelos engomados com muita brilhantina, sobre os lábios um bigodinho fino, lhe disse que eles vendiam relógios novos e modernos, não compravam um de segunda mão. Acrescentou com ar de nojo "Ainda mais sendo um tão velho".

Já sem fé no êxito daquela ideia, resolveu insistir e entrou numa segunda loja menor mais adiante. Escutou a mesma conversa. No en-

tanto, dessa vez o dono da loja foi mais gentil e explicou ao rapaz que aquele relógio era muito antigo e não interessaria a qualquer outra loja por ali.

Sem saber o que fazer, Deco continuou caminhando na direção do Largo do Terreiro de Jesus. Depois de passar pela frente da Catedral Basílica, estancou seus passos, pensou em voltar para casa. Estava tentando se enganar e lembrou-se do que estava escrito no interior da tampa do relógio.

"Não tenha pressa para passar o tempo".

De nada adiantaria mesmo insistir em vender uma coisa que nem ele saberia o valor. O tempo se tornara um mar revolto que afogava o seu destino. Precisava ter mais calma. Eram muitas coisas que a vida lhe ensinaria para aprender a viver novamente. Temia por um retorno ao mundo miserável de onde tanto desejava sair.

Seguiria em frente para descer a ladeira do Pelourinho enquanto fosse possível mover suas pernas que estavam bambas, tremendo de medo. Parecia-lhe óbvio que perderia aquele cômodo que tanto o encantara.

Não andou muito e viu nitidamente Ninga dobrando a esquina de uma rua mais adiante. O velho caminhava lentamente passando pelas pessoas sem que fosse notado. Curioso, Deco o seguiu e viu que a segunda loja à esquerda da rua, ostentava uma pequena placa onde estava escrito com letras enfeitadas a palavra "Antiguidades". Leu com dificuldade sem entender muito bem o significado.

Sem saber como explicar foi tomado por uma atração quase irresistível, queria entrar naquela loja. Nem se interessava mais para aonde Ninga teria ido.

O dono da loja era um homem muito velho, de barbas longas, calvo e usava um par de óculos com lentes tão grossas que deixavam seus olhos miúdos. Ao pegar o relógio, não conteve o espanto e logo ofereceu três contos de réis. Nem se preocupou em saber a origem daquela peça que o rapaz lhe oferecia. Deco percebeu que o relógio deveria valer muito mais, no entanto aceitou o preço.

– Agora estou com dinheiro e me sentindo um bandido! – Concluiu a sua narrativa.

– Deixa disso menino! – Disse Missinha enxugando as mãos na roupa. – Se você não pega o relógio, os coveiros pegavam e tudo continuava da mesma maneira de sempre.

– Concordo com Missinha. – disse Umbina com ar preocupado. - Não concordo com esse hábito dos coveiros, mas a vida é assim! – ela levantou-se e puxou o rapaz o abraçando. – Seja feliz e prudente, não gaste seu dinheiro de maneira idiota, pense sempre nele como uma reserva.

– Não entendi! – Deco exclamou confuso.

– Ninguém ainda lhe conhece como alfaiate e até março, sabe muito bem que a cidade fica com o movimento reduzido. – Umbina soltou o rapaz e o olhou fixamente. – Exu realmente lhe escolheu!

Deco voltou ao seu quarto, acendeu o fifó, sentou na cadeira diante da janela aberta e ficou contemplando o céu estrelado. Seu coração estava aliviado embora sua mente trabalhasse na nova preocupação que Umbina lhe deixara. Recordava muito bem os dias difíceis, quase sem carretos, todo início de ano.

Capítulo 85

Faltando apenas três dias para o final do ano, logo cedo, Deco terminou de pregar os botões da farda que havia costurado para Miguel. Enquanto soprava as brasas preparando o ferro para passar a roupa, pensava nas palavras de Mãe Umbina o alertando sobre aquele início difícil.

Até então, só duas pessoas haviam entrado na alfaiataria, o armeiro do andar de baixo, por curiosidade e o ourives que morava na casa em frente para um ajuste da cintura de uma calça.

Precisava colocar uma placa com o nome de sua alfaiataria e fazer a propaganda por meio de panfletos. Encarregar-se-ia disso o quanto antes. Tomaria as providências sem perder mais tempo. Era muito importante que os possíveis fregueses soubessem da sua existência, pois só assim o procurariam no lugar certo.

Ao terminar de passar o ferro na roupa, dobrou com cuidado e embrulhou. Levaria imediatamente para Glenda. Não era por pressa para receber o pagamento, estava com saudade daquela mulher que o encantava, o provocava.

Ela o recebeu de maneira fria e formal, mas fez questão de anotar logo o endereço da alfaiataria. Saiu da cozinha mandando que Deco a aguardasse, voltaria com Miguel para que experimentasse a roupa. Nem mandara o rapaz sentar.

Sem entender o motivo daquele tratamento, Deco ficou constrangido. Não demorou muito para o chofer entrar na cozinha, Glenda havia ficado no interior da casa. Miguel vestiu a roupa e saiu muito satisfeito dizendo que se olharia no espelho e depois mostraria ao patrão, que estava no escritório.

Andando de um lado para outro, Deco se mostrava ansioso e ao mesmo tempo preocupado com o tratamento que recebera por parte de Glenda. A empregada, que estava preparando o almoço, nem olhava para ele. O tempo parecia eterno naquela espera angustiada.

Finalmente, o chofer voltou à cozinha e estava acompanhado de um homem alto, moreno de cabelo bem cortado e penteado com esmero, vestindo um terno cinza escuro de riscas pretas, com um corte magnífico. Deco logo imaginou quem seria.

– Esse é meu patrão, o Senador! – disse Miguel com orgulho.

– Você é o alfaiate? – Indagou o homem com um sorriso desconfiado.

– Sim! – disse Deco de maneira altiva, em seguida abaixou a cabeça em sinal de respeito se apresentando. – Fidelis, ao seu dispor!

– O negrinho do retrato! – O senador sacudiu a cabeça de um lado para o outro. – Ao ver a fotografia, pensei que apenas estava vestindo um terno bem feito. Embora ainda seja um menino e negro, você é um artista. Nunca havia visto uma roupa costurada assim aqui no Brasil. Até parece com as roupas dos alfaiates ingleses. Meus parabéns!

Sem dizer mais nada, o senador pegou uma linda carteira de couro no bolso interno do paletó, retirou o dinheiro e entregou ao chofer. Em seguida, saiu da cozinha sem olhar novamente para Deco. Miguel entregou o dinheiro ao rapaz, despiu o casaco novo e voltou a vestir a roupa anterior.

Sem nem olhar quanto recebera, Deco enfiou o dinheiro no bolso e se despediu de Miguel. Havia ficado muito contente e vaidoso com um elogio inesperado do próprio senador. No entanto, ainda estava intrigado por ter sido tratado de maneira tão distante por Glenda.

Só quando chegou ao final da ladeira da Palma, teve coragem de ver o quanto recebera. Era bem mais do que havia esperado. Pensou em voltar e visitar Dona Anita, desistiu da ideia. Apressou-se para prosseguir o seu caminho de volta para casa, antes pretendia passar numa sapataria que ficava na Barroquinha e comprar um par de sapatos. Dessa vez calçaria um do tamanho certo para seus pés.

Capítulo 86

Mesmo depois dos festejos de ano-novo, os fregueses não apareciam. Deco comprou tecido e fez um segundo terno de melhor qualidade. Precisava se ocupar para não entrar em desespero. O calendário havia mudado, mas para ele, a vida continuava tão vazia quanto antes, e muitas vezes, se via obrigado a conter o seu impulso de desistir.

Além disso, procurou comprar o livro com o barco navegando no mar agitado que o encantara quando recebeu seu primeiro dinheiro. Eram as Aventuras de Gulliver. A cada dia lia de maneira mais rápida e logo já estava terminado a leitura. Comprou outro livro, "Memórias Póstumas de Bráz Cubas".

Deco se encantou com Machado de Assis, comprou logo outro livro, mesmo antes de terminar a leitura, dessa vez escolheu "Quincas Borba". A linguagem do livro era difícil algumas vezes, no entanto, retratava um mundo que conhecia muito bem. Depois de conhecer a história de vida do autor, ficou mais confiante, decidiu acelerar os sonhos que pretendia tornar realidade. Mandou imprimir panfletos.

Ele mesmo começou a distribuir a propaganda da sua alfaiataria que denominara de "Príncipe Negro" lembrando-se da noite desagradável na Rua da Misericórdia, mas aquele nome se mantivera em sua mente. Ficava todo fim de tarde na porta da prefeitura, do Tesouro e muitas vezes aos domingos no largo da Piedade, do Campo Grande ou Praça do Mercado Municipal.

Aproveitou também algumas noites dos poucos espetáculos que aconteciam no Teatro São João, o público era constituído da fina nata da sociedade de Salvador.

Nada acontecia. No entanto, em março, quando as aulas nas escolas foram iniciadas, começaram a chegar inúmeros fregueses desejando fazer os ternos para os filhos. Eram ricos senhores de Salvador, queriam que seus filhos chegassem às aulas com uma roupa nova. Muitos deles por recomendação do Senador e de Seu Ananias, outros, motivados

pela propaganda que o rapaz distribuíra.

O sucesso do jovem alfaiate foi estrondoso na Escola de Medicina, não só por causa da modernidade nos cortes como também a juventude do alfaiate. Logo, o nome "Príncipe Negro" já se tornara um folclore entre estudantes e professores. Ninguém era considerado elegante se não vestisse, vez por outra, um terno daquela alfaiataria.

O trabalho era tanto, que no meio do ano foi obrigado a contratar um auxiliar. Também precisou encontrar um lugar para morar. Alugou um dos quartos na parte dos fundos da casa do ourives em frente à alfaiataria. Era perfeito, tinha até uma janela. Os outros quartos também eram locados por pessoas que trabalhavam em lojas próximas. Todos dividiam o banheiro e a cozinha.

Ele fazia por merecer aquela fama toda. Mantinha-se atualizado com os novos cortes, lançamentos de tecidos e de modelos europeus de ternos, lendo muito as revistas importadas, que comprava mensalmente com facilidade, por meio de Seu Ananias, na Alfândega.

O carisma de Fidelis era impressionante. Para surpresa dele, recebeu naquele ano a encomenda dos ternos dos vinte e dois formandos da Escola de Medicina. No dia que estava marcado para receberem as encomendas, fizeram uma grande festa na alfaiataria. Um deles chegou com um grande sofá novinho como uma maneira deles agradecerem a qualidade de suas roupas novas e por estarem cansados dos caixotes de madeira onde eram obrigados a sentar. Fizeram uma cota.

No entanto, o rapaz continuava sem aproveitar plenamente a felicidade. Sentia a solidão amargurar seu coração. Muitas vezes, ficava a noite inteira olhando o céu estrelado pela janela até que o sol chegasse desfazendo aquele encanto. Sonhava acordado com Lurdinha, e nas vezes em que fazia uma visita para Mãe Umbina ficava envergonhado de em insistir perguntando tanto por ela.

Em todas as vezes a resposta de Mãe Umbina era a sempre a mesma, não sabia quando Lurdinha regressaria para casa. Seu coração estava dolorido com a falta que a moça lhe fazia. Foi necessária aquela ausência para perceber o quanto a desejava.

Capítulo 87

Novamente estavam chegando os festejos de fim de ano. Agora seria a virada do século, o ano de 1901. Dessa vez, desde o início de outubro, era ele quem se obrigava a recusar fregueses. Nos meados do mês de novembro, contratou outro ajudante temporário para dar conta de todas as encomendas. Queria ser fiel à sua palavra.

Ele passou os primeiros dias do mês de dezembro quase todo muito atarefado, quase nem tinha tempo para dormir. Estava ganhando muito dinheiro, mas a exaustão já começava a se mostrar cruel para o seu corpo, mesmo ainda sendo muito jovem. Sentia que se continuasse naquele ritmo, logo ficaria doente. Resolveu que depois do ano-novo, ficaria algum tempo com a alfaiataria fechada já que sabia não contar com muitos fregueses nessa época.

Sua vida até ali, estava sendo dedicada inteiramente ao trabalho. Sua única diversão se constituía nas visitas esporádicas que fazia para Dona Anita e Mãe Umbina. Aproveitava os domingos para costurar roupas para si mesmo, precisava sempre se vestir com elegância, afinal ele era a maior propaganda de si mesmo. Notara que isso fazia muita diferença, os outros alfaiates, se vestiam muito mal e eram muito ignorantes.

Deco, por sua vez, era um jovem alfaiate que despertava uma atenção especial, muito educado, porém sem ser submisso, mantinha-se elegante, atendia aos fregueses vestido de colete, com uma camisa limpa e calças impecáveis. Sabia conversar sobre literatura e escutava sugestões. O paletó sempre estava ao alcance de suas mãos, pendurado num cabide perto da máquina de costura.

No sábado que antecedeu aos festejos da virada de ano, pouco antes do meio-dia, ele já estava empacotando os últimos ternos quando Miguel, o chofer do Senador, entrou na alfaiataria.

– Salve o Príncipe Negro! – Gritou Miguel abraçando o rapaz.

– Faz um bom tempo que não nos encontramos! – Disse Deco

alegre.

– Vejo que continua prosperando... – Disse Miguel olhando os pacotes. – Isso é muito bom! Só não se deixe levar pela vaidade.

– Vou ser sempre o mesmo! Não será por causa da roupa, nem do sucesso de momento, que me transformarei em outra pessoa.

– Já vi nessa minha vida, muita gente se deixar levar pela fama e depois morrer na miséria! - Miguel franziu a testa e apertou os olhos achando que podia ter falado mais do que devia.

– Não se preocupe, eu entendi... gostei do aviso! O que faz por aqui? – indagou Deco mandando o chofer sentar.

– O senador vai almoçar no palácio com o governador e eu aproveitei para convidar o Príncipe Negro para almoçar comigo. – Miguel e Deco gargalharam. – Acho que estarei bem melhor acompanhado. – O chofer completou ainda entre risos.

O rapaz pegou o seu novo relógio no bolso do colete e consultou a hora. Faltavam quinze minutos para o meio-dia. Ele sorriu lembrando que aquele relógio não era nenhuma joia, no entanto, fora comprado com o dinheiro que ganhara trabalhando, graças ao que roubara do defunto.

- Continuem empacotando esses dois ternos que faltam, e se aparecer alguém para pegar, avise que fui almoçar com um amigo! – Disse Deco para seu ajudante, que concordou com um aceno de cabeça, enquanto passava ferro numa calça.

O rapaz pegou o seu paletó no cabide, o vestiu e saiu da alfaiataria junto a Miguel.

Capítulo 88

O trajeto até o restaurante de Dona Safira era pequeno, no entanto Miguel se mostrou encantado com a popularidade daquele rapaz que a todo instante era cumprimentado por pessoas de todos os níveis. As mocinhas suspiravam ao vê-lo e muitas se ofereciam com sorrisos maliciosos e generosos. Ele apenas se mostrava educado e dava pouca importância para elas.

No restaurante, parecia uma festa, todos queriam convidá-lo para suas mesas. Ele recusava aquelas ofertas de maneira calma e delicada. Escolheu uma mesa próxima do caixa. Dona Safira saiu de onde estava e veio atender o rapaz pessoalmente de maneira muito íntima.

– Veio mais cedo! – disse Dona Safira acariciando de maneira maternal a cabeça do rapaz. – Hoje mandei preparar aquela comida especial pra você.

– Aquela com mariscos? – Indagou Deco esfregando as mãos.

– Isso mesmo! – Disse Safira com um sorriso largo nos lábios.

– Muito prestígio – Exclamou Miguel sacudindo a cabeça.

– Ele merece! – Safira acariciou novamente a cabeça de Deco. – Além de ser um inquilino maravilhoso, me trouxe uma freguesia inesperada. – Ela olhou em volta e depois para Miguel. – O que o senhor vai querer?

– Um filé com batatas! – Disse Miguel dando de ombros. – Pena que não tenho a mesma importância dele! – O chofer completou sorrindo.

Assim que Dona Safira se afastou, ele se aproximou de Deco e comentou espantado do quanto todas aquelas pessoas se mostravam amigas dele. O rapaz ficou constrangido. Chamou o garçom e pediu uma cerveja.

– Como vai Dona Glenda? – Indagou para Miguel tentando mudar

o rumo da conversa.

– Vai voltar pro Rio de Janeiro logo depois do ano-novo. – Disse Miguel de maneira displicente olhando em volta.

– O que aconteceu? – Deco demostrou preocupação.

– A governanta do patrão, lá no Rio de Janeiro, morreu na semana passada, e como a patroa está grávida, quer Glenda com ela. Coisa de mulher rica e mimada. – Ele bateu na testa como quem se lembra de alguma coisa importante. – Já ia me esquecendo. Dona Glenda ao saber que o procuraria para almoçar, pediu para lhe dizer que o aguardaria amanhã para um almoço de despedida. O patrão e a esposa estarão fora o dia inteiro. – Miguel sorriu com malicia. – Chegue cedo, antes das dez da manhã.

O garçom se aproximou trazendo a cerveja e serviu um copo para Deco e só depois serviu Miguel. O rapaz agradeceu e ficou algum tempo segurando o copo ainda sobre a mesa, com ar pensativo. Depois de tentar encontrar uma razão para aquele convite, resolveu não ter esperança de ver nele uma coisa maior do que a realidade. Mesmo assim, sentiu que estava excitado.

Capítulo 89

Pouco antes das dez horas da manhã do domingo, Deco chegou diante do portão da casa do senador. Havia se controlado para não madrugar e demonstrar a sua ansiedade para aquele encontro. Respirou profundamente enquanto abria o ferrolho. De cabeça erguida, e coração batendo descompassado, seguiu até a porta lateral de acesso para a cozinha.

A empregada se assustou quando o viu entrar na cozinha, mas logo que o reconheceu vestido num terno branco impecável. Sorriu maliciosamente e acenou lhe dizendo que chamaria Dona Glenda, enxugou as mãos no avental e entrou na direção da sala.

Pouco depois Glenda veio acompanhada da empregada e ainda da porta da cozinha acenou para Deco o mandando se aproximar. O conduziu de maneira formal para a sala. Deco não sabia o que pensar diante daquela atitude, esperava ser recebido com mais entusiasmo. Mesmo assim, ele seria um estúpido se tentasse negar o quanto ela o provocava.

Estava vestida de maneira bem jovial. Usava um vestido azul claro, leve e esvoaçante, que parecia lhe oferecer uma nuvem para ser seu tapete a cada passo. Os cabelos estavam soltos e o perfume inebriava o jovem que o aspirou com satisfação.

Assim que chegaram bem no meio da sala, ela se voltou para Deco e esboçou um leve sorriso, em seguida saltou sobre ele de maneira inesperada beijando-o como se o mundo fosse acabar naquele instante. Sem dizer uma só palavra, ela o puxou pela mão e subiu apressadamente a escada na direção do quarto.

A confusão na cabeça de Deco era imensa. Tentou indagar o que estava acontecendo, ela o silenciou colocando o dedo nos lábios dele. Aceitou aquela situação sem tentar entender. Apenas se deixou levar. No quarto, ela o despiu sorrindo maliciosa e cheia de desejo. Em seguida se deixou despir, os dois se jogaram na cama numa excitante loucura frenética.

Capítulo 90

Na noite do dia 31 de dezembro, Deco chegou ao lugar de onde havia saído. A vila de casas da Mãe Umbina que estava completamente modificada. Ele vestira o seu terno branco. Havia costurado aquela roupa para usar em ocasiões festivas onde se sentia descontraído.

Antes de seguir para o terreiro, ficou algum tempo observando as modificações em volta. Alguns postes de madeira levavam no topo os fios elétricos do progresso até a casa de Umbina. Agora o terreiro seria iluminado pelas lâmpadas da luz elétrica. Novidade bem recente que ainda não havia visto ali.

Três novas casas estavam sendo construídas com tijolos. Toda vez que um inquilino deixava uma das casas ela também aproveitava para fazer as obras, já reformara outras além da que transformara em escola e aguardava o retorno de Lurdinha para ser inaugurada. Aquele ano havia sido de muitas transformações.

Uma pontada no peito chegou junto com as recordações. Olhou saudoso na direção da árvore onde costumava amarrar o burro, depois na direção do poço onde lavava a carroça e sentiu saudades também de Vavá. Mesmo sendo um ignorante, se mostrou uma pessoa muito boa ao acolher em sua casa um menino sem presente e sem futuro.

Era um passado que o acompanharia para sempre. Nesse momento entendeu que a saudade de Lurdinha em seu coração era muito grande, bem diferente da falta que sentia depois de se despedir de Glenda. Pela gringa, era apenas desejo que deixaria de satisfazer, para com Lurdinha dedicava um carinho muito especial, lamentava a sua ausência no fundo da alma.

Olhou mais uma vez na direção do poço e estremeceu. As pessoas que amava ou desejava ter por perto terminavam se afastando ou morrendo. Talvez fosse o preço que pagava por ter sonhado em mudar de vida. Talvez fosse o preço que Ninga lhe exigia por ter aberto seus caminhos para tudo que vivia naquele momento.

– O preço está sendo muito alto! – Murmurou.

– Hihihi… Não lhe cobrei nada! – Disse uma voz que ele já sabia de quem era. – Hihihi…

– Não entendo! – disse se voltando para Ninga.

– Hihihi… Apenas afastei as pessoas que poderiam lhe atrapalhar. – Disse Ninga assoviando e sorrindo. – Sem elas, a escolha certa se tornou mais fácil. Agora entre no terreiro e deixe sua vida prosseguir sempre em frente.

Ele queria dizer qualquer coisa, só não encontrava na sua mente o argumento para questionar o que Ninga lhe explicara. Sabia que ele estava certo. Não teria feito nada se ainda fosse um ajudante de Vavá, não teria procurado uma vida nova morando com Dona Anita e por certo, sua paixão por Lurdinha desviaria seu foco.

Amargando a realidade, deu de ombros e seguiu na direção da casa de Mãe Umbina. Chegando ao portão, olhou para trás e Ninga já havia desaparecido. Respirou fundo vencendo seus medos e caminhou decidido para o terreiro.

Capítulo 91

Antes do início daquele batuque, Deco se aproximou de Mãe Umbina que estava conversando com Missinha. Depois dos cumprimentos carinhosos, ele foi logo indagando por Lurdinha e como sempre, recebeu a mesma resposta. "Ela está bem".

Ele se afastou sem insistir. Sua expressão de desamparo e angústia estavam revelando o que seu coração sentia. Missinha o puxou pelo braço olhando em volta e o levou até um canto mais afastado. Parecia querer ajudar aquele rapaz que sofria de maneira resignada.

– Esqueça Lurdinha! – Missinha suspirou como quem lamenta algo triste. – A menina escreveu uma carta na semana passada, parece que vai ficar noiva de um menino rico, filho de um usineiro de lá.

– A obrigação dela acabou? – Disse Deco sem confiança.

– Faz mais de um mês! – Missinha falou sacudindo a mão enquanto se afastava. De repente parou e voltou-se indecisa. – Não veio para casa por que não quis.

A cabeça de Deco parecia começar a inchar. Seu coração doía e suas mãos ficaram frias. Ele percebera que a moça o evitava por algum motivo. O que ele teria feito para Lurdinha estar magoada?

O batuque estava começando, ele não conseguia mais ficar naquele lugar. Estava sem saber o que fazer. De nada adiantaria ser um próspero alfaiate, sem a felicidade de ter Lurdinha em seus braços. Precisaria saber se realmente a amava. Sentou-se por sentir as pernas frouxas. Teria de pensar rapidamente no que fazer.

Levantou-se apressado e saiu quase correndo do terreiro. Queria a solidão de sua casa, queria fugir dessa realidade cruel que seria muito difícil de ser modificada sem uma atitude de sua parte.

Voltou andando para casa. Chorava silenciosamente ao perceber que continuava sendo um menino intimamente desamparado, embora estivesse querendo aparentar e se enganar na afirmação de já ser um homem. Talvez Lurdinha fizesse parte dos seus desejos infantis.

Capítulo 92

Por dois dias só saiu de casa para comer alguma coisa e logo retornava. Procurava ficar longe das pessoas para tentar acalmar a dor que sentia ao pensar que Lurdinha poderia se perder dele nos braços de outro amor. Havia colocado uma placa na porta da alfaiataria, avisando que só voltaria a funcionar em fevereiro.

No terceiro dia de isolamento, na hora do almoço, Dona Safira se mostrou preocupada diante da notória aflição do rapaz. Sentou ao lado dele que comia de maneira mecânica, parecia nem sentir o gosto. Apenas engolia o alimento que o manteria vivo.

– O que está acontecendo? – Ela pousou sua mão sobre a dele.

– Dúvidas... Muitas dúvidas... – Ele disse sorrindo de si mesmo.

– Resolva logo essas dúvidas. – Ela estimulou. – Vá logo, não deixe que a vida decida por você. Um homem não pode ficar com medo de encarar seus problemas.

O rapaz maneou a cabeça. Pela primeira vez parecia saber que a sua vida poderia realmente depender de uma solução naquele momento. Seria feliz ao lado de Lurdinha, ou amargaria definitivamente logo a certeza de não ter mais que sofrer sem saber o que poderia ser o resultado de uma tentativa. Dona Safira estava certa.

Deco levantou abruptamente e não conteve a gratidão pelas palavras de Dona Safira. Abraçou aquela senhora que se transformara em uma amiga muito querida. Beijou-lhe suavemente no rosto e suspirou. Diante do espanto dela, ele sorriu e voltou a sentar para comer. Sorrindo, demonstrou que algo bom renascera em seu coração. Saboreou com prazer o peixe ensopado.

Mandinho chegou muito alegre, mostrando para Deco que estava calçando os sapatos que ele lhe presenteara. Finalmente havia se acostumado com eles. Como eram um pouco maiores do que os seus pés, fez um enchimento com estopa, mas todos os seus amigos haviam ficado com inveja. Eram os sapatos do defunto que tanto machucaram os pés de Deco e que agora serviam bem melhor naquele menino que nem imaginava a história deles.

Capítulo 93

Ainda não amanhecera, havia vestígios da noite quando Deco saltou do bonde em frente à estação do Largo da Calçada. Gostaria de ter vindo de Jardineira, mas tão cedo assim, só o bonde começara a circular.

Elegante com seu terno cinza e segurando na mão uma maleta com uma muda de roupa, estava apavorado. Nunca nem se aproximara de um trem e agora teria de enfrentar aquela máquina ruidosa, seria como entrar no estômago de uma cobra de ferro.

Olhou o relógio no alto da torre da estação e depois pegou o seu relógio no bolso do colete. A hora estava igual, cinco e meia da manhã. Pelo que lhe informaram, havia o trem partindo às seis horas. Apressou-se para comprar a passagem, estava morrendo de medo e sem saber o que teria de fazer. Tanto na hora de comprar a passagem, como depois de chegar ao seu destino. Deu de ombros seguindo em frente.

Ao chegar à estação da cidade de Cachoeira, saltou aliviado. A viagem havia sido horrorosa. Além da sua ansiedade que transformara o caminho numa estrada interminável, o sacolejo do trem o fizera vomitar várias vezes. Mesmo assim, não negaria que a experiência não era de todo ruim. As paisagens que se modificavam diante de seus olhos grudados na janela, eram novidades que lhe faziam bem.

Depois de saltar, ficou algum tempo parado olhando o trem que partiu novamente, apitando, até sumir de sua visão, atravessando a ponte sobre o rio. Enchendo o peito de ar, olhou em volta e viu um rapaz jovem, branco, bem vestido, conversando com um homem negro já velho, junto de um carrinho de mão para transportar bagagem. Aproximou-se e perguntou como poderia chegar ao Terreiro Babá-Erê.

O homem negro se adiantou e indicou o caminho. O jovem lançou um olhar de desprezo para Deco que percebeu também haver um sorriso de desdém, talvez por inveja da bela roupa que trajava. Nem se importou. Agradeceu a informação e seguiu na direção indicada.

Caminhou por duas ruas e logo saiu da cidade. Era uma estradinha

estreita que aos poucos o levou ao meio do nada. Só havia muito mato em volta. Alguns minutos depois chegou numa encruzilhada. Não havia qualquer indicação para aonde deveria ir. O terreiro não deveria ser muito distante, vários despachos estavam espalhados por todos os cantos.

Dois meninos negrinhos, quase despidos, saíram do mato com os badoques nas mãos. Acreditou que estavam caçando passarinhos. Aproveitou para perguntar novamente pelo terreiro e um dos meninos apontou a estrada que deveria seguir e saiu gargalhando, correndo junto com o outro, novamente para dentro do mato.

Deco logo reconheceu que eram dois Êres, começou a duvidar que a informação fosse correta, aquele menino poderia ter feito uma brincadeira com ele. Pensou um pouco olhando os caminhos com ar indeciso e resolveu seguir em frente, exatamente como lhe apontara o menino. Algo martelava sua cabeça lhe avisando para não ter muita confiança no que um Erê lhe dizia.

Conhecia pouco sobre as coisas do candomblé. No entanto, a fama daquelas crianças espirituais corria de boca em boca. Logo percebeu o engano que cometera. O fim da manhã se anunciava, ele estava de volta ao ponto de partida. No mesmo lugar onde encontrara as crianças. Perdera tempo.

Completamente exausto, voltou para a cidade, estava sendo vencido pela sua ignorância. Pelo medo das coisas que sempre estiveram à sua volta. Ao recusar acreditar, também se recusou em conhecer. Agora não adiantava mais ficar lamentando.

Capítulo 94

Ao chegar novamente à cidade, Deco procurou uma hospedagem barata perto da feira. Muito suado, resolveu tomar um banho e jogou-se na cama, adormeceu sem nem almoçar. Ao acordar jantou com apetite, depois sentou-se um banco que estava esquecido ao lado da porta da pensão. Ficou observando algumas crianças brincando em frente de uma casa próxima.

Sentia-se perturbado por ter perdido o dia inteiro andando no meio da mata, sem alcançar o seu objetivo. Havia sido enganado deliberadamente pelos Erês. O que eles queriam lhe dizer? Qual a razão para isso? Ponderou que tudo aconteceu apenas para alertalo.

Essas perguntas continuavam grudadas na cabeça de Deco, como piolho, incomodavam muito e não encontrava um remédio para aliviar o incomodo. Repentinamente ele sentiu uma mão pesada tocar seu ombro. Voltou-se rapidamente. Encontrou ao lado o mesmo negro que lhe informara o caminho do terreiro ainda na estação de trem.

– Olá! – disse Deco respirando fundo. - Me assustei!

– Não precisa! – O homem acendeu um cigarro de palha, que já estava pronto em sua mão. – Encontrou o terreiro?

– Que nada! – Deco deu de ombros. – Fiquei perdido na mata!

– Encontrou com os meninos... Erês?

– Os danadinhos me informaram o caminho errado! – Deco sorriu de maneira acanhada.

– É assim mesmo! – O homem sentou no chão. – Você tem medo deles?

– Não sei se é medo... – Deco ficou algum tempo pensativo coçando a cabeça. – Acho que tenho medo de tudo ligado ao candomblé.

– Não devia! – O homem se espreguiçou. – Um protegido de Exu...

– Quem lhe disse isso? – Deco se mostrou surpreso.

– Estou mentindo? – O homem gargalhou. – Você sabe!

– Como faço para passar pelos Erês? – Deco indagou desconfiado.

– Como você agradaria uma criança? – O homem ficou de pé. – Eles são maravilhosos, criaturas puras! A brincadeira é algumas vezes cruel como qualquer criança faz.

– Já eu, não sei o que fazer! – Deco suspirou.

– Vai ter de saber! Eles protegem aquele terreiro! – O homem bateu duas vezes no ombro de Deco. – A resposta é única para cada pessoa!

– Qual é o caminho certo? – Deco indagou aflito.

– Estava indo certo! – O homem olhou em volta. – Todos os caminhos levam ao mesmo lugar, basta que acredite em você mesmo. Decida… no que quer acreditar. Até logo e boa sorte!

Deco ficou observando o homem se afastar até sumir na escuridão. Sua mente também estava imersa nas trevas, sem qualquer ideia do que poderia fazer para chegar ao Terreiro Babá- Erê. Pouco depois, ele foi forçado a entrar, uma chuva grossa desabou sem qualquer aviso.

Capítulo 95

Caiu na cama ainda vestido. Pouco depois de deitar, Deco não conseguia pensar em nada, ainda se amargurava pelo fracasso do dia. Adormeceu profundamente escutando o barulho da chuva no telhado. Estava ainda mais confuso depois da conversa à noite, com aquele homem, antes de entrar por causa da chuva.

Ao cantar do primeiro galo, Deco pulou da cama. Sentia-se febril e a sua boca estava seca. O silêncio era tão grande que duvidou de si mesmo, não acreditava ter realmente acordado. Seus olhos estavam abertos, mas ainda não conseguia enxergar. O cheiro era de terra molhada, embora soubesse que ainda estava no quarto da pensão.

Esfregou os olhos. O seu esforço em melhorar a visão de nada adiantava, o máximo que ele conseguia era perceber leves vultos à sua volta. Tudo estava completamente embaçado. Agoniado com a situação, se encaminhou na direção da saída do quarto, para sua surpresa, depois de abrir a porta, sua visão tornou-se plena. Como se uma nuvem que o encobria se dissipasse.

Correu para a rua e seguiu em frente sem saber o motivo do desespero. Algo estranho o conduzia na direção da mata. Era uma força sem explicação. Seus pés tocavam a terra molhada tão rapidamente, que até lhe parecia por alguns segundos, voar como um pássaro. Sentia a realidade do que lhe acontecia, mas também se confundia, os seus movimentos eram irreais, como se estivesse preso num sonho maluco.

Não havia qualquer controle de suas pernas, corria desesperado sem ao menos entender o que lhe acontecia e para aonde estava indo. Somente depois de ter penetrado fundo no meio da mata, suas pernas enfraqueceram e ele caiu no chão. O que lhe impressionava a princípio, era o fato de não ofegar depois da correria. Logo em seguida isso já não importava mais, a sua volta o cenário era inesperado.

As árvores se desmanchavam lentamente e surgia uma casa pequena ao lado de um terreiro onde uma mangueira muito frondosa, bem ao

centro, reinava absoluta. Muitas crianças corriam alegres de um lado para o outro.

Lá estava Lurdinha, saindo lentamente da casa. Deco respirou profundamente, ficou de pé e se encaminhou na direção da moça. As crianças gritaram assustadas, ele ficou paralisado no meio do caminho. Lurdinha sorria e ao mesmo tempo começava a se desmanchar, exatamente como ocorrera com as árvores. Deco acordou suando e tremendo ainda na cama. Dessa vez estava realmente de olhos bem abertos. Seu coração batia tão forte que lhe parecia pronto para estourar.

Aquele pesadelo estava grudado no seu corpo. Seus pés sujos guardavam a lama da caminhada, muito embora estivesse certo de não ter saído do quarto. Tudo aquilo deveria ter uma explicação. Precisava pensar muito no que estava fazendo ali na cidade de Cachoeira para não prejudicar Lurdinha. As decisões seriam difíceis e definitivas.

De nada adiantaria levar com ele seus medos e seus temores. Para se aproximar de Lurdinha, teria primeiro de vencer a si mesmo ou ela poderia sofrer consequências desastrosas. Não havia sido em vão a vinda dela para esse local.

Tudo estava sendo explicado naquele sonho. Ele a destruiria, negando o que mais lhe assustara a vida inteira. Algo lhe dizia que a sorte estava lançada na escolha complicada que teria para fazer. Aceitaria ou não, o apadrinhamento de Exu?

Capitulo 96

Depois do café da manhã, Deco saiu caminhando pelas ruas da cidade, desatento, sem prestar muita atenção nas coisas que estavam à sua volta. Queria apenas caminhar e pensar. Quando conversou com o velho Ninga, ficou bem claro que Exu estaria sempre ao seu lado. Se isso fosse verdade, o preço da proteção seria nunca ser feliz ao lado da mulher que amava?

Não poderia ser assim. Uma entidade tão poderosa como Exu jamais cobraria algo tão mesquinho. Sem o amor, não seria feliz e de nada adiantaria ter prosperado na vida. A solução poderia ser muito mais simples do que o seu medo do candomblé lhe sugeria. Teria de tentar conversar primeiro com quem soubesse o que fazer. Quem seria essa pessoa?

A ignorância que vadiava impune na sua cabeça não lhe servia para isso. Continuava sendo um infantil vaidoso, um descrente muito parecido com um burro que puxava a carroça.

Depois de um bom tempo, ainda estava sem saber como responder a si mesmo uma simples pergunta, continuava sem saber como passar pelos Erês. Nunca havia sido uma criança normal, nunca fora mimado. O que uma criança gostaria de ganhar para confiar numa pessoa estranha?

Voltou à pensão e procurou se informar onde ficava o terreiro. A cozinheira foi muito detalhista na hora de explicar o caminho. Ela conhecia bem o lugar. Além disso, sugeriu uma maneira de agradar aos Erês. Bastaria que comprasse doces, balas de mel de cana e bolachinhas de goma. Deco não conseguia entender o motivo da comida. Entidades espirituais não comiam.

Com informações mais precisas, Deco se animou e saiu decidido na direção do terreiro. Aquela mata era silenciosa, e quase na mesma encruzilhada anterior, encontrou várias crianças Erês, saltitando de um lado para outro.

– Posso passar? – Indagou o rapaz.

Sem aguardar resposta, Deco retirou do bolso as guloseimas e as colocou junto de uma árvore. As crianças gargalharam e se aproximaram dançando. Tentando brincar também, Deco se sacudiu imitando os Erês. Uma menina muito magrinha lhe apontou a direção e rapidamente todos desapareceram no meio da mata, numa gritaria divertida.

Deco sorriu com tanta inocência interesseira. Afinal de contas, continuavam sendo crianças. Andou quase meia hora e já acreditava ter seguido na direção errada, quando avistou à sua esquerda um caminho que levava até uma vila no alto de um morro com umas dez casas. Algo lhe dizia que chegara ao local onde encontraria Lurdinha. Estava ficando cansado e arrependido de não ter alugado um cavalo para lhe servir de condução.

Assim que entrou na rua estreita da vila, encontrou uma mulher lavando roupa junto de um córrego. Perguntou novamente pelo Terreiro e a mulher gargalhou. Ela disse que o rapaz estava no lugar errado. Percebendo o ar de aflição de Deco, o acalmou. O terreiro ficava em outro lugar, mas a casa de Mãe Chiquinha, a dona do terreiro, ficava logo ali. Apontou. Era a segunda casa da rua.

Todas as casas eram bem simples, e ele se aproximou batendo palmas e gritando "Ô de Casa". Depois de aguardar impaciente por algum tempo bateu palmas novamente e antes de gritar a porta foi aberta. Surgiu diante dele uma mulher ainda jovem, embora mais velha do que Lurdinha. Era bonita e na cabeça ostentava um turbante amarelo e branco.

– Estava lhe esperando, Deco! – Ela acenou para que ele entrasse. - Os Erês me avisaram!

– Como sabe quem eu sou? – ele entrou na casa com ar desconfiado.

– Sou mãe Chiquinha! Além dos meus meninos, meu guia espiritual me avisou que você estaria chegando hoje! – Ela olhou o rapaz da cabeça aos pés, mas parecia ver alguma coisa além de suas roupas. – Não pode falar com Lurdinha agora.

– Preciso muito! – Ele implorou.

– O preferido de Exu tem que fazer primeiro um trabalho de descarrego. – Ela mandou o rapaz sentar numa cadeira. – Vou lhe rezar primeiro, depois digo o que vai comprar para arriar o despacho.

Mãe Chiquinha saiu de casa e logo estava de volta com um maço de folhas de arruda na mão. Ficou algum tempo passando as folhas em volta do corpo do rapaz enquanto murmurava uma reza que ele não conseguia entender. As folhas foram murchando e finalmente Chiquinha soltou um longo suspiro e jogou as folhas no chão de terra batida. Parecia completamente exausta.

– Preciso mesmo de tudo isso? – Indagou Deco desconfiado.

– Se quer encontrar com Lurdinha e deixar a moça viva, vai precisar de tudo isso! – A mulher respondeu arquejando.

Para Deco, não colocou mais nenhum empecilho, se deixou conduzir ao saber que poderia colocar em risco a vida da mulher que amava. Poderia ser apenas superstição, não queria arriscar. Assim que Chiquinha lhe disse o que teria de comprar, ele saiu quase correndo na direção da cidade. Nem lembrou que estava faminto.

Quando entrou no mercado da cidade à beira do rio, viu uma barraca que vendia comida. Seu estômago roncou. Resolveu fazer uma pausa para comer uma rabada de boi. Depois comprou a galinha preta, a garrafa de cachaça, farinha de mandioca e o azeite de dendê, fez uma revisão na encomenda. Havia comprado tudo, agora só faltava uma gamela de madeira.

Não poderia se esquecer de mais doces para os Erês. Ele é que complicou tudo com seus temores, que o afastava das soluções simples. Era claro que tudo aquilo o amedrontava, mas reconhecia que as respostas habitavam a sua mente já respondidas.

Teria de ser menos preconceituoso. Mesmo sem acreditar, deveria ter respeito e buscar informações. Agora já não estava certo de conseguir manter sua descrença que talvez fosse mentirosa. Como negar o que sempre esteve diante dos olhos?

Para ser sincero com ele mesmo, teria de reconhecer que sua resistência se tornara inútil. Negava a si mesmo o que via, negava o que sentia e o pior, era negar a sua própria destinação nessa crença. Mesmo assim, tentaria não se envolver. Queria acreditar que isso seria possível.

Capítulo 97

Ao entardecer, ele voltou até a encruzilhada perto da casa de mãe Francisca e arriou o Ebó. Não acreditava que um espírito se importasse com comida, mas aquele era um ritual que não ousaria desrespeitar, embora mantivesse na sua cabeça uma controvérsia, ainda morria de medo dessas coisas. Fez um agradecimento sincero com as palavras brotando do coração.

Ao sair de perto de onde arriou o despacho, ouviu alguém assoviando e gargalhando, voltou a olhar e se surpreendeu, era o velho Ninga.

– Hihihi… Não precisava disso meu querido, bastava acreditar! – O velho Ninga se sacudiu. – Mas vai lhe ajudar.

– Estava ameaçando Lurdinha, não a deixaria morrer! – Disse Deco acanhado.

– Tem razão… Precisa entender que tudo isso foi necessário. – Ninga assoviou – Sem conhecer o que tememos, não podemos seguir em frente. Você agora já sabe por ter experimentado de que as crenças não se desmancham. A mocinha seria destruída pela sua descrença. Lembra do sonho da noite passada?

– Poderia ter me dito...

– Não seria um aprendizado bom! – Ninga se sacudiu. – Sou também o mestre do universo. Pense mais longe e alto do que seus olhos alcançam. Seja corajoso e nunca se esconda de si mesmo. O medo pelo que não conhecemos é ignorância sem solução quando não buscamos o conhecimento.

– Foi duro o aprendizado! – Disse Deco, com ar cansado.

– Agora já sabe andar e abrir o próprio caminho. Não se preocupe que estarei sempre ao seu lado, basta chamar. – Ninga assoviou duas vezes muito agudo.

– Será mesmo que vou deixar minha ignorância no passado? – Deco disse melancólico.

– Nunca esqueça que a vida é feita de um novo aprendizado todos os dias. – Ninga abriu os braços apontando para o céu. - Todas as manhãs, acordamos ignorantes, ansiosos do que teremos para experimentar nas horas seguintes. Nunca estamos plenos. Em breve vai seguir suas obrigações espirituais. – Ninga gargalhou percebendo a expressão desconfiada do rapaz. - Espere e verá! Será o guia, será sempre o meu preferido. Tudo tem um tempo para acontecer. Será meu guia preferido.

Como uma nuvem de fumaça soprada por uma brisa suave, o velho desapareceu. Um grande alívio percorreu a alma do rapaz. Mesmo sem entender o que Ninga havia sugerido, não percebia mais em si, a angústia que o trouxera até aquele lugar.

– Não vou ser um pai de santo! – disse convicto.

Ele retomou o caminho de volta à cidade. Ao entrar na pensão, foi até a cozinha, não deixaria de agradecer as informações preciosas da cozinheira. Passou a noite toda dormindo e acordando, estava muito inquieto. Sentia-se uma criança esperando por um presente. Logo poderia se deliciar novamente com o perfume natural que exalava do corpo de Lurdinha.

Capítulo 98

Ao se encontrar com Lurdinha pela manhã na casa de Mãe Chiquinha, Deco se emocionou, mas logo percebeu que ela o tratava carinhosamente, embora se mantivesse distante. Continuava linda e como sempre, com um olhar alegre e muito atrevido. Pensou em desistir de tudo, sair correndo com medo de envolver aquela moça numa encrenca. Mas Mãe Francisca lhe afirmara que depois do despacho, não havia nenhum perigo.

Quem quebrou o silêncio foi Lurdinha. Depois de sentarem ao pé de uma mangueira frondosa, onde as mangas maduras se espalhavam pelo chão, ela suspirou profundamente e olhou o rapaz diretamente nos olhos.

– Como vai sua namorada...? – Ela fez cara de entojo. - Aquela loira gringa?

– Quem? – Ele se espantou com a pergunta.

– Aquela do retrato! – Lurdinha falou olhando em volta, fingindo-se displicente.

– Nunca foi minha namorada. – Ele agora entendia o motivo da aparente distância, do tratamento frio, era ciúme. – Dona Glenda foi apenas uma mulher que se mostrou amiga. - Ele preferiu omitir os detalhes da amizade. – O retrato foi para ela guardar uma recordação, já que estava voltando para o Rio de Janeiro e por ter ficado muito satisfeita com o resultado da minha costura. Foi ela que me deu aquele tecido barato, não acreditava que se transformasse numa roupa elegante.

– Faz sentido! – Lurdinha se mostrou convencida.

– Por falar nisso... Como vai o seu namorado, o filho do usineiro?

– De onde você retirou esse namorado? – Lurdinha olhou para Deco de lado franzindo os lábios.

– Ele já lhe pediu em casamento? – Deco insistiu.

– Quem lhe disse essas coisas? – Indagou Lurdinha confusa.

– Você que contou isso na carta que mandou para sua mãe. – Deco esfregou as mãos nervosamente, mantendo os olhos no horizonte.

– Minha mãe lhe disse isso? – Lurdinha se mostrou desconfiada.

– Não! – Deco respirou fundo. – Quem me contou foi Missinha.

– Eu sabia! – A moça sorriu.

– Então foi por isso que veio para esse lugar? – Deco gaguejou. – Veio procurar marido rico?

– Não seja grosseiro! – Lurdinha o repreendeu.

– Perdoe minha ignorância! – Deco abaixou os olhos, envergonhado.

– Missinha inventou esse filho de usineiro. – Ela gargalhou. – Tem mais... Não me decidi em vir para cá, foi necessário. – Lurdinha fez uma pausa medindo as próximas palavras. – Desde pequena que já sabia que, jogando búzios depois de ficar mocinha, teria de assumir minhas obrigações. Desobedeci por infantilidade. Se eu ficasse, poderia morrer ou causar danos para outras pessoas. Meu futuro indicava isso.

– Então volte para casa, eu não consigo mais viver feliz sem você! – Disse Deco num ímpeto de coragem extrema. – Se você me aceitar, prometo que serei um marido diferente dos que conhecemos. – respirou profundamente. – Meu coração diz que lhe farei feliz.

– Foi pra isso que veio até aqui? – Ela estava atônita. – Para me pedir em casamento?

Ela ficou observando o rapaz lhe confirmar com um aceno de cabeça o motivo de ter vindo de Salvador. Estava tentando conter a sua vontade de aceitar logo aquele pedido, mas precisava ter cautela.

– Vamos com calma! – Ela olhou em volta pensando no que diria. – Dentro de alguns dias, termino o que me falta fazer aqui e quando voltar, nós teremos outra conversa sobre isso. Agora precisa me deixar pensar e consultar meus guias. Pegou-me de surpresa.

– Está certo! – Deco ficou de pé. – Vou esperar por você a vida inteira se for preciso!

– Não prometa aquilo que nem sempre vai ser possível! – Lurdinha olhou de lado para esconder os olhos marejados de lágrimas. – Talvez

nossos caminhos se espalhem.

– Se eu fosse você... – ele respirou profundamente. - Acreditaria! – suspirou percebendo que Lurdinha não era mais a mesma. – Acho que devo ir embora!

Ele olhou para a moça com o semblante cheio de amor para lhe oferecer. Estendeu suas mãos para ela e a puxou para si. A moça nem teve tempo de imaginar o que ocorreria, ele a beijou suavemente nos lábios.

Ela estava diferente, e ele sentia que também não mantivera a mesma inocência, era um outro Deco. Como um animal medroso, saiu correndo e saltitante de volta para a cidade. Nem queria olhar para ela com medo de vê-la se desmanchar como no sonho. Havia sido muito atrevido.

Capítulo 99

Quando o trem partiu de Cachoeira naquela madrugada, Deco estava feliz por ter se encontrado com Lurdinha, no entanto, seu coração ainda estava apertado no peito. Ela se recusara em aceitar seu pedido imediatamente, isso não era muito bom. A moça ficara em dúvida, para ser sincero consigo mesmo, admitia que também pairava em sua cabeça algo assim.

Havia em sua alma uma profunda sensação de decepção. Lembrou imediatamente do que Glenda lhe dissera sobre o amor. Precisava não confundir as coisas, agora não era mais um menino deslumbrado por Lurdinha. No entanto não se precipitaria, teria de ter paciência. Conter sua ansiedade.

Na volta não ficou enjoado com as sacudidelas do trem, aproveitou a paisagem do alvorecer olhando tudo pela janela e deixou sua esperança de sucesso o empolgar. Lurdinha voltaria em breve para casa e ambos teriam a oportunidade para avaliar os sentimentos, se conhecerem melhor, de serem mais precisos pensando como adultos.

Ao saltar na estação da Calçada, saiu caminhando diretamente para o ponto das jardineiras. Estava quase na hora do almoço e seu estômago roncava de fome. Inesperadamente, chegando ao pátio externo da estação, sentiu uma mão cair sobre seu ombro. Ao voltar-se encontrou o sorriso divertido de Miguel.

Depois de apertarem as mãos, Miguel se ofereceu para levar o rapaz para casa. Viera trazer o senador que viajara para Santo Amaro, onde participaria de um evento festivo e só retornaria no dia seguinte. Deco nunca entrara num automóvel, e durante todo o percurso, mantinha os olhos fixos, observando a maneira como Miguel dirigia.

– Gostaria de aprender a dirigir? – Indagou Miguel quando chegaram ao Largo do Tesouro.

– Parece muito difícil! – Disse Deco concordando com a cabeça.

– Que nada! – Miguel gargalhou. – Você é esperto, em pouco tempo aprende. Aproveite que dentro de alguns dias vou ter muito tempo de folga. O senador vai para o Rio de Janeiro e não sei se vou continuar trabalhando para ele quando voltar. Ele é um pedante, muito metido a besta e eu quero progredir na vida.

Miguel contou que gostaria de vender coisas, já que era bom nisso, e que na última vez que estivera no Rio de Janeiro, lhe ocorrera uma ideia de montar negócio. Estava esperando receber o dinheiro da venda de um terreno seu na beira da praia, que antes não valia nada e que depois do início das obras de urbanização da praia de Copacabana, recebera uma oferta inacreditável.

– Não sei… Pensei que poderia ter uma camisaria, você costura e eu vendo. – Disse Miguel.

– Quem sabe... Também não sei... – Disse Deco com ar animado embora indeciso, saltando do automóvel sem pressa. – Conversamos mais sobre isso, nem sei direito o que é uma camisaria.

Depois que se despediram Miguel deu meia volta no carro e foi embora. Deco entrou no restaurante de Dona Safira e almoçou com prazer. As coisas em sua vida estavam sendo bem encaminhadas. Não queria mais ficar preso ao que Lurdinha decidisse. Já não acreditava ser fundamental que a moça aceitasse o seu pedido de casamento para se declarar um homem feliz. O mundo era muito grande e a vida cheia de novas oportunidades.

Assim que terminou de comer, desceu a ladeira ao lado do restaurante e dobrou a esquina, pensava apenas em cair na sua cama e dormir um pouco. Na porta da loja de armas, viu o armeiro recostado na parede fumando um cigarro. Assim que o homem viu Deco, acenou aflito para ele chamando. Logo que o rapaz se aproximou, ele o agarrou pelo braço o arrastando para o interior da loja.

– Encrenca meu rapaz! – Disse o armeiro pegando um papel numa

gaveta da sua bancada de trabalho. – Se tiver o dinheiro para pagar a multa, eu lhe ajudo na prefeitura, tenho um amigo lá que faz tudo para regularizar a sua licença de funcionamento.

Deco nem sabia do que se tratava e o armeiro explicou que o fiscal passara no dia anterior por ali e ao ver a placa da alfaiataria, procurou saber a data do início do funcionamento e deixou a multa. Se Deco já fosse licenciado, a multa seria cancelada.

O valor da multa era muito alto, Deco coçou a cabeça com ar de preocupação. Sabia que não se preparara para uma coisa assim e não possuía o dinheiro necessário. O armeiro disse ainda que ele precisava arrumar o dinheiro dentro de uma semana ou o fiscal voltaria para levar coisas, talvez a máquina de costura.

Deco entrou em casa sentindo-se apavorado e se jogou na cama. Nem cumprimentara o ourives que estava na sua sala trabalhando. O seu sonho de ser alguém na vida estava sendo exterminado por aquela multa. Sem a sua máquina de costura não teria como continuar com a alfaiataria.

Capítulo 100

Foi mais uma noite terrível para Deco. Ficara deitando e levantando várias vezes pensando numa solução para ter dinheiro e pagar a multa. Não sabia a quem recorrer num momento desses. Além da multa, ainda teria de ter mais dinheiro para fazer a sua licença de funcionamento, já estava derrotado.

Nas primeiras horas da manhã, seu corpo inteiro estava dolorido e sua cabeça a ponto de explodir. Pegou melancolicamente a caixa de charutos onde guardava suas recordações e a colocou sobre a mesa. Abriu a tampa cuidadosamente e retirou o retrato de sua mãe com o seu pai. As lágrimas corriam lentamente pela sua face. Não queria voltar a ser um carroceiro.

Retirou o retrato onde ele estava ao lado de Glenda e o acariciou recordando do rosto belo daquela mulher que, de alguma maneira misteriosa e profunda, se introduzira na sua vida o fazendo um homem. O envolvera de tal maneira que chegou a confundir os seus sentimentos. No entanto, ela mesma lhe ensinou que existia uma grande diferença entre o desejo do sexo e o amor. Suspirou inquieto lembrando-se de Lurdinha.

Por um momento passou pela sua cabeça que depois daquele despacho que arriara em Cachoeira, Exu lhe abandonara à sua própria sorte. Ele merecia e não poderia reclamar, fez a escolha para tentar ter Lurdinha ao seu lado. Pegou em seguida o pouco dinheiro que sobrara do seu pagamento por um serviço e no fundo da caixa, a corrente de ouro do relógio que roubara do defunto, cintilava.

Ocorreu-lhe uma ideia que lhe pareceu muito boa, embora nem soubesse se daria para ajudar, era uma esperança. Pegou a corrente, e ficou um bom tempo com ela nas mãos sem coragem de tentar logo colocar em prática a ideia. Ela poderia não ter muito valor e seria mais um engano para sua vida.

Assim que escutou o ourives abrindo a porta da sua sala de trabalho,

resolveu que pelo menos poderia tentar conseguir dinheiro para a multa, depois encontraria uma maneira de obter um empréstimo com um agiota para regularizar sua alfaiataria na prefeitura. Não poderia perder a máquina de costura.

Dando um longo suspiro de resignação, o rapaz foi até a sala do ourives e bateu na porta de maneira tímida. O ourives era um homem muito simpático e acenou da sua mesa de trabalho para Deco entrar, ele estava consertando uma joia.

– Algum problema? – Indagou voltando a sua atenção para o trabalho.

– Gostaria de saber se tem interesse nessa corrente de ouro...

– Me deixa ver? – O ourives pegou a corrente na mão estendida de Deco e a olhou minuciosamente e em seguida sacudiu a cabeça. – Não compro esse tipo de joia.

Ele continuou com a corrente nas mãos, com ar pensativo. Deco sentiu seu coração quase parar de bater. A sua esperança se desfazia em milhões de pedaços. Estendeu a mão e pegou a corrente de volta. Desanimado, já estava saindo da sala quando o ourives o chamou de volta.

– Acho que consigo vender para você, essa é uma joia muito cara e não é fácil encontrar comprador, mas lembrei-me agora que tem um homem que se interessaria. – O ourives ficou de pé. – Deixe comigo…, se tiver confiança. Dentro de dois ou três dias lhe digo se conseguir vender. Vou querer uma comissão.

Deco maneou a cabeça e entregou a corrente para o ourives.

Capítulo 101

Uma enorme angústia se abateu sobre Deco por cinco dias numa espera aflita, que lhe parecia interminável. Os dias corriam apressados quando se lembrava da sua dívida e ao mesmo tempo, se arrastava sem conseguir uma solução por parte do ourives.

Estava ficando nervoso e quase nem conseguia se alimentar, muito menos manter uma conversa demorada e divertida quando encontrava algum conhecido. Até as boas lembranças não frequentavam mais a sua mente. Nem a esperança de ter Lurdinha em seus braços o animava.

Todas as tardes, caminhava sem destino e quase sempre ficava entediado. Estava perdendo a esperança de manter a alfaiataria funcionando. Finalmente, o ourives bateu na sua porta e o puxou até a sua oficina. Deco ficou esperando o que o homem teria para dizer. Manteve silêncio tentando acalmar o coração desgovernado no peito.

Pela expressão do ourives, o rapaz não saberia antecipar o que poderia esperar. Silenciosamente, o ourives foi até a bancada de trabalho e pegou um pacote que entregou para Deco.

– Ontem, quando estava fechando a oficina, o homem chegou aqui todo agoniado e me pagou pela corrente. – O ourives deu de ombros. – Só não lhe entreguei logo o dinheiro por que estava apressado para um compromisso.

Deco abriu o pacote e contou o dinheiro, era muito mais do que o valor da multa. Uma fortuna. Um sorriso largo tomou conta do seu semblante. O ourives percebendo a surpresa do rapaz, contou que aquela era uma joia muito fina com mais de cem anos e o ouro era muito puro, dos melhores do mundo, além de ter dois diamantes que a valorizavam muito. Eram verdadeiras preciosidades.

O rapaz nem conseguia acreditar, aquelas pedrinhas que ornavam as pontas da corrente eram mais valiosas do que o ouro. Acertou a co-

missão do ourives e foi correndo procurar o armeiro para resolver de uma vez por todas seu problema. Nunca imaginara que aquela corrente valesse tanto, inúmeras vezes o valor do relógio.

Ainda naquele dia, respirou completamente aliviado. No fim da tarde estava com a multa paga e o risco de perder sua máquina de costura, afastado. O amigo do armeiro, que trabalhava na prefeitura, garantiu que dentro de quinze dias Deco já teria a sua licença de funcionamento, mas preveniu que o rapaz aguardasse por ela antes de abrir novamente a alfaiataria.

Capítulo 102

A licença para funcionamento da alfaiataria só foi liberada na primeira semana de fevereiro. Alguns dias depois ele abriu novamente as portas, estava mais seguro e confiante. Agora sabia como se manter longe das multas municipais.

Pela primeira vez, foi as ruas no carnaval junto com Miguel e se divertiu muito. Já não pensava tanto em Lurdinha, que não lhe dava notícias. O seu coração parecia mais leve acreditando que a vida determinaria, se fosse o caso, que a teria um dia em seus braços. Mesmo que fosse numa ilusão. Esse era um pensamento que o mantinha feliz e completamente descomprometido.

Logo depois dos festejos do carnaval, ele voltou ao trabalho, embora com poucos fregueses. Aproveitara esses dias de pouco trabalho para se entregar ao novo aprendizado que Miguel lhe proporcionava o ensinando a dirigir o automotor.

As conversas sobre a camisaria era o assunto preferido do chofer durante as aulas de direção. No final do mês, ele já sabia conduzir muito bem um automóvel e sonhava que talvez um dia fosse capaz de ter dinheiro para ter uma máquina como aquela.

Sabia que era um sonho, no entanto, havia se acostumado a ficar atento a todas as possibilidades que a vida oferecia. A cada dia sua clientela retornava, sempre trazendo muitas encomendas e novos fregueses que o estimulavam nesses desejos, que até bem pouco tempo, seriam considerados absurdos se continuasse ajudando Vavá com a carroça.

Ele agora era um homem menos ignorante. Possuía uma profissão respeitável e rendosa, poderia até casar com qualquer moça da cidade, desde que fosse negra ou pobre, sem que a preocupação que a sobrevivência fosse algo terrível.

Ele apenas sorria de si mesmo com aquelas ilusões. Seu coração estava sangrando na solidão. Passava quase todas as noites costurando. Nem mesmo aceitava os convites dos amigos para uma noitada nos bordéis. Queria esperar sem culpa pela chegada de sua amada, mesmo que nunca sua fantasia se tornasse realidade. Era seu maior sonho e desejo.

Capítulo 103

A rotina de Deco era quase sempre muito igual. O trabalho distraía. Naquele dia de sábado específico, estava desatento, os seus pensamentos circulavam perdidos por um mundo muito lúdico e seu. A imagem de Lurdinha estava o tempo inteiro tomando conta da sua cabeça. No entanto, não lhe parecia algo tão dolorido ao ponderar que nunca mais a teria, suspirou várias vezes resignado.

Na véspera, Miguel tentara mais uma vez aquele convite para uma farra num bordel, ele recusara. No entanto, havia ficado tentado a aceitar, dessa vez. Talvez estivesse sentindo o peso da solidão o esmagando. Aquele beijo no meio do terreiro, sob a mangueira frondosa, era a única recordação que o fazia ter esperança e ao mesmo tempo duvidar do amor.

A sensação provocante, daqueles lábios doces e quentes da moça, ainda estava grudada nos seus. Seu coração bateu mais forte e o perfume dela voltou à sua mente como uma onda de prazer tomando conta do seu corpo, deixando-o amolecido.

Sorriu de si mesmo. Estava sendo uma criança, um Erê. Lurdinha era um sonho de menino ignorante, a vida ensinara outras coisas, devia se conformar. Sua ida até a cidade de Cachoeira despertara dúvidas. Aproveitaria essa oportunidade para prosseguir em sua busca pela felicidade independente dessa emoção. Teria de pensar de maneira adulta, avaliar melhor os seus sentimentos.

Depois de liberar o seu ajudante, pouco antes de fechar a alfaiataria, foi surpreendido com a chegada de Missinha e Dona Umbina. Elas o abraçaram de maneira tão carinhosa e emocionada, que ele até desconfiou que algo de ruim estivesse acontecendo.

– Que honra por essa visita inesperada! – Ele falou acenando para as duas sentarem no sofá.

– Estava aqui perto e resolvi fazer uma visita! – Umbina acariciou suavemente o rosto do rapaz. - Bateu a saudade.

– Tem quase um mês que não aparece! – Disse Missinha.

– Muito trabalho! – Deco se justificou. – Também estava saudoso!

– Não pode viver assim! – Umbina repreendeu o rapaz. – Trabalhar tanto pode lhe fazer muito mal, precisa se divertir um pouco!

– Vez por outra... – Deco sacudiu os ombros. – Eu faço uma farra com amigos! – Ele coçou a cabeça com ar de dúvida. – Notícias de Lurdinha?

– Esse menino só pensa em Lurdinha! – disse Missinha.

– Quero que vá jantar lá em casa essa noite! – Disse Umbina. – Comprei uma arraia e mariscos.

– Já deixei tudo pronto antes de sair! – Missinha cutucou o rapaz. – Coloco no fogo assim que chegar. Tem até aquela cachaça que você gostou.

– Algum motivo especial para esse convite? – Indagou Deco desconfiado.

– Desde quando eu preciso de um motivo especial para convidar você para jantar lá em casa? – Umbina se mostrou contrariada.

– Ainda tenho muito trabalho... Não sei... – Deco ficou constrangido.

– Não estou perguntando se pode ir! – Disse Umbina de maneira decidida. – Estou dizendo que o jantar será essa noite e você vai!

– Está tão magrinho! – Missinha sorriu. – Ficar sem se alimentar é muito perigoso! Depois reclama, fica ruim dos pulmões...

– Concordo com Missinha! – Umbina olhou em volta. – Melhorou muito a alfaiataria!

– Tenho procurado isso para atrair os melhores fregueses. – Disse Deco orgulhoso.

– Esse negrinho vai longe! – Missinha bateu palmas. – Quem diria, que o moleque, ajudante de carroceiro, um dia seria um alfaiate de sucesso!

– A conversa está boa! – Umbina ficou de pé. – Espero você lá em casa esta noite!

Depois que as duas mulheres saíram, Deco fechou a alfaiataria e foi para casa. Estava muito desconfiado daquela visita e do convite para jantar.

Percebera que mãe Umbina mudara rapidamente de assunto quando perguntou por Lurdinha. Normalmente, responderia "Está Bem!". Dessa vez não dissera nada.

Talvez esse jantar fosse para anunciar o fim daquela espera que já lhe parecia inútil. Uma maneira de evitar a mágoa mais intensa. Deveria se preparar e esperar por tudo, até o talvez... Anunciar um casamento de Lurdinha com outra pessoa, ou que nunca mais voltaria.

Pensou que estava na hora de encerrar de vez aquela sensação de perda. De nada adiantava ter progredido na vida se o seu coração permanecesse na pobreza do afeto verdadeiro, como um burro puxando a carroça. Não seria mais o menino Deco e sim Fidelis, o alfaiate. Atravessou a rua caminhando de cabeça baixa chutando as pedras soltas.

Capítulo 104

Como se fosse interminável para Deco, o restante da tarde do sábado se tornou angustiante. Aquele jantar na casa de mãe Umbina provocava suas fantasias e seus horrores. De qualquer forma, já o saboreava com um prazer sofrido. Não teria como descrever a ansiedade por deixar a vida lhe ensinar a ter o que precisava, e não, o que desejava. Não ficaria pensando mais em Lurdinha.

Preferia alimentar a ilusão de uma notícia animadora. Lurdinha chegaria em breve e os dois poderiam se conhecer de verdade como homem e mulher, iniciarem uma nova fase de vida e descobrir se havia a verdadeira paixão e o amor. Queria permanecer nesse caminho sendo ou não um engano até que ele fosse desfeito. Seria digno consigo mesmo e tomaria com altivez a vida que se apresentasse como possível. Não se deixaria levar para o abismo da decepção imatura.

O rapaz vestiu seu terno branco. Queria impressionar Mãe Umbina e, talvez assim, ter forças para suportar notícias definitivas sobre a mulher que até então acreditava amar. Sonhava em ter alguma ideia de quando a encontraria novamente, nem que fosse apenas para se despedir e agradecer o que ela lhe proporcionara.

Ao chegar à entrada da vila, ficou como sempre algum tempo diante de onde seria a escola de Lurdinha e onde havia morado por muitos anos de favor. Aquela era a antiga casa de Vavá e Anita. Nunca negaria a gratidão do acolhimento, mas a morte de Vavá o libertou para uma nova vida. Era impressionante como tudo e todos à sua volta também seguiram caminhos inesperados, assim como ele.

Sentiu saudades do velho burro. Olhou com carinho para o poço onde costumava pegar água para lavar a carroça, tomar banho e encontrar com o velho Ninga. Fez uma reverência agradecido e se encaminhou para a casa que até pouco tempo o arrepiava de medo.

O cheiro do burro fazia parte de sua existência, não adiantaria se perfumar ou trocar de roupa. Estava entranhado nas suas vísceras e

não precisaria ter vergonha disso. Sem a certeza ou esperança em ter Lurdinha, talvez fosse essa, a última vez que pisaria naquele lugar. Teria de sair de si mesmo, abandonar o menino miserável e deixar o homem próspero viver na sua alma.

Respirou fundo antes de bater na porta. Uma sensação de ilusão o abstraiu da realidade. Escutou aquele riso indecifrável de Ninga. Estranhamente um momento muito rápido de escuridão tomou conta dos seus olhos e logo em seguida um jato de luz forte o ofuscou. Passou a mão no rosto, respirou profundamente e bateu na porta.

Foi recebido por Dona Umbina, toda sorridente. Visivelmente demonstrava não caber em si de tanta alegria. O beijou duas vezes. A animação parecia ser muito real. Era tanta emoção que Deco ficou retraído à espera dos acontecimentos. Não entendia o motivo do comportamento de mãe Umbina. Ela sempre o tratava com carinho, mas agora exagerava.

– Entre, Deco! – Ela falou mirando o rapaz dos pés até a cabeça. – Muito elegante! Um verdadeiro "Príncipe Negro"! O preferido de Exu!

Ela levou o rapaz diretamente para a cozinha, e antes de entrarem, segredou que ele não poderia mais esquecer aquela data. O rapaz ficou pensando qual seria o motivo tão importante e percebeu que havia um sorriso malicioso nos lábios dela.

– O que há de especial nesse dia para nunca mais ser esquecido? - Deco indagou desconfiado.

– Ele nem faz ideia! – Disse Missinha caindo numa gargalhada gostosa chegando ao seu lado, repentinamente.

– Hoje é aniversário de Lurdinha! – Disse Umbina sorrindo. – Seja mais atento!

Se aquele dia era o aniversário de Lurdinha, não fazia sentido comemorar sem a presença dela. Ainda não conseguia entender muito bem o aviso contido nas palavras de mãe Umbina. Permanecia muito

desconfiado. Deco entrou na cozinha relutante e sem pressa. Ficou imediatamente petrificado. Seria impossível ser real aquele presente que o aguardava.

As lágrimas embaçaram quase afogando os olhos de Deco que deixou escapar todo o seu espanto e emoção sem medo de mostrar os sentimentos. Lurdinha estava magnífica, toda vestida de branco com um pano amarelo envolvendo a cabeça. Os dois se abraçaram com tanta força e paixão que pareciam um só corpo.

O rapaz não sabia como se comportar diante daquele encontro sem saber o que era real ou ilusão. Assustou-se percebendo que novamente a sensação da realidade fugia da sua mente, sabia que vivera por um instante essa fantasia.

Ficou aflito. Por uma fração de tempo muito pequena novamente tudo havia escurecido e a luz muito intensa ofuscou os seus olhos. Acreditava que havia imaginado tudo, ainda se encontrava do lado de fora da casa diante da porta.

Mais uma vez queria recuar. Tomou coragem novamente quando escutou aquele riso estranho e enigmático de Ninga. Respirou profundamente buscando coragem para entender o que acontecera. Não sabia se aquela visão seria uma projeção do futuro ou apenas um desejo que se manifestara.

Decidiu que não teria motivo para recuar. Estava no momento de seguir adiante. O futuro não era imutável, teria de ser construído.

Bateu na porta e Mãe Umbina o recebeu sorrindo.

FIM

O texto deste livro foi composto em fonte Garamond corpo 12 e 14, impresso em papel Offset 90g, na Gráfica e Editora Liceu, em 2019.

Depois do sucesso da primeira edição, lançada em 2016, o Selo Literário João Ubaldo Ribeiro tem a honra de trazer mais um conjunto de obras produzidas por novos e consagrados autores baianos. Para garantir a diversidade de gêneros, foram mantidos os estilos Conto, Crônica, Dramaturgia, Infantil, Poesia, Romance, Republicação e Livre.

A continuidade dessa iniciativa demonstra o quanto Salvador necessitava de uma ação que pudesse incentivar, valorizar e apoiar a produção literária local. Afinal, as belezas, a cultura, as tradições e as contradições da primeira capital brasileira serviram de estímulo e inspiração para grandes nomes da literatura brasileira e mundial, dentre eles o próprio baiano João Ubaldo Ribeiro, que dá nome ao selo.

Com o Selo Literário, a Prefeitura e a Fundação Gregório de Mattos prosseguem com a missão de investir no mais importante elemento de identidade da capital baiana: a cultura.

ACM Neto

FGM Fundação Gregório de Mattos

Secretaria de Cultura e Turismo

SALVADOR PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL